



**A PERCEÇÃO DO TURISTA SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO
NATURAL E CULTURAL NA REGIÃO DOS PICOS DA EUROPA**

Rui Emanuel Vitorino Simões Gomes

Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção do Grau de
Mestre em Ecoturismo

Coimbra, 2017



**A PERCEÇÃO DO TURISTA SOBRE A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO
NATURAL E CULTURAL NA REGIÃO DOS PICOS DA EUROPA**

Rui Emanuel Vitorino Simões Gomes

Relatório de Estágio Profissionalizante para obtenção do Grau de
Mestre em Ecoturismo

Júri:

Presidente: Sara Proença, Professora Adjunta

Arguente: Pedro Bingre, Professor Adjunto

Orientador: Orlando Simões, Professor Coordenador

Coorientador: Isabel Dinis, Professora Coordenadora

Nº 21528002

Coimbra, 2017

“Everyone wants to live on top of the mountain, but all the happiness and growth occurs while you’re climbing it”

Andy Rooney

Agradecimentos

Aos meus pais e irmão, que sempre se mostraram compreensivos e presentes para me ajudar e que são a base sólida para eu caminhar com felicidade ao longo do meu percurso.

Ao professor Orlando Simões, pela ajuda na escolha do tema, pelo apoio e disponibilidade demonstrada ao longo de todo o estágio e ainda pelo paciente trabalho de revisão e orientação desta investigação.

À professora Isabel Dinis, pela sua simpatia, disponibilidade e paciência e ainda pela partilha dos seus vastos e valorosos conhecimentos.

À Frontera Verde Aventura em especial ao meu orientador Juan Feliz e a todos os colaboradores pela forma como me acolheram e integraram e que de algum modo contribuíram também, para o resultado deste trabalho.

Aos meus amigos e colegas do “Secundário”, “Futebol Apoiado”, “3Mosqueteiros”, “ESAC” e “3B”; pela sua presença e constante amizade demonstrada.

Aos professores da ESAC que tive a oportunidade de conhecer ao longo do Mestrado de Ecoturismo.

A todos aqueles com quem tive o prazer de partilhar mais esta fase da minha vida e que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para o empenho, dedicação e motivação no decorrer deste trabalho

E por último, os meus agradecimentos não são apenas para os que me ajudaram nesta etapa final do curso, mas a todos os que foram “pontos de inspiração” ao longo do meu percurso académico!

Resumo

O presente trabalho inseriu-se no estágio de mestrado em Ecoturismo, realizado no âmbito do Programa Erasmus, na região nos Picos da Europa, Astúrias – Espanha.

Neste relatório pretende-se divulgar o trabalho de estágio realizado na empresa de acolhimento e investigar o perfil do turista que visita a região dos Picos da Europa e a sua perceção sobre a preservação do património natural e cultural dessa região.

Foi realizada a caracterização e o enquadramento geral do destino turístico “Picos da Europa”, com revisão bibliográfica sobre os conceitos de Património Natural e Cultural, bem como da necessidade da preservação do referido património.

A metodologia para concretizar o objetivo proposto (pesquisa descritiva com recolha de dados através de questionário aplicado a uma amostra de duzentos e um turistas na região) e a elaboração das imprescindíveis análises técnicas de dados estatísticos, mapas e gráficos, mereceu pormenorização adequada, por forma a obter conclusões muito concretas das situações que foram objeto de estudo.

Depois de avaliadas as suas motivações e aplicado o Método de Custo de Viagem para compreender quais as variáveis que mais influenciam a procura do local como destino de férias, o estudo aponta para que estejamos perante um turista de natureza “soft”.

Palavras-Chave: Picos da Europa, Meio natural, Turismo ativo, Património, Perfil do turista, Método Custo de Viagem

Abstract

The present work was part of the Master's degree in Ecotourism, carried out under the Erasmus Program, in the region of Picos de Europa, Asturias - Spain.

The purpose of this report is to publish the traineeship work carried out at the host company and to investigate the Picos de Europa tourists' profile and their view on the natural and cultural heritage preservation of that region.

A characterization and general framework of the tourist destination "Picos de Europa" was carried out, along with a bibliographical revision of the Natural and Cultural Heritage concepts, as well as the necessity of preserving said heritage, in the context of the sustainable development.

The methodology for achieving the proposed objective (descriptive survey with data collection through a questionnaire applied to a sample of two hundred and one tourists in the region) and the elaboration of the indispensable technical analysis of statistical data, maps and graphs, deserved appropriate detail, so as to obtain very concrete conclusions about the situations that were object of study.

After evaluating their motivations and applying the Travel Cost Method to understand which variables have a greater influence on the demand for this place as a holiday destination, the study points out that we are facing a tourist of the "soft" type.

Keywords: Picos de Europa, Natural environment, Active tourism, Heritage, Tourist profile, Travel Cost Method

Sumário:

1. Introdução	1
2. Picos da Europa	4
2.1 Caracterização do Parque Nacional	4
2.1.1 Geologia	6
2.1.2 Clima.....	8
2.1.3 Flora.....	9
2.1.4 Fauna	12
2.2 História.....	14
2.3 Cultura e Gastronomia da Região	16
2.4 Zonas de importância turística	19
2.4.1 Cangas de Onís – Covadonga – Lagos	20
2.4.2 Arenas de Cabrales – Poncebos – Sotres – Bulnes	22
2.4.3 Potes – Fuente Dé	24
2.4.4 – Posada Valdéon – Caín.....	26
3. Fronteira Verde Aventura	28
3.1 Caracterização da empresa	28
3.2 Atividades desenvolvidas no estágio	32
4. A preservação do património natural e cultural: Conceptualização	46
4.1 Da necessidade de preservar o património natural e cultural	46
4.2 Definições e classificação de Património.....	49
4.3 Conceitos e Políticas de Conservação	52
4.4 A importância na sociedade	58
4.5 Métodos de Valoração do Património.....	62
5. Metodologias de análise utilizadas	66
5.1 Investigação, amostra e recolha de dados	66
5.2 O Método Custo de Viagem	68
5.3 O modelo de análise	69
6. A perceção do turista sobre o valor patrimonial dos Picos da Europa.....	71
6.1 Os turistas que visitam a região	71

6.2 O que procuram os turistas nos Picos da Europa	77
6.3 Estimação do valor patrimonial da região	81
7. Conclusões	84
Referências bibliográficas	90
Anexos	99

Índice de Figuras e Tabelas

Fig. 1 Localização do Parque - PNPE	4
Fig. 2 Mapa dos Picos da Europa - PNPE.....	6
Fig. 3 - Gráfico com temperaturas médias e precipitações mensais no PNPE [Fonte: meteoblue]	9
Fig. 4 - Logotipo Frontera Verde	28
Fig. 5 - Exterior da FV	29
Fig. 6- Localização da FV	30
Fig. 7 - Receção da Frontera Verde Aventura	30
Fig. 8 - Armazém com alguns equipamentos das atividade	31
Fig. 9 - Página inicial do <i>site</i>	42
Fig. 10 - Facebook dos Picos da Europa	43
Fig. 11 - Plano de calendarização de conteúdos online.....	43
Fig. 12 - Locais de inquirição.....	68
Fig. 13 - Proveniência dos Turistas.....	72
Fig. 14 - Tipo de Viagem.....	73
Fig. 15 - Meio de Transporte	74
Fig. 16 - Tipo de Alojamento.....	74
Fig. 17 - Fatores na escolha de Alojamento	75
Fig. 18 - Razões da viagem.....	77
Fig. 19 - Curva da procura.....	81
Tabela 1 – Cronograma das tarefas desenvolvidas no estágio	32
Tabela 2 - Lista de artigos elaborados (nos anexos)	44
Tabela 3 - Variáveis e sua descrição.....	70
Tabela 4 - Grau de Instrução dos Turistas	71
Tabela 5 - Rendimento líquido mensal do agregado familiar	72
Tabela 6 - Síntese do perfil dos turistas inquiridos	76
Tabela 7 - Avaliação do turista sobre os recursos dos PdE	79
Tabela 8 - Características e objetivos do turismo de natureza (VERA, 1997)	80
Tabela 9 - Variáveis investigação	82

Lista de abreviaturas

ANETA - Asociación Nacional de Empresas de Turismo Ativo

FV - Frontera Verde

ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

ITCM - Método de Custo Viagem Individual

MCV – Método Custo de Viagem

OAPN – Organismo Autónomo Parques Nacionais

OMT - Organização Mundial do Turismo

ONU – Organização das Nações Unidas

PdE- Picos da Europa

PENT- Plano Estratégico Nacional do Turismo

PN – Parque Nacional

PNPE- Parque Nacional Picos de Europa

SITA - Sistema de Información Turística de Asturias

TA – Turismo Ativo

TCM - Travel Cost Method

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

1. Introdução

O presente relatório insere-se no âmbito do Estágio do Mestrado em Ecoturismo. O estágio foi realizado ao abrigo do programa Erasmus e desenvolveu-se no período entre o dia 22/09/2016 e 20/12/2016, na Empresa Frontera Verde Aventura, sediada em Espanha, na Região dos Picos da Europa, Astúrias.

O local onde se desenvolveu o estágio é de grande atividade turística e está inserido na região de um dos Parques Naturais¹ mais emblemáticos da Europa, eleito desde 2003 pela UNESCO, como Reserva da Biosfera² (PNPE, 2010). Pelas suas características, o Parque Nacional e a região dos Picos da Europa assumem um relevante interesse turístico, não apenas pelo seu meio natural, mas também pela sua cultura e tradições.

Os espaços naturais, pelo seu reconhecido valor natural, cultural e paisagístico, constituem um potencial de desenvolvimento para a prática de atividades turísticas de Turismo de Natureza (THR, 2006). O aproveitamento destes recursos naturais como produtos turísticos teve um grande impulso e tem sido uma alternativa para muitos problemas de desenvolvimento em algumas regiões.

De facto, verifica-se desde o início do século um crescimento na procura das atividades que promovem uma relação de grande proximidade entre turismo, natureza e atividades nesse meio e, segundo o PENT (2006), com tendência para aumentar essa procura.

Também o grande significado que têm hoje a sustentabilidade e a preservação para a salvaguarda das gerações futuras criaram a necessidade de assumir esses

¹ “Entende-se por «Parque Natural» uma área que contenha predominantemente ecossistemas naturais ou seminaturais, onde a preservação da biodiversidade a longo prazo possa depender de atividade humana, assegurando um fluxo sustentável de produtos naturais e de serviços” (ICNF, s.d.).

² As reservas da biosfera são definidas pela UNESCO como “laboratórios vivos, onde se desenvolvem como funções principais, a conservação de paisagens, ecossistemas e espécies, o desenvolvimento sustentável a nível social, económico, cultural e ecológico; atuam como plataformas de investigação, monitorização, educação e sensibilização, visando sempre a partilha de informação e de experiência adquirida” (COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO, s.d.).

espaços como um património na aceção de monumento natural, pela sua importância, enquanto suporte de investigação e pesquisa, contemplando o registo, a exploração das potencialidades dos bens culturais e naturais no campo da memória, das raízes culturais e da valorização da diversidade.

Se por um lado a motivação e a procura da interação com a natureza pode apresentar níveis de interesse diversificados por parte dos turistas ou visitantes (PENT, 2006), por outro, as suas perceções podem constituir um verdadeiro guia para o desenvolvimento dos destinos turísticos. Dado que o fenómeno turístico apresenta grande complexidade, a sua compreensão só é possível pela observação e análise. Esta temática tem sido alvo de inúmeros estudos e diferentes abordagens em vários âmbitos da investigação social, quer a nível internacional, quer a nível nacional, regional e mesmo local.

A paisagem, a identidade e as características dos povos dos Picos da Europa, relacionam-se com uma série de factos históricos e com as atividades humanas desenvolvidas. Os Picos da Europa são de relevante interesse turístico e apresentam grande riqueza patrimonial, de onde sobressaem as áreas protegidas, pelo seu reconhecido e elevado valor natural, cultural e paisagístico, o que motivou a que se pretendesse aumentar o conhecimento e a informação sobre o perfil do turista que visita essa região, em relação às suas perceções, impressões, interesses e opiniões numa perspetiva de viagem para esse destino.

O presente estudo pretende ser mais um contributo para o desenvolvimento da região, para a realização de escolhas estratégicas para o sucesso das empresas turísticas, de entidades e atores locais e para o bem-estar das próprias comunidades.

Tendo em vista a necessidade de uma experiência prática onde aplicar os fundamentos aprendidos no âmbito do Ecoturismo, o estágio teve como principal finalidade o acompanhamento das atividades desenvolvidas na empresa de acolhimento de forma a consolidar as competências adquiridas nessa área. Numa perspetiva de investigação (fazendo uso dessa experiência) pretendeu-se produzir conhecimento útil para a sociedade. Por outras palavras, tomar consciência da realidade, possuir o conhecimento e fazer uso dele, contribuindo desta forma para um

entendimento mais profundo da imagem percebida dos Picos da Europa, como destino turístico. Assim, os principais objetivos propostos são:

- Conhecer a realidade do Turismo Ativo em regiões de montanha;
- Praticar atividades de guia turístico;
- Melhorar o domínio de línguas estrangeiras (inglês e espanhol);
- Analisar a percepção do turista sobre o valor e preservação do património natural e cultural;

O presente relatório não só descreve as atividades desenvolvidas na empresa ao longo das 12 semanas de estágio, como também apresenta o resultado da investigação efetuada na Região dos Picos da Europa e cujo tema dá o título ao presente relatório.

Este relatório divide-se, assim, em duas partes distintas: Uma primeira, que aborda a caracterização do Parque Nacional Picos da Europa e da região (ponto 2) e da empresa acolhedora do estágio profissionalizante, incluindo a descrição das atividades realizadas ao longo do estágio (ponto 3); uma segunda parte é constituída pela fundamentação teórica, através de pesquisa e revisão bibliográfica (ponto 4), pelas metodologias de análise (ponto 5) e, por fim, pela investigação realizada paralelamente ao estágio (Ponto 6). Os pontos 1 e 7 compreendem, respetivamente, a Introdução e as Conclusões deste relatório. Termina o relatório com a bibliografia utilizada e com os anexos.

2. Picos da Europa

Neste ponto será feita uma caracterização do Parque Nacional Picos da Europa, quanto às suas características geomorfológicas, ecológicas, biológicas, edafoclimáticas e históricas. Também será feito um enquadramento contemplando a cultura e gastronomia e locais de importância turística da região dos Picos da Europa.

2.1 Caracterização do Parque Nacional

Os Picos da Europa encontram-se situados no extremo geográfico da Europa. Estão portanto, inseridos na cordilheira Cantábrica, entre o mar e a cordilheira com o mesmo nome (PNPEU, s.d.). O seu território estende-se desde os limites da Cordilheira Cantábrica até às províncias espanholas de Astúrias, León e Cantábria (Figura 1).



Fig. 1 Localização do Parque - PNPE

Pelas suas características geomorfológicas, ecológicas, biológicas, históricas e culturais, os Picos da Europa são sem dúvida, um espaço singular. Com uma superfície total de 64539,60 hectares (MAPAMA, 2016), o Parque Nacional dos Picos da Europa é o segundo maior da rede de parques nacionais de Espanha e une os limites territoriais administrativos de dez municípios pertencentes a três províncias e a três comunidades autónomas diferentes. Este PN é peculiar também pela sua situação administrativa, pois este é o único pertencente a três comunidades autónomas diferentes e gerido de forma conjunta. Cantábria, Astúrias, e Castela e Leão são as três comunidades autónomas que participam na cogestão do PNPE (Figura 2).

No coração desta impressionante montanha de cumes afiados, caracterizada pela sua natureza calcária e por estar rodeada de uma paisagem de abruptas e complexas ravinas e abismos, encontram-se as maiores altitudes da Cordilheira Cantábrica. Os Picos da Europa estão divididos em três principais maciços: o Ocidental (Cornion), o Central (Urrieles) e o Oriental (Ándara). Os maciços estão delimitados pelos rios Sella e Dobra a oeste, Deva a este e atravessados ao centro pelo Cares e o Duje, todos eles com direção a sul-norte, formando profundos vales e desfiladeiros (MONTAÑAS, s.d). São mais de 200 cotas que superam os 2000 metros de altitude. A cota mais alta do parque com 2650 metros, situa-se no pico de Torrecerredo e a mais baixa, ao nível do mar, situa-se no rio Deva. Uma das suas particularidades reside na grande diferença entre elas; da cota mais alta à mais baixa, há uma diferença de 2575 metros (HOZ, 1999).

Os Picos da Europa constituem um dos espaços naturais mais admiráveis da Península Ibérica. Os seus afiados cumes de calcário são sem dúvida uma parte importante da sua identidade e quem os vê pela primeira vez, fica fascinado pela sua incomparável beleza. São montanhas que, pela sua moldura, exercem um enorme atrativo. No entanto, este local é muito mais que um bonito postal da natureza. Os Picos da Europa são também um labiríntico espaço de montanha onde convergem ecossistemas, culturas e muitos e diversos interesses económicos, turísticos e desportivos (MAPAMA, 2016) mas são principalmente um espaço natural protegido que alberga milhares de seres vivos, alguns muito escassos noutros lugares. O Parque

Nacional pertence à Rede Natura 2000,³ tendo sido também declarado pela UNESCO, em 2003, como Reserva da Biosfera.



Fig. 2 Mapa dos Picos da Europa - PNPE

2.1.1 Geologia

Os Picos da Europa constituem um sistema montanhoso de acidentada orografia, com alguns picos agudos e profundos desfiladeiros, cuja peculiar natureza geológica é caracterizada por um substrato calcário de idade predominantemente carbonífera (FERNÁNDEZ, 2002), relevos que sobressaem em todas as montanhas de Cantábria.

Uma das características mais destacadas do relevo dos Picos, deriva da sua natureza geológica. As pedras calcárias da idade carbonífera apresentam uma elevada

³ Rede Natura 2000: “é uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia resultante da aplicação da Diretiva 79/409/CEE do Conselho, de 2 de abril de 1979 (Diretiva Aves) - revogada pela Diretiva 2009/147/CE, de 30 de novembro - e da Diretiva 92/43/CEE (Diretiva Habitats) que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade. Constitui o principal instrumento para a conservação da natureza na União Europeia” (ICNF,2016).

resistência à erosão, preservando a morfologia geral dos bosques deslocados pelas placas tectónicas (LÓPEZ, s.d.).

Como unidade fisiográfica constitui um conjunto agreste de relevos calcários situados na vertente norte da cordilheira Cantábrica. Os seus limites sudoeste e sudeste são bruscos e erguem-se abruptamente sobre os amplos vales, contrariamente aos seus limites oriental, ocidental e norte, que são mais difusos com exceção do noroeste. Estes limites foram estabelecidos nos profundos vales dos rios Sella e Dobra, a oeste e o rio Deva, a leste. Dois outros rios, os Cares e Duje delimitam o maciço central e são também os responsáveis por esculpir os vales, uma obra de milhões de anos e que podemos observar até aos dias de hoje.

Apesar de os grandes maciços se terem formado durante a orogenia⁴, o período glacial foi um dos que mais influenciou na modelagem dos Picos da Europa. Os restos mais interessantes desses processos, dominados por períodos interglaciais temperados e chuvosos e períodos mais frios e que ainda se podem ver na atualidade nos Picos da Europa, desenvolvem os sistemas glaciares mais importantes da Cordilheira Cantábrica (ARCE, 2010).

A calota de gelo (ou calota glacial) domina a paisagem das montanhas dos picos, chegando a criar, a 300 metros de profundidade, vales com características formas de "U", atualmente conhecidos como "jous" ou geleiras (PNPEU, s.d.). A importância do fenómeno da geleira nos Picos de Europa é evidente na extensão das calotas de gelo que cobrem os três principais maciços que compõem os Picos de Europa e mais concretamente a capa do maciço ocidental (ou Cornión) que representa o maior sistema de geleira das montanhas da Cantábria. Atualmente, a atividade da geleira nos Picos de Europa é meramente testemunhal, preservando algumas manchas de neve nas cavidades do maciço Central, acima de 2000 metros.

Devido ao complexo relevo dos Picos da Europa, em muitos casos não é possível o desenvolvimento de solos profundos. Isto ocorre especialmente nas zonas de alta e média montanha, onde encontramos amplas superfícies em que apenas

⁴ Conjunto dos fenómenos de movimentos da crosta terrestre

abunda a rocha calcária, o que significa a ausência total de um solo apropriado para que cresça vegetação (TRUEBA, 2006). Normalmente, junto destes afloramentos rochosos, acumulam-se pedras procedentes da erosão, que com o passar do tempo estabilizam permitindo o desenvolvimento de plantas adaptadas a viver em condições extremas de falta de humidade e nutrientes.

2.1.2 Clima

Dada a sua grande proximidade ao mar, nos Picos da Europa predomina um clima húmido temperado do tipo Atlântico. Na vertente norte, existe um clima Atlântico puro e, na vertente sul, um clima Atlântico-continental. Os Picos da Europa recebem anualmente um grande volume de precipitação em forma de chuva e de neve, sendo os meses de junho e julho os mais secos e os meses de inverno os mais húmidos graças à contribuição de precipitação em forma de neve (Figura 3). Nalguns pontos a precipitação pode superar os 2000 mm anuais (TIEMPO, 2005).

A sua altitude junto ao mar condiciona a que as massas de ar húmido quando chegam à costa ascendam de forma rápida e imprevisível, promovendo a formação de frentes nublosas, com a conseguinte condensação, provocando frequentes precipitações.

Na encosta norte as precipitações são mais abundantes devido à frente montanhosa que faz uma “barreira” natural para as frentes húmidas provenientes do Cantábrico (PNPE, 2012). Estas frentes descarregam nos Picos da Europa e na zona situada entre estes e o mar. A proximidade com o mar e o mesmo efeito de barreira, proporciona temperaturas mais amenas na encosta norte.

A presença de neve acentua-se sobretudo durante os meses de inverno, principalmente a partir do mês de dezembro. No entanto, a neve permanece de uma forma permanente em muitas partes dos Picos da Europa podendo até ser vista durante os meses de verão.

Existe, no entanto, uma certa diferença climática nos Picos da Europa, favorecida pelo amplo gradiente altitudinal. Encontramos, deste modo, pequenos redutos de clima mais mediterrâneo no fundo de alguns vales. Em altitudes mais baixas, encontramos temperaturas mais amenas e em zonas mais elevadas o clima é mais rigoroso. Este gradiente altitudinal do clima determina a presença de umas ou de outras espécies e, por essa razão, encontramos uma grande diversidade de ecossistemas nos Picos da Europa (FERNANDEZ, s.d.).

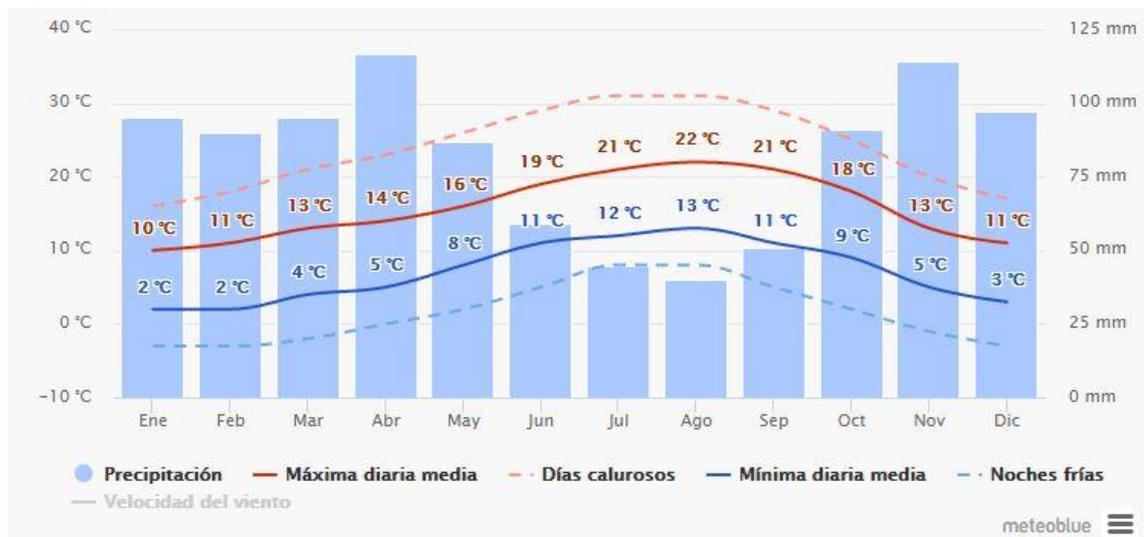


Fig. 3 - Gráfico com temperaturas médias e precipitações mensais no PNPE [Fonte: meteoblue]

2.1.3 Flora

Nos Picos da Europa a vegetação é influenciada por três principais fatores: climáticos, edáficos e antrópicos (HOZ, 1999).

a) Fatores climáticos – Na Península Ibérica distinguem-se duas regiões bioclimáticas; a Mediterrânea e a Euro siberiana, inserindo-se os Picos da Europa nesta última. Como referido anteriormente, a proximidade do mar Cantábrico facilita a entrada de ventos carregados de humidade, dando lugar a precipitações durante todo o ano, levando a que subsista uma paisagem permanentemente verde. Dentro de cada região, as condições climáticas (temperatura, humidade, ventos, etc.) variam com a

altitude e com a latitude, dando lugar a pisos bioclimáticos, os quais estão associados a distintos pisos de vegetação.

Na região Euro siberiana, distinguem-se os seguintes pisos de vegetação; Colino Montano, Subalpino e Alpino.

- **Piso colino** (0-800m) - são bosques mistos caducifólios com abundância de espécies representativas como *Quercus robur* (Carvalho-alvarinho), *Castanea sativa* (Castanheiro), *Corylus avellana* (Avelaneira). Estes bosques ocupam vales próximos das povoações, e normalmente, alternam-se entre prados de feno e de cultivo, fruto da transformação dos primitivos aglomerados arbóreos.
- **Piso montano** (800-1800m) – estão presentes, neste piso, espécies como *Cytisus scoparius* (Giesta), *Cytisus cantabricus* (Giesta cantábrica), *Erica arborea* (Urze), *Betula celtiberica* (Bétula), *Quercus petraea* (Carvalho-Alvar), *Linaria triornithophora* (Esporas-bravas) e *Quercus faginea* (Carvalho Português). À medida que se ascende, vai diminuindo o número de espécies e, pouco a pouco, os carvalhos vão dando lugar às faias.
- **Piso subalpino** (1800-2400) – aqui, quando o solo não permite o desenvolvimento de mata, dá lugar a espécies de vegetação arbórea (árvores de pequeno porte e arbustos); *Calluna vulgaris* (Urze-roxa), *Juniperus communis* (Zimbro-rasteiro), *Arctostaphylos* (Uva-de-Urso), *Juniperus sabina* (Erva-sabina), *Festuca burnatii* (Festuca).
- **Piso alpino** (acima de 2400m) - a vegetação limita-se à presença de espécies herbáceas adaptadas a viver em condições extremas, com temperaturas muito baixas no inverno e largos períodos de repouso por permanência de neve, tais como *Arenaria purpurascens* (Arenaria), *Jurinea humilis* (Jurinea), *Androsace villosa* (A. villosa).

b) Fatores edáficos – Para além da altitude e do clima, um fator que influencia de forma decisiva o tipo de vegetação é o solo onde esta assenta. No Parque Nacional, especialmente na sua zona média e alta, predominam os solos pouco evoluídos com

abundância de afloramentos de rocha calcária, tornando-se num obstáculo para a existência de arvoredo. Isto não significa, necessariamente, uma ausência de vegetação já que há outras plantas adaptadas a viver entre as fissuras das rochas e que se acomodaram na perfeição às condições extremas (falta de solo e de água).

Nas margens dos rios e riachos cresce outro tipo de vegetação, adaptada a viver em condições de humidade extremas, incluindo alguns casos em que as raízes ficam submersas. Trata-se dos bosques de ribeira restringidos a zonas de média e baixa montanha, representados por ulmeiros, amieiros, entre outras espécies.

c) Fatores antrópicos – As atividades humanas exercem uma importante influência na moldura da cobertura vegetal. Nos Picos da Europa a procura de alimento para o gado provocou uma transformação dos bosques em pastagens, sobretudo em zonas de menor inclinação. Posteriormente, o fogo e o gado encarregaram-se de manter estas áreas desflorestadas sem opção de recuperação para a vegetação arbórea. Nos últimos anos e com o intuito de controlar o mato que invade as zonas de pasto, o fogo foi utilizado de forma indiscriminada por parte dos pastores. Porém, esta prática impede o surgimento da vegetação espontânea, favorecendo, portanto, o mato que se pretende eliminar.

A transformação da moldura da cobertura vegetal foi mais intensa em zonas de maior pressão de gado, especialmente a norte do parque e nas imediações das povoações. O bosque foi substituído por pastagens produtivas e pequenas parcelas de cultivo (batatas e produtos hortícolas). Em determinadas zonas, os resíduos do gado acumulados, favoreceram o desenvolvimento de uma vegetação exigente em nitrogénio. Hoje em dia, embora as técnicas de manejo do gado tenham evoluído notavelmente, continua a haver uma importante atividade pecuária (exploração do tipo extensivo do gado bovino, ovino, caprino e equino).

2.1.4 Fauna

Devido à sua inacessibilidade, dureza climática e secular isolamento, a região dos Picos da Europa mantém até aos dias de hoje, um bom estado de conservação, com uma importante área arborizada, grande variedade de espécies animais e um território pouco ou escassamente modificado. A dificuldade de acesso a algumas zonas permitiu a subsistência de variadas espécies. A diversidade de habitats permite encontrar desde espécies favorecidas pela presença humana a espécies eminentemente florestais e relativamente exigentes quanto a requisitos de habitat (ÁLVAREZ, s.d.). Também a grande diversidade paisagística e florística que se pode observar nos Picos da Europa, bem como a importante cobertura de bosque são favoráveis à existente fauna variada, com a presença de espécies ameaçadas a nível regional e europeu.

Com a ação do homem nos últimos 80 anos, em termos de vida selvagem, há a lamentar o desaparecimento de duas espécies de vertebrados: a cabra pirenaica, subespécie lusitânica, considerada extinta para todo o território peninsular, portanto já irrecuperável e o *quebrantahuesos* (*Gypaetus barbatus*), abutre originário das montanhas da Europa, Ásia e África que se espera em breve venha a recolonizar a área dos Picos da Europa, com exemplares errantes provenientes dos Pirenéus, onde existe uma crescente população reprodutora (EFE, 2016). De resto, já se vão vendo alguns exemplares em algumas épocas do ano, fruto do trabalho de recuperação, com mais de 15 anos, da Fundação para a Conservação do Quebrantahuesos.

O Parque Nacional é uma das escassas áreas geográficas europeias de grande extensão (tem cerca de 65000 ha) onde a fauna primitiva (com a exceção das duas citadas) se mantém. Porém, algumas espécies contam com populações reduzidas como é o caso do Urogallo (*Tetrao urogallus*), o lobo, o salmão, a lebre a águia perdigueira (ou águia de Bonelli) e o urso pardo. Entre os mamíferos que habitam os bosques do PNPE, o urso pardo (*Ursus arctos*) é sem dúvida uma das espécies mais características da montanha cantábrica, cujas populações ocupam na atualidade uma pequena porção do seu habitat original da península ibérica.

Entre os carnívoros destaca-se também a presença do lobo ibérico (*Canis Lupus*). Na zona de bosque encontramos ainda veados (*Cervus elaphus*), javalis (*Sus scrofa*) corços (*Capreolus capreolus*) e várias espécies de pequenos e médios carnívoros como é o caso do texugo (*Meles meles*) e a gineta (*Genetta genetta*). A Camurça-dos-pirenéus (*Rupicapra pyrenaica*) é o mamífero mais representativo dos Picos da Europa, apontando-se para a existência de cerca de 6500 exemplares distribuídos por toda a superfície do Parque (VALLE, 2017).

O bom estado de conservação dos caudais fluviais nos Picos da Europa possibilita o povoamento de espécies típicas deste local, como é o caso da truta comum e o salmão atlântico. Existe também uma variada fauna de anfíbios e répteis, entre os quais se destacam os endemismos ibéricos (como a *Rana iberica*, *Chioglossa lussitanica*, *Lacerta schreiberi* ou *Vipera seoanei*). Dentro dos ecossistemas fluviais refere-se também a presença de algumas espécies de invertebrados como o caso da lontra, toupeira-da-água, melro-d'água e alvéola-cinzenta.

Segundo os dados de inventários realizados pelo PNPE (2012), em termos de números de espécies de vertebrados, existem no parque: 64 mamíferos, 109 aves, 17 répteis, 12 anfíbios e 7 peixes. No total são mais de 200 espécies de vertebrados que ao longo dos seus ciclos biológicos podem ser contempladas no interior deste espaço protegido. No que respeita à fauna invertebrada, a sua variedade no PNPE é também admirável, com variados tipos de insetos e moluscos e ainda mais de 134 espécies de borboletas de vários tipos.

Como área protegida, o Parque nacional está imerso em rigorosos programas de conservação e proteção da paisagem e da biodiversidade, para que espécies em perigo de extinção ou aquelas com populações extremamente baixas possam ser contempladas pelas gerações futuras.

2.2 História

Devido ao frio, neve e gelo, o território dos Picos da Europa era muito hostil e, por isso, o homem teve que esperar milhares de anos até que pudesse “dominar” esta área.

Há mais de 60000 anos (Paleolítico Inferior) entraram na Cornija Cantábrica os primeiros colonos. Tratava-se de homens de Neandertal que assentaram nos vales fluviais próximos da costa, vivendo da caça, da pesca, do marisco e da colheita de frutos. No Paleolítico Superior (entre 35000 e 10000 anos) entra em ação a espécie humana que mantém a caça como a sua principal atividade. A sua preferência por abrigos rochosos deu lugar a uma grande quantidade de grutas paleolíticas com presença de arte rupestre que relata o tipo de vida que levaram os seus habitantes (LÓPEZ, s.d.).

No Neolítico começa o fim do período glacial e o homem cada vez mais se aproxima do território dos Picos da Europa. Neste período, o Homem abandona as cavernas e torna-se um predador, começando a dedicar-se à agricultura e a domesticar animais. Deixa de ser nómada, fixa a sua residência no local, dando assim origem aos primeiros povos dos Picos da Europa (LÓPEZ, s.d.).

Os povos pré-romanos (celtas, ástures e cantábricos) vão conquistando gradualmente as montanhas e as comunidades que habitam os rios Sella e Deva, começam a subir com o seu gado (vacas, cabras, ovelhas e cavalos) para os pastos mais altos dos Picos da Europa. É o início da transumância e a prova definitiva de que essas pessoas se tornaram pastores. Também neste período chegam as primeiras invasões de povos do norte da Europa como os celtas. Acredita-se que estes povos chegaram à região ao longo dos séculos II e I a.C. Estes habitantes tiveram que aprender com os primeiros, mas também ensinaram novas técnicas e usos de materiais (GOV. ES, s.d.).

Os Cantábricos e os Asturianos ficam na história pela sua forte oposição contra os romanos, fazendo com que Augusto César tenha de deslocar-se à zona dos Picos da Europa para direcionar a conquista. As guerras duram entre 26 e 16 a.C. e depois

começa um processo de romanização muito intenso. Um dos principais vestígios romanos nos Picos da Europa são as estradas romanas que atingem todas as partes do território, tornando-se num veículo de romanização fundamental, transportando não só material, mas também a língua, a religião e a cultura. Assim, o Latim torna-se a língua base.

Com a queda do Império Romano, os povos Visigodos tiveram os mesmos problemas que os romanos para penetrar na área, pois os habitantes dos Picos da Europa mantinham a característica primitiva de independência e rebeldia, bem como uma rejeição quase total à mudança.

Sete séculos depois (ano 711) chegaram os árabes à Península Ibérica. Sem encontrar resistência, num período de 3 anos conseguiram conquistar a quase totalidade do território, deixando apenas por ocupar os “astures”. Numa mistura de história e lenda, os habitantes dos Picos da Europa, nomearam Don Pelayo como defensor e seu Príncipe e no ano 722 tem lugar a primeira vitória de Don Pelayo, que com um reduzido exército conseguiu vencer o exército muçulmano, entre aqueles bosques e maciços rochosos, na famosa batalha de Covadonga (sec. VIII). Iniciou-se um processo que duraria mais de 600 anos e que ficou conhecido como “La Reconquista”. (GOV. ES, s.d.).

Ao largo da Idade Média ganham protagonismo as igrejas e mosteiros. Estes mosteiros controlavam áreas e zonas através de concessões reais e, graças a doações e apoio das populações locais, foram gradualmente melhorando as condições de vida na área. Em torno destes mosteiros foram aparecendo as primeiras vilas e cidades e constroem-se caminhos em torno dos Picos da Europa. Nesses locais a vida baseava-se na caça e na pecuária.

Em anos posteriores, a história dos povos em volta dos Picos da Europa, repetiria o modelo da Idade Média. Isolados geograficamente do resto da Península e alheios a estranhos que viviam noutras regiões, as gentes em volta dos Picos da Europa dedicaram-se por inteiro a viver dos recursos que lhes oferecia a montanha. Em muitos casos foi necessário recorrer a novas formas de organização administrativa como os comitês de bairro ou conselhos, que na prática permitiam a participação do

povo na tomada de decisões que afetavam a comunidade, quase sempre relacionadas com o aproveitamento dos recursos comuns, tais como lenha, madeiras, pastos ou caça nas montanhas.

Na segunda metade do séc. XIX, com o surgimento da atividade mineira e os aproveitamentos hidroelétricos, abrem-se novas vias de acesso aos maciços calcários e desperta um certo interesse por estas montanhas, por parte de cientistas e exploradores que assim contribuíram para propagar o seu conhecimento fora das suas fronteiras.

Na época industrial e perante as escassas possibilidades de prosperidade dos povos em torno dos Picos da Europa, muitos habitantes viram-se na necessidade de emigrar para fora das suas fronteiras, em busca de trabalho. Ao longo dos séculos XIX e XX uma grande parte da população viajou para a América. Alguns acabariam por voltar ao fim de algum tempo, após amalharem algum dinheiro, fruto do seu trabalho.

Em 22 de Julho de 1918 é criado nas montanhas de Peña Santa o Parque Nacional da Montanha de Covadonga, tornando-se assim o primeiro Parque Nacional da Espanha e o segundo no mundo depois de Yellowstone em os EUA. Posteriormente, (30 de maio de 1995) foi declarado como “Parque Nacional Picos de Europa”.

Mais recentemente, a figura do Parque Nacional e o emergente turismo rural foram um impulso para a economia local, proporcionando um modo complementar de obtenção de recursos de que muitas famílias beneficiam.

2.3 Cultura e Gastronomia da Região

O conjunto de manifestações culturais geradas pela presença do homem num determinado lugar, constituem um património de inegável valor. A paisagem, a identidade e as características dos povos dos Picos da Europa, relacionam-se com uma série de fatos históricos, mas também com as atividades humanas desenvolvidas (Two

birds one Stone, s.d.). O meio montanhoso e a reduzida área adequada para cultivo, levou a que os habitantes dos Picos da Europa tivessem que se ajustar a essas circunstâncias.

A pecuária tem sido desde tempos imemoráveis a principal atividade humana nos Picos da Europa. Os seus habitantes têm sabido adaptar o seu trabalho aos ciclos da natureza, aproveitando ao máximo a produção dos pastos no verão. Entre os meses de abril a outubro, o gado, principalmente o bovino, caprino e ovino, sobe aos pontos mais altos das montanhas para pastar, enquanto no fundo dos vales é colhido e armazenado o feno que servirá de alimento no inverno (PNPE, 2012). Nos fundos dos vales os terrenos são mais produtivos e férteis sendo aí também onde colocam os pomares e as hortas.

Dado o seu natural isolamento, os povos dos Picos da Europa, viveram sempre de forma autossuficiente. A preservação das diferentes raças de gado autóctones dentro do Parque Nacional implica conhecimentos e técnicas tradicionais desenvolvidas desde o passado e que se mantêm até aos dias de hoje. Esses fortes vínculos com o passado são de resto alguns dos valores com que se associa a imagem de marca desta região: tradição, cultura, autenticidade, identidade povos e paisagem. Graças às suas fontes naturais de matéria-prima: a terra e a água e ainda os montes e a sua caça, esta região destaca-se também, pela sua reconhecida tradição gastronómica.

A gastronomia da região dos Picos da Europa é inigualável a qualquer parte de Espanha e para muitos apreciadores é mesmo incomparável a qualquer outra, no mundo. Um estudo elaborado sobre a valorização do destino “Astúrias” indica que a gastronomia se situa em 3º lugar na motivação dos turistas para visitar as Astúrias. São múltiplos e diferenciados os recursos gastronómicos que se encontram na região, destacando-se como produtos mais representativos e melhor posicionados, nacional e internacionalmente, a sidra, a “fabada asturiana” e os queijos asturianos (SITA, 2015).

Um dos produtos de referência das Astúrias é a sidra, um símbolo de identidade que reforça a sua cultura gastronómica. A sidra é elaborada a partir de distintas variedades de maçã, tradicionalmente cultivadas na zona de produção, que compreende os 78 municípios do Principado das Astúrias (ESCALADA, 2012). Pode

encontrar-se no mercado em três variedades: Sidra natural; Sidra natural escanceada e Sidra espumosa.

A região das Astúrias ocupa o 1º lugar como produtora de sidra em toda a Espanha. Entre os 80 lagares distribuídos por toda a região, produzem-se mais de 40 milhões de garrafas. Cerca de 70% da sua produção anual é consumida nas Astúrias. Embora seja consumida em vários países, nas Astúrias é o único local onde é feito o tradicional ritual de “derrame” (escancear) da sidra para o copo (PRADA, 2013).

A fabada asturiana é um prato típico da gastronomia asturiana e um dos 10 pratos mais importantes da gastronomia espanhola. É elaborada à base de feijão, uma variedade tradicionalmente asturiana “granja Asturiana”, juntamente com diversas carnes de porco e enchidos. É tradicionalmente servida numa panela ou num prato de barro (PRADA, 2013).

Também os queijos assumem uma grande importância na região desde tempos antigos. Os pastores dos Picos da Europa passavam os meses de primavera e verão na montanha a cuidar do gado, pelo que uma forma de transformar o leite num produto imperecível foi fazer queijo. Assim surgiram os queijos dos Picos da Europa e a sua forma artesanal de fabrico, que se mantém até hoje, em muitos lugares. Na região produz-se uma grande variedade de queijos e com diferentes combinações: de vaca, de ovelha ou de cabra. Dos elaborados em toda a região das Astúrias, os queijos “Cabrales” são os produzidos em maior quantidade e também os mais conhecidos. Em 2015 foi distinguido com uma medalha de bronze no concurso internacional World Cheese Awards (WORLD CHEESE, 2015).

Igualmente, os enchidos são uma grande tradição na região, pelo que existe uma grande variedade. Destacam-se o “Chosco de Tineo”, o Chouriço “Sabadiego”, o “Longaniza blanca” e ainda os enchidos provenientes da caça, muito característicos da região: chouriço de javali, chouriço de veado, salsichas, entre outros. Muitos destes enchidos são também utilizados na execução de pratos tradicionais como a “Fabada ou o “Cocido Labaniego”.

2.4 Zonas de importância turística

O Parque Natural estende-se pelo Principado das Astúrias e pelas Comunidades Autónomas de Cantábria e Castela e León, envolvendo, portanto, municípios de três províncias: Astúrias, Cantábria e León.

Cantábria inclui os municípios de Camaleño, Cillorigo e Tresviso; Asturias abrange Cangas de Onís, Cabrales, Amieva e Peñamellera Baja e finalmente, Castela e León envolve os municípios de Oseja de Sajambre e Posada de Valdeón.

Dado à sua extensão e características do terreno, é possível visitar o parque, entrando por diversos pontos. São quatro as principais entradas de acesso:

- 1) Cangas de Onís, que pertence ao maciço ocidental e permite o acesso a Covadonga e aos Lagos de Covadonga, uma das zonas mais visitadas da região;
- 2) Arenas de Cabrales, que pertence ao maciço central e dá acesso a Sotres, Poncebos (Ruta del Cares) e Bulnes;
- 3) Potes, que pertence ao maciço oriental e central e dá acesso ao teleférico de Fuente Dé;
- 4) Posada de Valdeón, que permite acesso a Caín e à Ruta del Cares.

Todas elas, sem exceção, são localidades onde se pode disfrutar de estadia em Turismo Rural para visitar o parque. É também a opção ideal para os que pretendam fazer desportos ao ar livre, passeios a cavalo ou caminhadas pelas rotas ou itinerários existentes. Entre eles há também itinerários históricos, como Caminho do Archdeacon ou Ruta del Cares, sem esquecer a riqueza cultural, também presente nestas aldeias (VALLE, 2017).

2.4.1 Cangas de Onís – Covadonga – Lagos

Cangas de Onís

Cangas de Onís é um município da província e comunidade autónoma das Astúrias, com uma área de 212,96 km² e com uma população de 6494 habitantes (Asturiasguide, s.d). O município está limitado a norte por Parres e Ribadesella, a leste com Onís e Llanes, a oeste com Amieva e Parres e a sul com a província de Leão.

A cidade de Cangas de Onis foi capital do reino das Astúrias até ao ano de 774. Nesta povoação estabeleceu-se o rei Don Pelayo, que de lá partiu com as suas tropas para territórios do norte da Espanha, tendo como objetivo a resistência ao poder muçulmano. Neste município ocorreu em 722 a batalha de Covadonga, onde Don Pelayo derrotou as forças muçulmanas e consolidou o poder e prestígio que lhe permitiu manter-se independente e fundar o primeiro reino pós-cristão.

A mítica ponte Romana construída sobre o rio Sella, que separa os concelhos de Parres e de Cangas de Onís, foi declarada desde 1931 como Monumento Nacional. Apesar de ser apelidada de Ponte Romana, foi construída na época medieval, no reinado de Afonso XI de Castela, daí que, tendo um arco elevado e outros dois menores, poderá ser uma reconstrução de origem romana (Asturnatura, s.d.). No arco mais elevado existe uma reprodução da Cruz de la Victoria, o símbolo principal das Astúrias. A Ponte Romana é um dos monumentos mais fotografados, nas Astúrias.

Em Cangas de Onís, aos domingos de manhã realiza-se o mercado, um dos locais mais autênticos para procurar produtos locais e tradicionais, na região oriental das Astúrias. Pode encontrar-se uma grande variedade de produtos regionais tais como os queijos artesanais (Cabrales, Gamoneu e Beyos) que são os mais emblemáticos dos Picos da Europa e ainda todo o tipo de enchidos e carnes da região, produtos caseiros como manteiga, mel, ovos, legumes, feijão asturiano, chás, cestaria, artesanato e ainda a famosa Sidra Asturiana.

Cangas de Onis, uma das portas dos Picos de Europa, viu nascer o Parque Nacional da Montanha de Covadonga, agora Parque Nacional Picos da Europa, e

dentro dela hospeda o real Sitio de Covadonga e os Lagos Enol e Ercina com a sua paisagem de picos e cumes e a vista espetacular sobre a Vega de Comella, uma testemunha da riqueza geológica desta área.

Covadonga

Covadonga pertence ao concelho de Cangas de Onís, nas Astúrias e está inserido no Parque Nacional dos Picos da Europa. Em Covadonga situa-se o Real Sítio, uma das maiores atrações turísticas da região e o monumento mais visitado das Astúrias. É um Santuário numa gruta, dedicado à Virgem de Covadonga (La Santina) e comemorativo da Batalha de Covadonga, na qual os cristãos derrotaram os Mouros. Mergulhado num cenário de beleza espetacular, o Real Sítio de Covadonga é um conjunto em que enfatizam especialmente a Gruta Santa, onde está a Virgem e a Basílica, não esquecendo o Museu, o grande Hotel Pelayo (com mais de cem anos) e a estátua de D. Pelayo.

Covadonga detém mais de mil anos de lendas e histórias relacionadas com o cristianismo e os primórdios da construção de um território, e tornou-se um lugar de devoção e espiritualidade para os milhares de peregrinos que a cada ano a visitam.

Para o asturiano, o Santuário de Covadonga é um símbolo espiritual e um sinal de identidade, na medida em que o “dia das Astúrias” é comemorado todos os anos em 8 de setembro, coincidindo com a festa da Virgem de Covadonga (Lagoscovadonga, 2013). Especialmente nessa data comemorativa, o santuário é visitado por milhares de pessoas. À saída da gruta, há uma fonte de água pura, que (segundo a lenda) é a mesma fonte que há centenas de anos matava a sede dos cristãos espanhóis, que viviam escondidos na gruta.

Lagos de Covadonga

A 12 Km quilómetros acima do complexo da Basílica de Covadonga, a uma altitude de pouco mais de 1000 metros, encontram-se os lagos de origem glacial.

O “El Enol” e o “La Ercina” são os dois lagos mais conhecidos. A uma altitude de pouco mais de 1000m, encontramos o Enol que tem uma profundidade de 24m. A

poucos metros de distância e um pouco mais acima (1100m de altitude) encontra-se o Ercina, que embora sendo um pouco maior e com mais vegetação do que o Enol, é muito menos profundo (Lagoscovadonga, 2013).

O elevado fluxo de turistas obrigou a que se limitasse o acesso na zona dos lagos. Pode aceder-se aos Lagos de Covadonga em viatura própria, durante todo o ano, exceto nas alturas com muita afluência de visitantes. Nestas datas, só é possível aceder aos lagos em transporte público, em táxis locais e em veículos 4x4 de empresas autorizadas. Normalmente, as restrições ao trânsito são no verão, na semana santa e em dias de pontes especiais.

2.4.2 Arenas de Cabrales – Poncebos – Sotres – Bulnes

Arenas de Cabrales

Arena de Cabrales é uma das mais importantes portas de entrada para os Picos da Europa. Dentro do concelho de Carables encontram-se lugares tão emblemáticos como o “Pico de Urriellu” ou “Narajo de Bulnes”, (uma parte do desfiladeiro de Cares) e a povoação de Bulnes e o famoso “funicular” (teleférico subterrâneo).

Em agosto, existe o famoso festival do queijo de Cabrales, onde é entregue o prémio para o melhor queijo do ano. O Queijo Cabrales é um tipo de queijo azul do Principado das Astúrias, que é produzido a partir de leite de vaca cru ou então uma mistura de dois ou três tipos de leite: vaca, cabra ou ovelha. Outras características do Queijo Cabrales são as sua “listas” azuis o pesar entre 2kg até 4kg (pode-se comercializar exemplares de menos peso) e ser uma DOP - Denominação de Origem de Produção (Quesocabrales, s.d.).

Poncebos

Poncebos é uma localidade muito pequena dos Picos da Europa, mas de grande importância em termos geográficos, já que é aí que se inicia ou se termina a Ruta del Cares, a rota de montanha mais espetacular e também a mais conhecida das Astúrias e

ainda o local mais visitado de todos os Picos de Europa. Nos últimos tempos, foram contabilizados mais de 200000 caminhheiros por ano e, de acordo com as estatísticas, a Ruta Del Cares é a rota de montanha, mais movimentada de Espanha. Por esse motivo, na temporada de muita afluência turística (mês de agosto e fins-de-semana de verão), dada a concentração de pessoas na estrada é difícil o estacionamento em Poncebos. Na época baixa, é fácil o acesso de carro até ao funicular de Bulnes ou até mesmo para o início da rota de Cares, também conhecida por “Garganta Divina” (Elcomercio, 2016).

Poncebos é também lugar de passagem para localidade de Sotres, onde se situa o miradouro de Camarmena, um dos melhores para contemplar o Pico de Urriellu.

Sotres

Sotres pertence ao concelho asturiano de Cabrales, abrange uma área de 38,1 km² e tem uma população de 130 residentes, número muito inferior ao dos turistas que ali passam diariamente no verão. Considerada uma das povoações mais altas das Astúrias, está situada num vale, 1050m acima do nível do mar e a cerca de 19km de Carreña, a capital do conselho (Desdeasturias, 2016).

Muitos caminhheiros, montanhistas e amantes da natureza elegem esta aldeia, como sendo o lugar ideal para iniciar rotas e escaladas. Sotres é também conhecida por aí ser produzido e maturado em cavernas naturais o queijo Cabrales, um dos mais famosos queijos dos Picos da Europa.

Apesar de ser uma localidade muito pequena, existem vários hotéis e restaurantes.

Bulnes

Bulnes pertence ao concelho asturiano de Cabrales e localiza-se no Maciço Central dos Picos da Europa. Situa-se a 649 metros acima do nível do mar e a 15 km de Carreña (NACIONAL GEOGRAPHIC, 2017).

Localizada no coração dos Picos de Europa, Bulnes é amplamente conhecida pelo seu isolamento secular, sendo tradicionalmente um ponto de passagem na abordagem ao pico Urriellu, (também conhecido como Naranjo de Bulnes) que é um ícone de escalada, tanto em Espanha como em grande parte do mundo.

Os habitantes de Bulnes viviam tradicionalmente do gado e do fabrico de queijo Cabrales (Desnível, 2002). Atualmente é um importante centro turístico, principalmente para praticantes de alpinismo ou amantes da natureza.

O povo de Bulnes ainda não tem acesso por estrada e até há pouco tempo a única forma de se lá chegar era por um percurso pedonal (canal del Tejo). Em 2001 foi construído um funicular subterrâneo, uma carruagem de cabos, que circula durante 7 minutos ao longo de um túnel de 2227 metros, escavado em linha reta, na pedra calcária (Verdenorte, s.d.).

Desde então, habitantes e turistas já podem viajar entre Poncebos e Bulnes. No entanto, vale a pena explorar a subida a pé pelo caminho tradicional para Bulnes, sobretudo por duas razões:

- Perceber a dureza da vida tradicional nas aldeias isoladas; usava-se o percurso descrito (apenas um caminho) para buscar provisões, para subir material de construção, para transportar doentes para levá-los ao hospital e, finalmente, para qualquer comunicação com o mundo exterior.

- Trilhar este caminho não só vale a pena pelo seu carácter histórico e tradicional, mas também porque permite descobrir alguns lugares surpreendentes.

2.4.3 Potes – Fuente Dé

Potes

Potes é um município pertencente à comunidade autónoma de Cantábria e que graças às suas características geográficas é também um dos mais atrativos de Cantábria.

A cidade de Potes, capital do município, está localizada no centro da Liébana, onde se unem os rios Deva e Quiviesa. Rodeada por uma espetacular paisagem e situada na convergência dos quatro vales da Comarca, a cada passo a vila revela a sua rica história.

O conjunto de bairros da parte antiga, conserva um grande sabor popular e muito encanto, as ruas estreitas e os casarões (a maioria com brasões) ajudam o visitante a imaginar tempos passados, repletos de história. Destacam-se as grandes casas e palácios ancestrais, como a Casa da torre de Orejón de la Lama (Barroco), a igreja paroquial de San Vicente, que tem elementos construtivos que vão do século XIV ao século XVIII, ou a antiga ponte de San Cayetano (Turismodecantabria, s.d.).

A povoação de Potes tem muitas pontes, edifícios, torres e monumentos com séculos de história o que faz com seja também conhecida, pela vila das pontes e torres.

Sem dúvida que um dos aspetos mais relevantes de Potes e de toda a Comarca de Cantábria é a sua gastronomia. Destaca-se pelo cozido “lebaniego”, um prato típico da região e uma das suas estrelas culinárias, é um prato à base de grão-de-bico típico, couve, carnes variadas, enchidos e migas.

As carnes são também de grande qualidade na região de Potes, já que se trata de uma zona predominantemente pecuária. São famosos também os pratos de caça (javali e veado) e peixes de rio Deva, como é o caso da truta e salmão.

Os produtos gastronómicos típicos da região, podem ser encontrados no mercado tradicional que se realiza todas as segundas-feiras na praça de Potes. É um mercado de profundas raízes históricas e tradicionais e também ponto de encontro onde os “lebaniegos” trocam os seus produtos agrícolas.

Fuente Dé

No leste do extremo sul do Parque Nacional Picos da Europa, situa-se Fuente Dé, pertencente ao município de Camaleño, comunidade autónoma de Cantábria. Fuente Dé não é uma povoação, é apenas uma estação inferior do teleférico, onde

podemos encontrar um Hotel Parador, restaurantes, bares e parque de campismo. O teleférico sobe um desnível vertical de 753 metros e alcança em 3 minutos e 40 segundos a altitude de 1847 metros acima do nível do mar, permitindo assim um acesso rápido, ao Maciço Central (Turismo Cantabria, s.d.). A capacidade das cabines é de 20 pessoas.

A estação superior do teleférico é conhecida por “El Cable” e aí existe um miradouro com umas vistas fabulosas sobre o vale. Outra forma de chegar ao miradouro é percorrer um dos inúmeros percursos pedestres sinalizados (CANTUR, s.d.).

Fuente Dé é muito procurada também, como base para iniciar passeios e rotas desse lado dos impressionantes maciços calcários dos Picos da Europa.

2.4.4 – Posada Valdéon – Caín

Posada de Valdeón

Posada de Valdeón é uma localidade dentro do Parque Nacional dos Picos da Europa, na província de Castela e León. Situa-se num vale entre os maciços ocidentais e centrais, pelo que é conhecida como o coração dos Picos da Europa. Posada de Valdeón é uma das povoações mais conhecidas e populares do vale e muito procurada pelos seus produtos regionais que são muito apreciados; o famoso queijo “Valdeón” o mel e as carnes.

Para além das suas paisagens e extraordinária beleza natural, Posada de Valdeón, conta também com notáveis mostras de arquitetura tradicional, destacando-se um importante número de hórreos⁵, reflexo da antiga cultura do vale.

Muita gente a visita também, pela proximidade com a “Ruta de Cares”, que é a rota mais famosa de toda a zona.

⁵ O hórreo (ou espigueiro) é uma estrutura normalmente de pedra e madeira, existindo no entanto alguns inteiramente de pedra ou madeira, com a função de guardar e conservar os produtos da humidade e dos agentes bióticos.

Caín

Caín é uma pequena povoação peculiar pelo seu grande isolamento entre as enormes montanhas. Ainda mantém uma grande ligação aos animais (cabras e ovelhas) pois foram um dos seus principais pilares económicos (Vivaleon, 2011).

No entanto, nos últimos tempos, Caín teve uma grande transformação; a constante chegada/partida de caminheiros para a “Ruta de Cares”, fez com que os habitantes passassem a dedicar-se mais ao turismo e à restauração. Assim, Caín é também um símbolo para a Ruta del Cares.

3. Frontera Verde Aventura

Neste ponto apresenta-se a caracterização da empresa de acolhimento do estágio e ainda, detalhadamente, a descrição das atividades desenvolvidas.

3.1 Caraterização da empresa

A Frontera Verde Aventura (Figura 4) é uma empresa de Animação Turística, especializada em Turismo Ativo (TA), vocacionada sobretudo, para a realização de atividades maioritariamente de lazer ou de aventura. Opera simultaneamente como Agência de viagens, atuando, portanto, como intermediária entre os seus clientes e determinados prestadores de serviços turísticos da zona.



Fig. 4 - Logotipo Frontera Verde

A empresa tem mais de 15 anos de existência, está inscrita no registo de Atividades Turísticas do Principado das Astúrias e a sua ação e prestação de serviços estendem-se aos mais diversos meios e locais, abrangendo toda a região das Astúrias e norte de Espanha.

A Frontera Verde como empresa de Turismo Ativo desenvolve as suas atividades em contacto com a natureza, onde é fundamental a participação ativa do turista, naturalmente motivado para a realização de desportos, que exigem um determinado contexto natural, como zonas de montanha, rios, zonas costeiras aptas para a realização de atividades desportivas como são as zonas envolventes ao Parque Nacional dos Picos da Europa.

A Frontera Verde Aventura encontra-se também legalmente licenciada como agência de viagens e turismo. Para além da organização e venda de viagens turísticas

executa também funções de operador turístico⁶ combinando produtos turísticos, preparados mesmo antes que a procura se manifeste os quais vende através da sua rede própria de distribuição.

Localização e Instalações

A empresa tem a sua sede na região dos Picos da Europa, mais propriamente em El Portazgo-33540-Coviela-Astúrias.

As instalações da FV (Figura 5) situam-se a cerca de 7km da cidade de Cangas de Onís, (um dos grandes focos turísticos da região) a cerca de 500 metros do centro de Arriondas (um importante centro de turismo ativo) e a menos de 400 metros do emblemático rio Sella, o mais importante a oriente das Astúrias e, como adiante veremos, onde se desenvolve a principal modalidade de turismo ativo da empresa.



Fig. 5 - Exterior da FV

A empresa encontra-se muito bem situada, junto ao nó de entrada e saída de duas estradas nacionais (N-625 e N-634), uma com direção à costa do mar cantábrico e outra com direção ao Parque Nacional Picos da Europa, ambas com um grande fluxo de turistas (Figura 6).

⁶ Operadores Turísticos, (agências grossistas) são organizadores de viagens de grupo ou coletivas, que combinam diferentes bens e serviços adquiridos aos respetivos produtores (Cunha, L. 2009)



Fig. 6- Localização da FV

As instalações de FV são compostas por três áreas distintas: zona de recepção (Figura 7), escritório e sala de reuniões; espaço de armazém para material e equipamentos; zona de wc e balneários com duches. Este apoio é fundamental em algumas das atividades, quer para os clientes se equiparem ao início quer no regresso e na possibilidade de poderem tomar duche, indispensável por exemplo, na atividade de espeleologia.

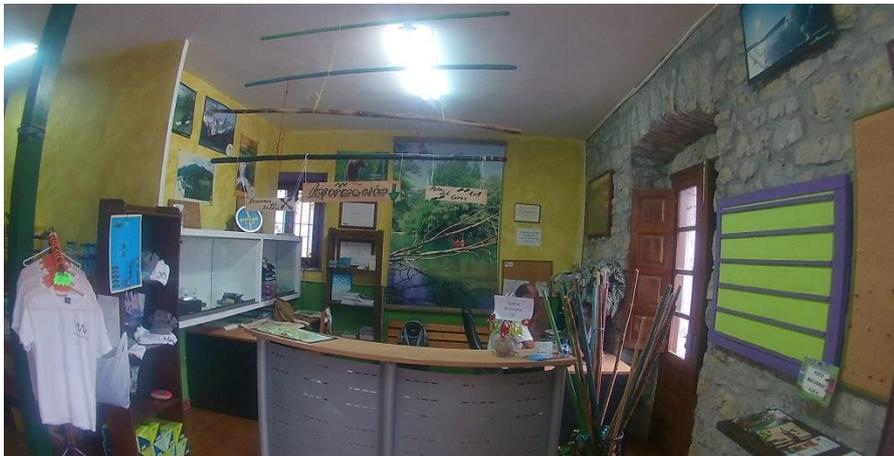


Fig. 7 - Recepção da Frontera Verde Aventura

Equipamentos

A empresa fornece aos seus clientes os equipamentos necessários para a prática das diversas modalidades de turismo ativo que organiza, nomeadamente equipamentos de segurança e de proteção individual.

FV dispõe, portanto, de diversos tamanhos de fatos e calçado em neoprene⁷, coletes salva-vidas, fatos e capacetes de espeleologia, pagaias cruzadas, canoas e os bidões estanque (Figura 8). Possui ainda de uma carrinha que é utilizada para transportar os clientes de e para, os locais onde se realizam as atividades.



Fig. 8 - Armazém com alguns equipamentos das atividade

⁷ Tipo de borracha sintética, usada, entre outras aplicações, em roupas para desportos aquáticos. = NEOPRENO.

3.2 Atividades desenvolvidas no estágio

O seguinte cronograma (Tabela 1) descreve as tarefas realizadas ao longo das 12 semanas de estágio na empresa Frontera Verde Aventura. Para uma melhor interpretação, convém referir que a intensidade da cor indica o tempo dedicado a cada tarefa (a maior intensidade da cor corresponde a mais tempo dedicado; e vice-versa).

Tabela 1 – Cronograma das tarefas desenvolvidas no estágio

Tarefas	Mês	Setembro			Outubro					Novembro				Dezembro			
	Semana				1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
Pesquisa documental sobre os Picos da Europa					■	■	■										
Pesquisa documental sobre turismo ativo					■	■	■										
Participação nas atividades de turismo ativo na empresa					■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	
Elaboração de uma página <i>web</i>								■	■	■	■	■	■	■	■	■	
Elaboração de artigos para a empresa											■	■	■	■	■	■	
Formações de informática								■	■	■	■	■	■	■	■	■	
Pesquisa e elaboração dos questionários							■	■	■								
Recolha de dados por questionário										■	■	■	■	■	■	■	
Elaboração de pacotes turísticos												■	■	■	■	■	
Plano de calendarização de conteúdos <i>online</i>												■	■	■	■	■	

Menor intensidade Maior intensidade

Os primeiros dias de estágio foram destinados a uma necessária integração na empresa: apresentação aos elementos colaboradores, visita às instalações, conhecimento das atividades e do funcionamento da empresa, e ainda a adaptação ao idioma.

Numa primeira fase do trabalho foi efetuada uma pesquisa documental sobre os Picos da Europa, nomeadamente sobre o Parque Nacional, as áreas naturais, a cultura, as tradições, a gastronomia e os locais de interesse da região. De destacar as pesquisas efetuadas sobre o turismo em espaços naturais e, em particular, sobre a modalidade de turismo ativo.

A segunda fase envolveu o acompanhamento das atividades da empresa as quais adiante vão ser descritas com detalhe.

É importante realçar que, de acordo com alguns dos objetivos estabelecidos no Plano de Estágio (Conhecer a realidade do Turismo Ativo em regiões de montanha; praticar atividades de guia turístico), foi traçado internamente um percurso formativo, de modo a que a aprendizagem pudesse, simultaneamente, contribuir para o desenvolvimento das aptidões do estagiário, assim como, para a melhoria do desempenho da própria empresa. Portanto, durante o estágio foram também desenvolvidas capacidades como a de “organizar e conduzir” as atividades em meio natural, nomeadamente no que diz respeito aos rigorosos procedimentos e à gestão das 4 principais etapas do planeamento da atividade: na sua preparação, no início, no decorrer e no pós-termo.

Contudo e apesar do Turismo ativo permitir dispor de múltiplas opções e recursos para que as empresas possam operar durante todo o ano, na região dos Picos da Europa, verifica-se em algumas épocas do ano uma diminuição da procura dessas atividades. Justifica-se e relaciona-se essa sazonalidade com a evidente baixa do fluxo turístico na região, especialmente fora da época das férias de Verão e, de certa forma, com o facto de as atividades se desenvolverem em meio natural o que em dadas alturas do ano, devido às condições meteorológicas, torna algumas delas impraticáveis.

Segundo a ANETA (2014), alguns estudos realizados sobre as empresas de turismo ativo espanholas mostraram que apenas 39% das empresas trabalhavam todo o ano, mas a maior produtividade e trabalho das empresas (85,7%) é entre um a quatro meses.

Na Frontera Verde Aventura regista-se a temporada alta nos meses de julho, agosto e os primeiros dias de setembro, e temporada média nos meses de outubro e abril, este último, impulsionado pela Semana Santa (Páscoa).

Essa sazonalidade viria de certa forma, a condicionar a participação em algumas atividades. Com efeito, ainda que tenha havido a participação nas principais atividades desenvolvidas na empresa, verifica-se que o período de estágio decorreu praticamente na época de menor procura no que diz respeito ao turismo ativo, ou seja, nos meses de outubro, novembro e dezembro.

Contudo, essa adversidade viria a tornar-se numa excelente oportunidade, pois permitiu experiências na outra área do negócio de Frontera Verde, nomeadamente no que respeita às atividades relacionadas com a agência de viagens. A formação interna foi transversal às duas áreas de atuação da empresa, criando as condições mais favoráveis e, como adiante veremos, a forma de se tirar o melhor partido possível desta experiência, quer para a empresa quer para o estagiário.

Descida do rio Sella em canoa

A descida do rio Sella em canoa está muito associada a um grande acontecimento desportivo “El Descenso Internacional del Sella”, declarado em Espanha, como Festa de Interesse Turístico Internacional. É uma competição organizada pela Federação espanhola de Canoagem, pela Delegação do Comité Organizador da Descida do Sella e pela Federação de Canoagem do principado de Astúrias. Nesta festa de carácter desportivo que se celebra desde 1930 em Arriendas (no 1º sábado de agosto) participam mais de mil atletas de todo o mundo. Atualmente é considerada, se não a maior, uma das mais importantes provas internacionais de canoagem. A descida Internacional do rio Sella é também conhecida nas Astúrias como

“La Fiesta de Les Piragües” e não se destina apenas aos atletas profissionais. Os visitantes também podem fazer a descida em canoa no mesmo dia da famosa prova desportiva (Descensodelsella, 2016) sendo aos milhares as pessoas que se associam a este evento, algumas participando na descida para desfrutar da natureza, apreciar paisagens naturais e o encanto desta região.

Esta é sem dúvida a atividade de TA mais procurada na região e por isso também a mais importante para a empresa Frontera Verde.

O ponto de encontro para esta atividade é nas instalações da FV, onde é também fornecido o material necessário (fato, calçado e casaco “neoprene” e ainda um colete salva-vidas). Para além do equipamento de segurança, cada participante recebe um saco com alimentos e um bidon hermético para os transportar e guardar os seus pertences. Após se equiparem, os participantes são transportados pela carrinha da empresa até ao rio (a cerca de 400 metros) onde se encontram as Canoas e os remos. Nesse local, os monitores dão um pequeno curso teórico-prático, onde é explicado a técnica do remo, o estado do rio e algumas informações gerais (briefing) de segurança e de assistência aos participantes.

O local de partida é sob a ponte do rio Sella em Arriondas, o mesmo local onde tem início também o grande evento anual da “descida internacional do rio Sella”.

O percurso tem no total, cerca de 14 quilómetros (Arriondas-Omedina) e geralmente, contando já com algumas paragens para comer, nadar e apreciar as magníficas paisagens, leva entre três horas e meia a quatro horas para o percorrer. Em caso de ter crianças a participar, o cliente pode optar por um percurso mais curto, de 8 quilómetros (Arriondas-Toraño), que leva cerca de duas horas a percorrer.

O trajeto tem algumas passagens em rápidos (região mais profunda do rio e onde a corrente é mais rápida) o que o torna ainda mais divertido. Ao longo do percurso podem observar-se zonas com flora e fauna características das zonas ribeirinhas e a calma é tal que permite ouvir algumas espécies, nomeadamente, de pato bravo. Além disso, a água límpida do rio Sella permite observar constantemente

alguns peixes e cardumes. São todos estes atributos naturais em perfeitas simbioses que atraem todos os anos milhares de pessoas a este local.

Esta atividade é de dificuldade baixa e pode ser praticada a partir dos cinco anos de idade, sendo que, a única condição exigida é que todos os participantes saibam nadar. É muito procurada por famílias e grupos de amigos.

No final do percurso, os participantes são transportados na carrinha da FV de volta às instalações em Arriondas, onde podem tomar banho e trocar de roupa. Todo o equipamento que foi utilizado é devidamente examinado e limpo para poder ser usado no dia seguinte.

As canoas ficam no local junto ao rio (terreno pertencente a FV) as quais ao final da tarde são levadas em reboques próprios até ao local de partida do percurso, em Arriondas.

Espeleologia

Os solos calcários das Astúrias são um paraíso para a espeleologia. Tem ainda muitos abismos, tocas e cavernas naturais por explorar o que faz com que espeleólogos e até cientistas de diversos ramos do conhecimento de todo o mundo procurem a região dos Picos da Europa, especialmente durante as férias de verão.

Porém, esta atividade dedicada ao estudo das cavernas, não se limita aos aspetos técnicos da progressão nem é praticada apenas por especialistas. A exploração desportiva de grutas naturais é uma atividade em que qualquer pessoa pode participar, exigindo, no entanto, conhecimentos por parte do guia. Para além da importância científica, a exploração de cavernas nesta região, representa um grande papel no turismo de aventura, sendo uma parte importante na economia local.

A FV organiza essa exploração, por níveis de dificuldade das grutas. A tipologia da gruta a explorar é selecionada pelo guia, em função da condição física e do número de participantes na atividade.

Nas instalações da FV é facultada toda a informação necessária, desde o grau de dificuldade à localização da gruta, assim como, é também fornecido o equipamento

e todo o material necessário. É aí também, que os clientes colocam os fatos próprios para participar na atividade.

Depois de equipados e munidos do material necessário para a atividade (luvas e capacetes com luzes) os clientes são conduzidos na carrinha da empresa até ao local da gruta. Antes, porém, o guia dá instruções e relembra as regras de segurança essenciais para que tudo corra da forma prevista. Já no interior da gruta e ao longo da visita, o guia vai explicando aos participantes o interesse do local quanto à sua história, à sua formação calcária e também da grande influência da água no processo físico-químico na criação das grutas e no aparecimento de estalactites e estalagmites.

As grutas têm imensas galerias e salões que são percorridos a rastejar ou a trepar, consoante a indicação do guia. Estes canais subterrâneos podem ter locais onde ainda existe a presença da água, pelo que, em épocas com bastante chuva é impossível entrar nas grutas.

A exploração da gruta é feita em cerca de três horas. No final, regressa-se às instalações de Frontera Verde, onde os clientes podem tomar banho e trocar de roupa.

Todo o material utilizado é devidamente limpo, bem como os fatos especiais, que são lavados na máquina e colocados a secar para poderem ser utilizados no dia seguinte.

Ruta del Cares

Dentro do Parque Nacional e ao longo das áreas mais representativas deste espaço natural existem um total de 30 percursos (ou rotas) sinalizados e com diferentes graus de dificuldade. Porém, a “Ruta del Cares” é a mais espetacular, a mais conhecida e também a mais percorrida por visitantes de todas as nacionalidades.

Entre o maciço central e ocidental, situado num impressionante desfiladeiro que divide e separa os Picos da Europa, abre-se o trilho mais conhecido do Parque Nacional Picos da Europa. É o rio Cares (o qual dá o nome à rota) que divide os maciços, ambos 2000 metros acima do fundo do desfiladeiro. O Percurso é de 24 km

(ida e volta) e separa os povoados de Caín, na Província de Leon e Poncebos, no Principado das Astúrias.

A rota oferece recursos culturais e históricos interessantes, um passeio único repleto de singularidades botânicas e geológicas de grande espetacularidade paisagística. A parte inicial da rota é de uma enorme beleza o que lhe valeu o apelido (pela similaridade) de Garganta Divina (GOV. ES, s.d.).

Na maior parte do percurso caminha-se ao lado de um penhasco e um precipício sem proteção lateral do outro lado. Além disso, existem também passagens por algumas pontes, miradouros naturais e túneis escavados nas pedras. Após uma caminhada de cerca de 4 horas, chega-se a uma das localidades (Caín ou Poncebos). É aí que termina o percurso para quem o pretende fazer só num sentido.

Para que os clientes possam fazer o percurso apenas num sentido (12km) e não ida e volta (24km), Frontera Verde organiza uma rota panorâmica em veículo 4X4, entre Poncebos e Caín. Assim, antes de iniciarem o percurso pedestre, os clientes são transportados a miradouros e a alguns locais de interesse onde o acesso só é possível, neste tipo de viatura. Para além de mostrarem esses locais, os guias/condutores, durante a viagem e até ao início da rota, vão também falando um pouco da história e de algumas curiosidades sobre “a Ruta del Cares”.

A rota é considerada de dificuldade média, no entanto, especialmente para caminheiros pouco preparados, demora algum tempo a percorrer.

Canyoning

Os Picos da Europa estão rodeados por vários rios que se revelam de grande importância para as diversas atividades de TA praticadas em meio aquático. Uma das modalidades disponíveis é o canyoning. O canyoning é um desporto de aventura que consiste na exploração progressiva de um rio, ultrapassando os diversos obstáculos, quer em terra quer por água, sempre com o auxílio de técnicas e equipamentos próprios. O canyoning só é praticável, neste parque, entre o início da primavera e o final do outono, pois depende da porção de água do rio, ou seja, só é exequível se o caudal de água for suficiente mas não exageradamente forte.

É uma atividade onde se pode encontrar uma relação de estreita harmonia entre a natureza e adrenalina, não apenas pela aventura mas também pela envolvimento e contacto permanente com zonas quase inacessíveis.

A empresa disponibiliza todo o equipamento necessário: vestuário em material neoprene, calçado próprio para caminhar na água e capacete. A escolha do local é feita mediante as várias condicionantes do grupo; número de participantes, idade, condição física e experiência na atividade. Depois de devidamente equipados, os participantes são transportados na carrinha da empresa até um dos rios, previamente selecionado pelo monitor da descida. Já no local, acabam de se equipar, colocando o capacete e o “arnês” (uma cinta com acessórios que possibilita a descida com cordas) ao mesmo tempo que o monitor da atividade dá mais algumas indicações e as regras para que a segurança esteja sempre presente. Durante a descida e ao longo dos percursos, existem zonas distintas: umas em que os participantes podem nadar ou andar de forma livre junto às rochas; outras, onde é obrigatório a presença do monitor, pois envolve mais técnica, (trabalhar com cordas, mergulhos e/ou saltos mais controlados).

O tempo da atividade pode variar consoante o local e o grupo, mas geralmente são cerca de duas horas. No total, incluindo as viagens de ida até ao local (rio) e regresso à empresa, são cerca de 4 horas. As saídas dos grupos da empresa são feitas habitualmente da parte da manhã.

Pesquisa e elaboração de questionários

Um dos objetivos de estágio compreendia uma investigação na qual se pretende aumentar o conhecimento e a informação sobre o perfil do turista que visita a região, em relação às suas perceções, impressões, interesses e opiniões. Esta investigação implicou algumas metodologias e várias etapas, desde a conceção do inquérito à escolha da amostra, recolha de dados, tratamento estatístico e por último o resultado do estudo. Estas etapas serão expostas no ponto 5.1 Investigação, amostra e recolha de dados.

Nesta fase, foi escolhido o método de investigação, optando-se pela recolha de dados através de um questionário ordenado e estruturado. Procedeu-se à

identificação das variáveis significativas para o estudo e foram também definidas as questões a colocar à população a estudar. Após concluída a elaboração do questionário para a inquirição de turistas, foi feita a sua tradução para a língua espanhola por um falante nativo, neste caso pelo orientador externo.

Recolha de dados por questionário

Estes questionários foram distribuídos e recolhidos pelo autor (autoadministrados) na região dos Picos da Europa, aos domingos e feriados nos meses de novembro e dezembro. Assim, a distribuição dos questionários foi realizada na zona oriental das Astúrias, onde se localizam grande parte dos lugares mais visitados, destacando-se localidades muito representativas como Covadonga, Lagos de Covadonga e Cangas de Onís.

As etapas seguintes ao questionário (tratamento de dados, análise de resultados e elaboração do relatório final) foram desenvolvidas numa segunda fase, já em Portugal.

Participação em congresso, *workshop* e formações em informática

No âmbito do turismo, será importante, sobretudo para empresas que atuam nesta área, disporem de ferramentas e de conhecimento que lhes permita atuar e desenvolver estratégias de comunicação e de distribuição que respondam aos atuais desafios (PENT, 2013).

Tendo em conta o potencial da internet no mercado do turismo e a importância das novas tecnologias como canal privilegiado de publicidade e promoção, numa quarta fase do estágio, o percurso formativo contemplou também a área das novas tecnologias.

- Participação no *workshop* de Marketing Digital Empresas e congresso Google “activa tu negocio”;
- Formação em informática.

As formações em informática, bem como a participação no *workshop* de “Marketing Digital Empresas” e congresso Google “activa tu negocio”, atribuíram conhecimentos e ferramentas úteis para empregar na construção da página *Web*.

Elaboração de uma página eletrónica (*web*)

O uso da internet tem sido cada vez mais explorado para partilha de informação e é hoje o meio mais utilizado de pesquisa de destinos turísticos. O Turismo é mesmo a atividade económica onde a Internet é mais utilizada, quer para consulta quer para reservas e aquisições (no caso de estadas) (CNSA, 2005).

Segundo a SITA (2015), na hora de marcar alojamento a Internet é a principal fonte de informação para o turista, representando 79,5% das reservas efetuadas em 2015.

Atendendo a essa tendência em que o turista utiliza ferramentas virtuais para o planeamento da sua atividade turística é atualmente essencial para a promoção das empresas que atuam nessa área, a presença nos meios *online*.

A criação de uma página *Web* sobre os Picos da Europa surge da necessidade de um veículo de informação e promoção da região em português, algo que não existia na empresa. A página em idioma português pretende uma maior proximidade a visitantes vindos de Portugal e, sobretudo, alcançar um provável cliente português. Por outro lado, essa página visa também satisfazer os utilizadores (clientes ou potenciais clientes) interessados em alguma atividade ou num pacote turístico, que ao consultarem a página, serão (re)encaminhados para a página oficial da Frontera Verde Aventura.

Essa página *Web* (quer o seu conteúdo quer o formato e desenho da própria página) foi construída, usando o sistema de gestão de conteúdo WordPress (Figura 9).

A informação disponibilizada foi estruturada em 5 principais separadores:

- **“Sobre?”**- Informação geral sobre a natureza, a história, a cultura e a gastronomia dos Picos da Europa.
- **“Como ir?”** – Mostra alguns itinerários até aos Picos da Europa, partindo de algumas zonas de Portugal e calculando os gastos aproximados.

- “O que visitar?” - São indicadas as quatro principais entradas do Parque Nacional.
- “O que fazer?” - Apresenta as várias atividades de turismo ativo, existentes na região.
- “Onde ficar?” - Expõe uma descrição de cada uma das tipologias de alojamentos turísticos existentes na região.

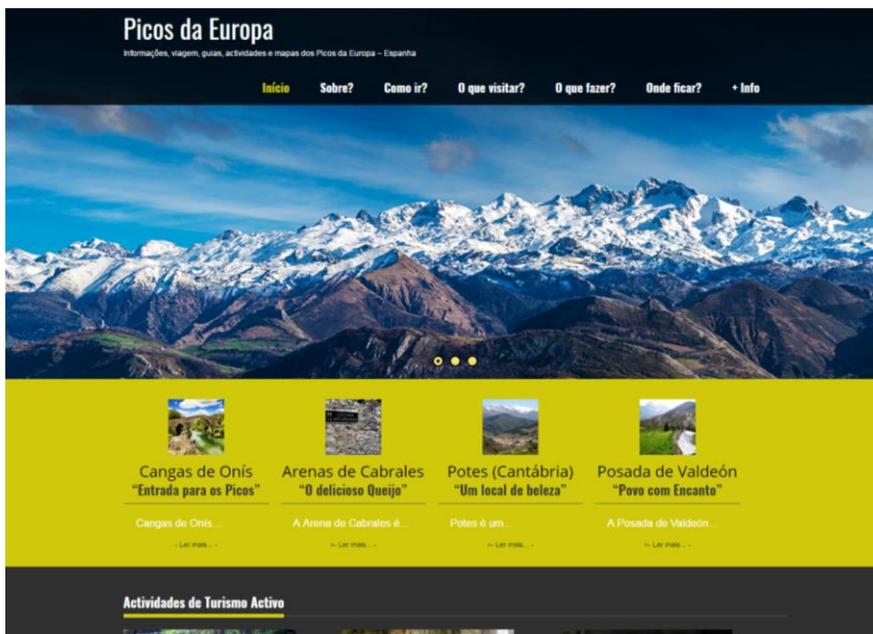


Fig. 9 - Página inicial do site

Criação de perfil na Rede Social *Facebook*

Não se pode ignorar a importância que hoje em dia têm as redes sociais como canais de comunicação, pois, através destes perfis, são possíveis a partilha e o intercâmbio de experiências entre os próprios turistas/visitantes.

Na maioria das vezes os turistas são importantes fontes de divulgação e geram valor para as empresas ao passar a palavra da sua satisfação, fazendo comentários e partilhando as suas experiências.

Depois de concluída a página “picosdaeuropa.com”, houve a necessidade de a divulgar e para isso foi criado um perfil de Frontera Verde na Rede Social *Facebook* (Figura 10).

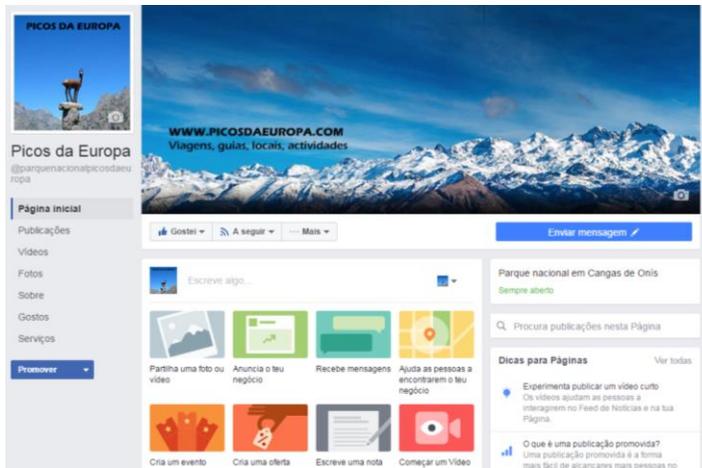


Fig. 10 - Facebook dos Picos da Europa

Plano de calendarização de conteúdos *online*

Foi ainda desenvolvido um plano de divulgação *online* (Figura 11) para o ano de 2017, contemplando publicações semanais no *Facebook*, incluindo artigos de informação, partilhas de experiências, vídeos e fotos dos Picos da Europa.



Fig. 11 - Plano de calendarização de conteúdos online

Artigos redigidos para a empresa

Alguns artigos de partilha de experiências foram redigidos, numa perspetiva de turista, relatando as atividades de turismo ativo realizadas durante o período de estágio e ainda eventos e/ou experiências sociais vividas na região, como é o caso da Festa da Castanha em Arriondas e da visita a um dos lagares de sidra mais antigos da região (Sidreria Basilio). Outros surgem da pesquisa de temas e informações com interesse na região (Tabela 2).

Tabela 2 - Lista de artigos elaborados (nos anexos)

1	Canoagem no Rio Sella	7	Descida internacional do rio Sella
2	Espeleologia	8	Caça e Pesca nos PdE
3	Rutal del Cares	9	Os melhores miradouros dos PdE
4	Canyoning nos PdE	10	O que fazer nos PdE quando chove
5	Mercados dos Pde	11	Atividades com crianças nos PdE
6	Festa da Castanha nos PdE	12	O que é a Sidra das Astúrias?

Elaboração de pacotes turísticos

A região dos Picos da Europa tem uma forte dependência do mercado doméstico, pelo que um dos objetivos estratégicos de Frontera Verde para 2017 é aumentar a notoriedade da região. A empresa pretende reforçar a ação comercial junto de novos clientes a nível internacional, particularmente, pela proximidade geográfica, junto do público português.

Um conjunto de atividades, nomeadamente, algumas já aqui referidas e que se relacionam com o marketing, foram desenvolvidas para determinar que produtos ou serviços poderiam interessar aos consumidores portugueses, e definir a estratégia a utilizar na captação dos novos clientes.

Nesse sentido, foram planeados pacotes turísticos, com alojamento e atividades de turismo ativo dirigidos a esse público em particular. No futuro a FV propõe-se organizar viagens programadas com saída de Portugal (Lisboa e Coimbra), num circuito aos Picos da Europa. Este circuito terá a duração de 7/8 dias, com

paragens para visitar os locais mais emblemáticos da região, tal como Cangas de Onís, Arriendas, Covadonga, Lagos de Covadonga, Potes, Fuente Dé, Valdéon, Caín, Poncebos e Arenas de Cabrales. Durante a estada, serão também proporcionadas atividades de Turismo Ativo, incluindo a descida do rio Sella em canoa e percursos pedestres, sem esquecer a “Ruta del Cares”, um dos percursos montanhosos mais fantásticos desta região.

Dessa forma, para o planeamento desses pacotes turísticos, foram efetuados vários contactos e pedidos de orçamentos dirigidos a empresas de camionagem em Portugal e ainda, no intuito de conciliar o acolhimento aos viajantes, a vários tipos de alojamentos e unidades hoteleiras da região dos Picos da Europa.

Dessa forma, logo que organizado o programa, será disponibilizado *online*, quer na página “picosdaeuropa.com”, quer na página do *Facebook*.

4. A preservação do património natural e cultural:

Conceptualização

Neste ponto procede-se à necessária revisão da literatura e à explicitação de alguns conceitos relevantes e indispensáveis para a compreensão deste trabalho.

4.1 Da necessidade de preservar o património natural e cultural

O conceito de património está associado à ideia de herança, de transmissão de testemunhos, de histórias, de memórias e de bem cultural. “O património cultural constitui um conjunto de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, independentemente do regime de propriedade dos bens, como reflexo e expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução. Inclui todos os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares, através do tempo” (CONVENÇÃO DE FARO, 2005). Este conceito abrange também o meio ambiente natural que engloba noções de paisagem, de conjuntos históricos, de sítios naturais e construídos, bem como noções de biodiversidade, de acervos culturais, de práticas culturais, tradicionais ou atuais e de conhecimento (ZANIRATOL, 2006). Neste contexto o património desempenha um papel importante na formação da memória coletiva, até porque dá uma noção simultânea de continuidade e mudança entre passado e presente. O património é a nossa herança do passado, com a qual convivemos hoje, e que passamos às gerações futuras. Dessa forma, preservar é respeitar o direito de nossos descendentes (ARAÚJO, 2016).

A par desta função, o património cultural valoriza o território, incrementa a qualidade de vida e é reconhecido como um importante recurso económico.

A importância da preservação tem vindo a ganhar uma nova relevância, sobretudo devido à degradação de espaços naturais, muitas vezes, sem poder de reversibilidade. Esta situação originou o aparecimento de movimentos em favor da salvaguarda e preservação do património natural que estão, eles próprios, na génese dos espaços naturais protegidos (CASTRO, 2011).

Em geral, com o passar do tempo o uso e aproveitamento dos espaços naturais foi evoluindo, originando várias formas, sendo atualmente a atividade turística uma das mais representativas (QUESADA, 2014). Nesse contexto, os Parques Nacionais são espaços naturais protegidos que se caracterizam pelo seu grande valor natural e cultural, pelo seu ambiente pouco alterado pela atividade humana (onde é possível conciliar recursos naturais com o uso e disfrute dos cidadãos) e cuja preservação merece especial atenção, devido fundamentalmente aos excecionais valores naturais, ao seu caráter representativo ou pela singularidade da sua flora, fauna ou formações geomorfológicas.

O reconhecimento crescente da importância do património natural vem na sequência da tomada de consciência do valor inquestionável que espaços naturais possuem para a humanidade. Este reconhecimento manifestou-se, também, na adoção de políticas nacionais e internacionais de conservação da natureza.

Segundo a Lei de Bases do Ambiente (Lei n.º 11/87, de 7 de Abril), que consagra, no nosso sistema jurídico, o conceito de área protegida de âmbito regional e local, entende-se por parque nacional uma “área que contenha um ou vários ecossistemas inalterados ou pouco alterados pela intervenção humana, integrando amostras representativas de regiões naturais características de paisagens naturais e humanizadas, de espécies vegetais e animais, de locais geomorfológicos ou de habitats de espécies com interesse ecológico, científico e educacional”.

Em 1945 foi criada a UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, órgão que visava defender o património importante para a humanidade. Na 17ª Assembleia Geral da UNESCO, ocorrida em 1972, foi adotada a “Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural” (mais conhecida por “Convenção do Património Mundial”) como resposta a uma preocupação crescente sobre o estado de conservação do património cultural e natural mundial (MACAU, s.d) à qual Portugal aderiu em 1979, conforme consta do Decreto nº49/79, de 6 de junho (DGCP, s.d.). A referida Convenção consagrou que o ser humano tem direito fundamental à liberdade, à igualdade e a uma vida com condições adequadas de sobrevivência, num meio ambiente que permita usufruir de

uma vida digna, com a finalidade de também o preservar e melhorá-lo para as gerações atuais e futuras. Definiu ainda que bens dotados de valor cultural ou natural poderiam ser inscritos como património universal. A proteção destes caberia à comunidade internacional. Tal entendimento visava estimular a cooperação internacional a proteger “as zonas naturais e paisagísticas maravilhosas do mundo e os sítios históricos para o presente e o futuro de toda a Humanidade”.

A Convenção do Património Mundial tornou-se o mais bem-sucedido instrumento internacional para o reconhecimento dos lugares naturais de valor especial, caracterizados pela excecionalidade de biodiversidade, ecossistemas, geologia ou fenómenos superlativos (ONU,2012).

Os espaços naturais protegidos desempenham também um papel importante na qualidade de vida das populações. Ainda pelas características que possuem, permitem a sua utilização para atividades turísticas e constituem-se, por isso, como um verdadeiro património que se deve conservar e salvaguardar. Para além disso, o património é um fator de competitividade que interessa potenciar como elemento de diferenciação e atração (DRCN, s.d). Por outro lado, a preservação e valorização do património gera produtos e serviços que fomentam as economias locais.

Um dos principais objetivos da Convenção do Património Mundial é incentivar a participação da população local na preservação de seu património cultural e natural, conforme delineado nos atuais “Objetivos Estratégicos do Comité do Património Mundial”, também conhecidos como os cinco “C”: credibilidade, conservação, capacitação, comunicação e comunidades.

“Os países reconhecem que os sítios localizados no seu território nacional e inscritos na Lista do Património Mundial, sem prejuízo da soberania ou da propriedade nacionais, constituem um património universal, cuja proteção a comunidade internacional tem o dever de cooperar (...) Todos os países possuem património, sítios de interesse local ou nacional que constituem verdadeiros motivos de orgulho nacional e a Convenção estimula-os a identificar e proteger, estejam ou não incluídos na Lista do Património Mundial” (UNESCO, s.d).

4.2 Definições e classificação de Património

Na génese da UNESCO está o reconhecimento de que o “nosso património” é precioso e frágil. Na origem desta constatação estão vários acontecimentos que levaram a uma perda significativa de património cultural e natural, tais como desastres naturais, a poluição, a pobreza e a crescente urbanização, entre outros, que continuam a ameaçar o património mundial.

Um dos objetivos da UNESCO consiste em incentivar os países a cooperarem na conservação do património, como consta na “Convenção do Património Mundial”.

Constata-se que a Convenção procurava definir o património pelo duplo aspeto cultural e natural, por entender que o homem interage com a natureza e se faz necessário preservar o equilíbrio entre ambos. O entendimento a respeito de património alarga-se a vários autores e com isso o património assume diversas definições.

O património é definido como a conjugação das “criações e dos produtos da natureza e do homem que, na sua integridade, constituem, no espaço e no tempo, o ambiente em que vivemos. O património é uma realidade, um bem da comunidade e uma valiosa herança que pode ser legada e que convida ao nosso reconhecimento e à nossa participação” (QUEBEC, 1980).

“Património é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares com os quais se identifica. A identificação e a valorização do património é, assim, um processo relacionado com a seleção de valores.” (CARTA DE CRACÓVIA, 2000)

“O património, sob todas as suas formas, deverá ser preservado, valorizado e transmitido às gerações futuras enquanto testemunho da experiência e das aspirações humanas, de forma a fomentar a criatividade em toda a sua diversidade e a inspirar um diálogo genuíno entre as culturas.” (UNESCO, 2002)

De acordo com a UNESCO (1954) o património está organizado em duas grandes categorias, Cultural e Natural.

A Convenção sobre a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural define património cultural como:

“Os monumentos: obras arquitetónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos: grupos de construções isolados ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os sítios: obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os sítios arqueológicos, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico” (UNESCO, 1972).

“O património cultural pode ser definido como o conjunto de sinais materiais - tanto artísticos como simbólicos - transmitidos pelo passado a cada cultura e, portanto, a toda a humanidade. Como parte constituinte da afirmação e do enriquecimento das identidades culturais, como legado que pertence a toda a humanidade, o património cultural confere a cada lugar específico as suas características reconhecíveis e é o repositório da experiência humana” (UNESCO, 1989).

“O património cultural constitui um conjunto de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, independentemente do regime de propriedade dos bens, como reflexo e expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução. Inclui todos os aspetos do meio ambiente resultantes da interação entre as pessoas e os lugares, através do tempo” (CONVENÇÃO DE FARO, 2005).

Resumindo, entende-se por Património Cultural um monumento, um conjunto de edifícios ou sítio de valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico e antropológico.

A Convenção sobre a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural define património natural como:

“Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excecional do ponto de vista estético ou científico;

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

Os sítios naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência, conservação ou beleza natural” (UNESCO,1972).

O património cultural e natural faz parte dos bens inestimáveis e insubstituíveis não só de cada país mas de toda a humanidade. A perda, por degradação ou desaparecimento, de qualquer desses bens eminentemente preciosos constitui um empobrecimento do património de todos os povos do mundo. Pode-se reconhecer, com base nas respetivas qualidades notáveis, «um Valor Universal Excecional» a certos elementos do referido património que, por essa razão, merecem ser muito especialmente protegidos contra os perigos cada vez maiores que os ameaçam (UNESCO, 2004).

“Património natural: conjunto dos valores naturais com reconhecido interesse natural ou paisagístico, nomeadamente do ponto de vista científico [...] e estético.” (DL n.º 142/2008)

“O património cultural pode ser definido como o conjunto de sinais materiais - tanto artísticos como simbólicos - transmitidos pelo passado a cada cultura e, portanto, a toda a humanidade. Como parte constituinte da afirmação e do enriquecimento das identidades culturais, como legado que pertence a toda a humanidade, o património cultural confere a cada lugar específico as suas

características reconhecíveis e é o repositório da experiência humana”(UNESCO, 1989).

O Comité do Património Mundial da UNESCO define os critérios para a inscrição dos bens na Lista do Património Mundial. Os critérios e condições para inscrição de bens na Lista do Património Mundial foram elaborados para avaliar o Valor Universal Excepcional dos bens, e orientar os Estados parte na proteção e gestão dos bens do Património Mundial.

O “Valor Universal Excepcional” significa uma importância cultural e/ou natural tão excepcional que transcende as fronteiras nacionais e se reveste do mesmo carácter inestimável para as gerações atuais e futuras de toda a humanidade. Assim sendo, a proteção permanente deste património é da maior importância para toda a comunidade internacional.

4.3 Conceitos e Políticas de Conservação

A política de conservação da natureza em Portugal teve início, legal, com a aprovação da Lei n.º 9/70 de 19 de junho, Lei dos Parques Nacionais e outros tipos de Reservas. Neste diploma legal ficou consignado que o objetivo da proteção da natureza é “a defesa e ordenamento da flora e fauna naturais, do solo, do subsolo, das águas e da atmosfera, quer para salvaguarda de finalidades científicas, educativas, económicas, sociais e turísticas, quer para preservação de testemunhos da evolução geológica e da presença e atividade humana ao longo das idades” (Lei n.º 9/70). Este texto é bem representativo da preocupação e abrangência pretendida relativamente à preservação do património natural. Além das questões relativas ao património natural e cultural as atividades turísticas são atividades que este diploma pretende que sejam admitidas nos espaços naturais. Foi, desde então, que a conservação do património natural, de criação e classificação de diversos espaços naturais protegidos ganhou relevância no nosso país.

As preocupações com a conservação dos recursos naturais, apesar de fazerem parte das agendas políticas há mais tempo, foi sobretudo a partir dos anos de 90 do século passado que adquiriu destaque a nível internacional. Logo no início da década ocorreu a Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento e o Meio Ambiente, a Conferência do Rio em 1992, que teve o objetivo de regular a ação humana em relação à emissão de gases que afetam o efeito estufa e a informação genética. Nela foram celebradas as Convenções sobre Mudanças Climáticas e sobre Biodiversidade e assinados documentos que continham um conjunto de princípios a respeito dos recursos genéticos e da soberania de cada país sobre o património existente no seu território. Foi nesse contexto que surgiu uma outra compreensão do património natural, com o reconhecimento da importância dos conhecimentos tradicionais para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. Foi a partir da referida Conferência (Rio 92) que o conceito da biodiversidade adquiriu protagonismo; Neste contexto, importa definir o que se entende por Biodiversidade; “Biodiversidade é a variabilidade entre os organismos vivos de todas as fontes: meio terrestre, meio marinho, e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que esses organismos fazem parte; isto inclui a diversidade dentro de cada espécie, entre espécies e entre ecossistemas” (ONU, 1992).

A preservação da biodiversidade e a valorização do património natural são preocupações que constam na política nacional de ambiente e nas ações que dela decorrem, conforme o Plano Nacional de Política de Ambiente, publicado em 1994. Esta atitude resulta, não só de considerações de natureza ecológica, mas também do valor que todos estes recursos representam em termos económicos, sociais, culturais, recreativos, estéticos, científicos e éticos (MIN.AMBIENTE, 1998). A. Com efeito, essa diversidade como parte integrante dos espaços naturais protegidos constitui um fator de enorme importância na qualidade de vida das populações.

Nas áreas protegidas a conservação e valorização do património natural enfatiza uma nova abordagem na promoção de iniciativas com vista a um desenvolvimento integrado e sustentável dos territórios (CUNHA, 2003).

A existência de uma estratégia nacional de conservação da Natureza e da biodiversidade (ENCNB) é, reconhecidamente, um instrumento fundamental para a prossecução de uma política integrada num domínio cada vez mais importante da política de ambiente e nuclear para a própria estratégia de desenvolvimento sustentável. A Lei de Bases do Ambiente (Lei n.º 11/87, de 7 de Abril) prevê, aliás, a elaboração dessa estratégia de conservação da Natureza.

No seguimento da Conferência de Estocolmo, de 1972, que daria lugar à criação do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA), e da "Estratégia Mundial de Conservação", apresentada em 1980 pela UICN surge a Convenção sobre a Diversidade Biológica (CDB). Em conformidade, o Governo empenhou-se na elaboração de uma estratégia nacional de conservação da Natureza e da biodiversidade, em boa articulação com os compromissos internacionais assumidos no quadro da CDB e de harmonia com a estratégia europeia nesta área. A ENCNB assume três objetivos gerais: conservar a Natureza e a diversidade biológica, incluindo os elementos notáveis da geologia, geomorfologia e paleontologia; promover a utilização sustentável dos recursos biológicos; contribuir para a prossecução dos objetivos visados pelos processos de cooperação internacional na área da conservação da Natureza em que Portugal está envolvido, em especial os objetivos definidos na Convenção sobre a Diversidade Biológica, aprovada para ratificação pelo Decreto n.º 21/93 de 29 de junho.

A aprovação do Regime Jurídico da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, pelo Decreto Lei n.º 142/2008, de 24 de julho, foi um passo importante para a concretização da Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade, aprovada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 152/2001, de 11 de outubro, dando cumprimento direto ao objetivo estabelecido no Programa do XVII Governo Constitucional. Esse regime jurídico é um instrumento chave para a clarificação e para o enquadramento das políticas de conservação da natureza e prevê a criação de um Fundo para a Conservação da Natureza e da Biodiversidade, com o objetivo de apoiar a gestão da infraestrutura básica de suporte à conservação da

natureza, designadamente das áreas que compõem a Rede Fundamental de Conservação da Natureza.

- A Rede Fundamental de Conservação da Natureza (RFCN) ocorre como uma das dez opções estratégicas da ENCNB, e vem reforçar o cumprimento das metas estabelecidas nesse documento. Segundo a Resolução de Conselho de Ministros n.º 152/2001, o conceito da RFCN passa pela promoção de uma visão que integra, não só os recursos naturais, mas também o património cultural e natural, abrangidos por proteção legal ou integrados em compromissos de carácter internacional.

As Áreas Protegidas surgiram na legislação nacional em 1970 com a publicação da Lei n.º 9/70, de 19 de Junho, como medida de defesa contra a degradação provocada pelo Homem e de uso racional dos recursos naturais de todo o território (Base I, Lei n.º 9/70, de 19 de Junho). Nesse mesmo documento são apresentadas as diferentes tipologias de Reserva, que classificam as Áreas Protegidas: Reservas Integrais; Reservas Naturais; Reservas de Paisagem; Reservas turísticas; Reservas Botânicas; Reservas Zoológicas; e Reservas Geológicas.

A Rede Nacional de Áreas Protegidas (RNAP) é constituída pelas áreas protegidas classificadas ao abrigo do Decreto-Lei n.º 142/2008, de 24 de julho e dos respetivos diplomas regionais de classificação.

São classificadas como áreas protegidas as áreas terrestres e aquáticas interiores e as áreas marinhas em que a biodiversidade ou outras ocorrências naturais apresentem, pela sua raridade, valor científico, ecológico, social ou cénico, uma relevância especial que exija medidas específicas de conservação e gestão, em ordem a promover a gestão racional dos recursos naturais e a valorização do património natural e cultural, regulamentando as intervenções artificiais susceptíveis de as degradar.

A classificação de uma Área Protegida (AP) visa conceder-lhe um estatuto legal de proteção adequado à manutenção da biodiversidade e dos serviços dos ecossistemas e do património geológico, bem como à valorização da paisagem.

A União Europeia estabeleceu uma principal estratégia de conservação da natureza, de aplicação obrigatória em todo o território comunitário, a qual visa manter ou atingir um estado de conservação favorável nos sítios incluídos na rede Natura 2000. É resultante da aplicação das Diretivas nº 79/409/CEE (Diretiva Aves) e nº 92/43/CEE (Diretiva Habitats) que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade.

- A Rede Natura 2000 constitui o instrumento mais importante da política comunitária em matéria de conservação da natureza. Trata-se de uma rede ecológica que abrange o território da União Europeia e que resulta da aplicação, em todos os países, de duas diretivas comunitárias com o objetivo de assegurar a manutenção da biodiversidade, procurando fazê-lo através da conservação de habitats naturais de fauna e flora. Estas diretivas criam zonas de proteção e conservação.

As duas diretivas comunitárias de aplicação em todo o território da União Europeia são:

- Diretiva 79/409/CEE do Conselho de 2 Abril 1979, revogada pela diretiva 2009/147/CE de 30 Novembro de 2009, conhecida como Diretiva Aves;

- Diretiva 92/43/CEE do Conselho de 21 de Maio de 1992, conhecida com Diretiva Habitats;

A Diretiva Aves leva à criação de Zonas de Proteção Especial (ZPE) que procuram garantir a conservação de determinadas espécies de aves, e seus habitats, listados no anexo da mesma. A Diretiva Habitats promove a criação de Zonas Especial de Conservação (ZEC). A criação destas zonas procura contribuir para a manutenção da biodiversidade, através da conservação dos habitats naturais de espécies da flora e da fauna selvagens considerados ameaçados e listados, também, nos respetivos anexos.

O Plano Setorial da Rede Natura 2000 relativo ao território do continente é aprovado por Resolução do Conselho de Ministros 115-A/2008 de 28 de Julho e trata-se de um instrumento de gestão territorial de concretização da política nacional de

conservação e valorização dos sítios e das ZPE, com a respetiva caracterização de habitats naturais e seminaturais que os compõem.

As Diretivas comunitárias quando transpostas para o quadro jurídico português, pelo DL n.º 140/99, de 24 de Abril, com a redação que lhe foi dada pelo DL n.º 49/2005, de 24 de Fevereiro, dão origem a duas áreas classificadas distintas, que constituem a rede ecológica da Rede Natura 2000: Zonas de Proteção Especial (ZPE) e as Zonas Especiais de Conservação (ZEC). Ao abrigo da Diretiva Aves (1979) surgem as áreas classificadas ZPE, definidas como áreas que se destinam essencialmente a garantir a conservação das espécies de aves e seus habitats, listadas no Anexo I da Diretiva (1979) e das espécies de aves migratórias não referidas no Anexo I e cuja ocorrência seja regular (ICN, 2006). Neste sentido, a Diretiva Habitats (1992) estabelece as áreas classificadas como ZEC que têm como objetivo "contribuir para assegurar a Biodiversidade, através da conservação dos habitats naturais e dos habitats e espécies da flora e fauna selvagens, considerados ameaçados no espaço da União Europeia" (Diretiva Habitats 92/43/CEE).

- Programas Especiais das Áreas Protegidas

Lei n.º 31/2014 de 30 de maio- Lei de bases gerais da política pública de solos, de ordenamento do território e de urbanismo. Estabelece as bases gerais da política pública de solos, de ordenamento do território e de urbanismo.

- Estratégia de Biodiversidade da UE para 2020

De modo a cumprir o Protocolo de Nagoia, a Comissão Europeia prepara um documento, em 2011, que tem como finalidade a promoção da redução da perda da biodiversidade e da degradação dos serviços que os ecossistemas prestam ao meio em que se inserem, até ao ano de 2020 (Comissão Europeia, 2011). Para que o objetivo da Estratégia de Biodiversidade seja alcançado, são estabelecidas seis metas prioritárias: a proteção das espécies e habitats; a manutenção e recuperação dos ecossistemas e dos seus serviços; a inclusão de objetivos em matéria de Biodiversidade nas áreas com maior relevância de intervenção da UE (agricultura, florestas e pescas); a luta contra as

espécies exóticas de cariz invasor; e, o reforço do contributo da UE para a prevenção da perda de Biodiversidade a nível mundial (Comissão Europeia, 2011).

- A Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ENCNB) foi publicada na Resolução do Conselho de Ministros n.º 152/2001, de 11 de outubro, Adota a Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade.

Conservar a Natureza, independentemente da latitude que se queira conferir à expressão, tornou-se num imperativo dos nossos dias materializado num certo número de instrumentos ou práticas. (HENRIQUES, 2002).

Apesar de haver ainda um longo percurso a percorrer em matéria de Conservação da Natureza, as mediadas, estratégias e políticas descritas ao longo deste ponto, apresentam-se como os principais instrumentos de proteção e conservação da natureza em Portugal e representam os esforços das várias partes envolvidas ao longo de várias décadas, nomeadamente do estado português, na garantia da preservação da saúde e a qualidade de vida do Homem e das gerações futuras, e acima de tudo, para assegurar a conservação, a salvaguarda e a renovação da natureza.

4.4 A importância na sociedade

O Património compreende lugares, objetos e diversas manifestações culturais de grande significado histórico e é ainda o suporte de memória e de identidade do lugar onde vivemos (UNESCO, 1972). Para além de valorizar o território, o património incrementa a qualidade de vida e é reconhecido como um importante recurso económico. As atrações naturais conjugadas com elementos culturais e históricos, às quais se juntam as tradições ancestrais, sustentam produtos turísticos, cada dia mais apreciados, em grande parte, pela própria população que o vê, não apenas como potenciador de novos empregos, mas também como um contributo inclusive para a educação ambiental, para a conservação da Natureza e para uma maior sustentabilidade do desenvolvimento da comunidade (SEABRA, 2012).

“Em sentido lato, o património natural e cultural pertence a toda a humanidade. Cada um de nós possui direitos e deveres relativamente à compreensão, apreciação e conservação destes valores universais” (ICOMOS,1999).

Neste sentido a sua conservação deve ser partilhada entre as entidades públicas, e todos os cidadãos uma vez que constitui a herança que a sociedade transmite às gerações vindouras, mantendo a memória e a história dos povos.

Com efeito, o Património constitui-se como um dos principais ativos para gerar Turismo que, como amplamente divulgado, está em franco crescimento, em especial o Turismo Cultural, englobando não só o Património Construído e o Património Natural mas também os festivais, as tradições, a gastronomia e as peregrinações, gerando receitas significativas que contribuem para diversificar e aumentar as economias locais.

Também o Turismo de Natureza apresenta-se hoje como uma modalidade com forte ligação ao Património Natural e Cultural. A Secretaria de Estado de Turismo espanhola, define-o como “Turismo de naturaleza es aquél que tiene como principales motivaciones la realización de actividades recreativas y de esparcimiento, la interpretación y/o conocimiento de la naturaleza, con diferente grado de profundidad y la práctica de actividades deportivas de diferente intensidad física y riesgo que usen expresamente el medio natural de forma específica, garantizando la seguridad del turista, sin degradar o agotar los recursos”.

O turismo de natureza está intimamente associado à interpretação do património natural em contato com a natureza (OLIVEIRA, 2013). O código mundial de ética do turismo (OMT, 1999) salienta que “O turismo de natureza e o ecoturismo são reconhecidos como formas de turismo especialmente enriquecedoras e valorizadoras, sempre que respeitem o património natural e as populações locais se ajustem à capacidade de acolhimento dos lugares turísticos”. As modalidades de turismo, cujo princípio assenta nos três pilares da sustentabilidade (social-cultural, ambiental e económico) estão em crescimento. Também a IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza), define o ecoturismo como “aquela modalidade turística ambientalmente responsável que consiste em viajar ou visitar áreas naturais

relativamente não perturbadas e com o fim de desfrutar, apreciar e estudar os atrativos naturais (paisagem, flora e fauna silvestres) de ditas áreas, assim como qualquer manifestação cultural (do presente ou do passado) que possa aí encontrar-se, através de um processo que promove a conservação, tem baixo impacto ambiental e cultural, e propicia uma introdução ativa e socioeconomicamente benéfica das populações locais”.

O Programa de Turismo Sustentável das Astúrias (2016) define-o como um produto estratégico para o Turismo das Astúrias, bem como a muitas outras modalidades que podem ser enquadradas no turismo de natureza e que se podem considerar hoje, como produtos turísticos únicos de identidade própria. Assim, pode-se falar do ecoturismo, astro-turismo, geoturismo, observação de flora e fauna... modalidades que respondem à mesma filosofia, embora com motivações e experiências concretas e diferenciadas associadas a cada uma.

Identicamente o turismo rural está intrinsecamente ligado ao turismo de natureza e tem um carácter transversal à gastronomia, caminhadas, observação da vida selvagem e outras atividades propícias a realizar em meio natural. A gastronomia tradicional e os produtos artesanais tradicionais estão intimamente ligados a este tipo de turismo, existindo oferta de experiências gastronómicas combinadas com alojamento local. Num mundo fortemente marcado pela valorização crescente de especificidades locais e regionais, as comunidades locais deverão assumir nas suas próprias mãos o potencial turístico que representam, nomeadamente o seu património cultural e ambiental.

Um dos produtos mais ligado ao turismo de natureza são as caminhadas. O Principado das Astúrias conta com uma centena de rotas e trilhos por todo o território, de onde se pode desfrutar da paisagem e da montanha, à contemplação da fauna e flora, às práticas de desportos ao ar livre e de um ambiente natural de grande beleza. Além disso, muitas das rotas das Astúrias permitem conhecer diferentes aldeias, tanto costeiras como do interior, aldeias rurais com encanto, disfrutando dos melhores miradouros e locais de grande interesse natural, cultural e etnográfico.

As motivações dos visitantes para disfrutar do turismo de natureza são múltiplas e variadas, (Cunha, 2009) partilhando, no entanto, um fator comum: o contacto com um ambiente natural. Uma das principais motivações é conhecer os Parques Nacionais, Naturais e Reservas da Biosfera, figura natural protegida, lar de uma riqueza em biodiversidade, difícil de replicar em outros lugares.

Importa ainda salientar que o turismo é, por definição, um setor transversal, cujo sucesso depende das intervenções em várias áreas, nomeadamente ao nível do ambiente e do património natural e cultural (TP, 2016). Logo, é essencial que as políticas e atividades turísticas sejam desenvolvidas no respeito pelo património artístico, arqueológico e cultural, competindo-lhes a sua preservação e transmissão às gerações futuras; daí a importância da existência de instrumentos legais e reguladores das atividades turísticas, sobretudo as que se desenvolvem em áreas protegidas, locais reconhecidamente indissociáveis da sustentabilidade.

“O conjunto dos atores do desenvolvimento turístico têm o dever de salvaguardar o ambiente e os recursos naturais, na perspetiva de um crescimento económico são, contínuo e sustentável, capaz de satisfazer equitativamente as necessidades e as aspirações das gerações presentes e futuras” (OMT, 1999).

O turismo de natureza deve realizar-se e desenvolver-se ao abrigo das normas reguladoras correspondentes ao espaço protegido na qual se realizam as ditas atividades. No entanto, algumas destas podem ser autorizadas ou proibidas, conforme indicações da normativa reguladora vigente nesse território.

Em Espanha a competência para a criação a gestão dos espaços naturais é repartida por diversos órgãos soberanos. No domínio dos Parques Nacionais compete à Administração Geral do Estado a sua coordenação. Esta é efetuada em colaboração com as Comunidades Autónomas de Espanha em regime de cogestão. Relativamente às outras categorias de áreas protegidas consignadas na Lei espanhola a sua delimitação, classificação e gestão é da competência das Comunidades autónomas que possuem poder legislativo neste domínio.

No que se refere às Astúrias em termos de enquadramento jurídico, o turismo de natureza é regulado pela “LEY del Principado de Astúrias 10/2010, de 17 de diciembre”. Existem, porém, outros instrumentos e normas reguladoras abrangendo todo o território espanhol, como é o caso do “Real Decreto 416/2014, de 6 de junho”, o qual aprova o plano sectorial de turismo de natureza e biodiversidade 2014-2020.

Em Portugal é da competência do Governo legislar em matéria de conservação da natureza. Ao abrigo do Decreto-Lei n.º 47/99, de 16 de Fevereiro, considera-se Turismo de Natureza "o produto turístico composto estabelecimentos, atividades e serviços de alojamento e animação turística e ambiental realizados e prestados em zonas integradas na Rede Nacional de Áreas Protegidas". O turismo que assume este tipo de características desenvolve-se segundo diversas modalidades de hospedagem, de atividade e serviços de animação ambiental, que permitem a contemplação e a fruição do património natural, arquitetónico, paisagístico e cultural.

4.5 Métodos de Valoração do Património

Um aspeto que adquire cada vez mais relevância no uso sustentável e na partilha de benefícios é a capacidade de compreender a contribuição que os bens do Património Mundial podem oferecer para as economias regionais e nacionais. É importante que os gestores pensem sobre isso e reúnam evidências dos benefícios económicos gerados por esses sítios.

Os bens e serviços de uma área ambiental (fauna e flora, recreação e turismo, abastecimento de água, etc.) têm o seu devido valor. Porém, é reconhecido que existe dificuldade em medi-los (FREIRE, 2012). O património cultural e natural representam bens e serviços não negociados em “mercados” e, portanto, que não possuem um preço (valor monetário). Contudo, estes valores necessitam de ser calculados e expressos de forma que possam ser comparados na mesma escala com outros bens e serviços comercializados. Neste sentido, “a valorização económica de ativos

ambientais constitui um conjunto de métodos e técnicas cuja finalidade é estimar valores monetários (preços) para bens ambientais” (PUGAS, 2006).

Durante algum tempo acreditou-se que era muito difícil avaliar os bens patrimoniais por serem classificados como bens não transacionáveis. No entanto, esta restrição foi parcialmente ultrapassada com as técnicas de valoração dos chamados bens não transacionáveis a serem aplicadas em inúmeros estudos.

Para a valoração destes bens de natureza pública seguem-se conceitos da teoria microeconómica do consumidor, em que, genericamente, o valor económico do bem pode ser calculado por métodos de:

(a) avaliação direta, de mercado, ou de impacto económico direto;

(b) avaliação indireta ou de não mercado, por meio de métodos de preferência revelada ou da preferência expressa.

- Impacto económico direto

Este método assume que o investimento num projeto patrimonial e territorial gera benefícios económicos tangíveis, diretos e indiretos, e basicamente procura quantificar o diferencial financeiro entre a situação com projeto/evento /classificação *versus* situação base ou sem projeto. Os estudos de impacto económico medem, de forma adequada, os acréscimos líquidos de curto prazo na atividade económica (UNESCO, 2014).

Numa primeira fase, quantifica-se o número adicional de turistas, o tempo de permanência, o gasto médio, assim como a evolução das infraestruturas de oferta nas várias atividades. Numa segunda fase, para determinação do impacto económico total, aplicam-se multiplicadores, por exemplo, a despesas dos turistas (UNESCO, 2014).

- Métodos de preferência revelada

A técnica dos preços hedónicos recorre a bens complementares ou relacionados com o ativo patrimonial, para determinar o valor deste último. Visa estimar a procura individual pelas características culturais ou ambientais dos bens que

têm a natureza de bens públicos. Assim, na ausência de mercado, o valor dessas características ou atributos é estimado tendo em conta o seu peso na formação do preço de um bem de mercado no qual essas características estejam presentes. Este método é muito usado, por exemplo, em relação com o mercado imobiliário. Neste caso, o que se procura estimar é a influência que um dado atributo, como por exemplo, a proximidade de uma área natural, tem no preço das habitações, permitindo inferir a partir daí, com técnicas estatísticas adequadas, o valor que a sociedade atribui à própria área natural (MUÑOZ, 2015).

O valor de transferência recorre, também, a valores comparativos, mas sem a obrigatoriedade de considerar bens próximos, podendo inferir valores a partir de meta avaliações ou de bens semelhantes em qualquer outro local. Por exemplo, neste método recorre-se com frequência à avaliação do “valor equivalente de publicidade” nos media.

No método do custo de viagem quantifica-se o valor do ativo patrimonial através de uma variável quantificadora das despesas de viagem. A designação resulta do facto de os bens culturais e naturais serem geralmente providos a baixo preço, sendo a visita/consumo influenciada pelo custo (direto e de oportunidade) associado à viagem. O valor económico do bem é expresso pelo valor do excedente do consumidor, que é determinado a partir da curva da procura estimada. Esta técnica, que é a mais apropriada para valorar os locais com atividades turísticas, será aplicada neste trabalho e, por isso, apresentada com mais detalhe na secção relativa às metodologias de análise.

- Métodos da preferência expressa

O método da valoração contingente, de forma mais ou menos direta, permite obter informação sobre a disposição máxima a pagar (mínima a aceitar) para assegurar (prescindir de) uma mudança hipotética na disponibilidade de uma amenidade de não mercado. Esta é a técnica mais flexível, uma vez que pode ser usada para analisar qualquer benefício fornecido pelo local, tal como o valor de existência. Tem como desvantagem o facto de ser um método hipotético que, ao contrário dos anteriores, não se baseia em mercados reais. Por exemplo, usando o formato de licitação na

forma aberta, a questão de valoração é do tipo: “qual o montante máximo que estaria disposto a pagar por um acréscimo no nível de qualidade do bem x?”. Usando o formato referendo (pergunta dicotômica), o inquirido é solicitado a indicar se está disposto a pagar, ou não, um montante monetário específico para ter acesso à amenidade ou proposta apresentada.

A técnica de escolhas discretas permite ultrapassar esta questão, assentando no pressuposto de que um bem produz utilidade a partir dos seus atributos, à luz do trabalho pioneiro de (UNESCO, 2014). Neste sentido, a técnica de escolhas discretas (discrete choice experiments), inserida na família escolhas contingentes, obtém informação sobre preferências e valor através das escolhas feitas por inquiridos entre várias alternativas apresentadas em conjuntos de escolha. Cada alternativa representa um programa/projeto e é concebida através da combinação dos atributos considerados relevantes para o bem e respetivos níveis (como por exemplo, presença ou ausência do atributo). Cada inquirido é solicitado a escolher o seu programa/projeto preferido sequencialmente em vários conjuntos.

5. Metodologias de análise utilizadas

Neste ponto é apresentado a forma de investigação usada, o método utilizado para análise dos dados recolhidos e modelo utilizado.

5.1 Investigação, amostra e recolha de dados

A investigação começou com o reconhecimento de uma oportunidade de análise acerca da perceção do turista sobre o valor patrimonial dos Picos da Europa e envolveu várias etapas:

1ª. Identificação da oportunidade e definição dos objetivos.

2ª. Criação de um questionário de objetivos da investigação. A investigação aos turistas dos Picos da Europa visou responder às questões: local de residência, tipo de viagem, número de pessoas, faixa etária, género, nível académico, rendimentos familiares, meio de transporte, número de visitas, número de dias, contactos com o campo, razões da viagem, gastos da viagem, tipo de alojamento e razões de escolha, tempo despendido noutros locais, lugares alternativos, avaliação de recursos.

3ª. Escolha do método de recolha de dados, tendo-se selecionado o questionário ordenado e estruturado. Esta inquirição foi quantitativa e qualitativa.

4ª. Recolha dos dados através de questionário (em espanhol), com vocação para ser autoadministrado.

5ª. Análise, tratamento e interpretação dos dados através de estatística descritiva (software StataMP 13 e Excel 2010).

6ª. Desenvolvimento e estimação de um modelo de Custo de Viagem para determinação do valor do PNPE para a sociedade (software StataMP 13)

7ª. Conclusões e limitações do estudo com apresentação de sugestões para investigação futura.

Assim sendo, a amostra alvo da investigação foi obtida por meio de questionários (ver anexos) realizados aos domingos e feriados durante os meses de novembro e dezembro de 2016. O método de inquirição foi de administração direta, sendo os inquéritos aplicados de forma aleatória mas exclusivamente a turistas. Ao todo, foram obtidas 201 observações consideradas válidas para serem usadas como amostra final. Após análise verificou-se que apesar de terem um comportamento semelhante, 12 (dos 201) inquiridos não pernoitavam, pelo que assumem a designação de visitantes e não de turistas⁸. No entanto, para fins estatísticos foram contabilizados os 201 inquéritos, como sendo turistas.

Por razões que se prendem sobretudo com a sua elaboração, os inquéritos só ficaram finalizados e prontos para serem utilizados, a partir da 6ª semana de estágio. Chegou a ser ponderada a hipótese de se colocarem alguns destes inquéritos em alojamentos turísticos, no entanto, dada a difícil burocracia de aceitação e o possível enviesamento, foi abandonada essa ideia. Optou-se também por não distribuir inquéritos aos clientes da Frontera Verde Aventura (empresa de acolhimento), pelo motivo de possível enviesamento, já que as atividades da empresa se relacionam com um tipo de turismo específico (Turismo Ativo) que levaria a desvirtuar a realidade turística da região.

Assim, a distribuição dos questionários foi realizada na zona oriental das Astúrias, onde se localizam grande parte dos lugares mais visitados, destacando-se localidades muito representativas como Covadonga, Lagos de Covadonga e Cangas de Onís.

Procurou-se os pontos de referência turística (Figura 12) em Cangas de Onís (ponte Romana e mercado tradicional) e Covadonga (Basílica de Covadonga e estátua de Don Pelayo). Esta opção, que representa uma das quatro possíveis entradas para o Parque Nacional dos Picos da Europa, deveu-se à proximidade do local, quer de

⁸ Segundo a ONU “Visitante é toda a pessoa que se desloca temporariamente para fora da sua residência habitual, quer seja no seu próprio país ou no estrangeiro, por uma razão que não seja a de aí exercer uma atividade remunerada; ”Turista é todo o visitante temporário que permanece no local visitado mais de 24 horas.”

alojamento, quer da empresa de estágio (Arriondas). A abordagem aos inquiridos, embora direta, foi realizada sempre de forma agradável e cuidada, procurando não criar incómodo.



Fig. 12 - Locais de inquirição

5.2 O Método Custo de Viagem

O “método do custo de viagem” é determinado pelo tempo e despesas que as pessoas dispõem para visitar um lugar, deduzindo-se por esse modo o "preço" de acesso a esse local (ORTIZ, 2000). Assim, a disposição das pessoas a pagar para visitar o local pode ser estimada com base na relação entre o número de viagens que fazem ao local e os respectivos custos de viagem (Ward F, 2000). Isso é semelhante a estimar a disposição das pessoas para pagar por um bem comercializado com base na quantidade procurada a diferentes preços.

Existem várias maneiras de abordar o problema, usando variações do Método do Custo de Viagem (EMA, sd). Estes incluem:

- Uma abordagem simples dos custos das viagens, usando principalmente dados secundários sobre os visitantes.
- Uma abordagem dos custos das viagens individuais, usando um levantamento mais detalhado dos visitantes através de inquéritos aos visitantes.
- Uma abordagem de utilidade aleatória usando pesquisa e outros dados, além de técnicas estatísticas.

Como o objetivo do presente estudo é “a percepção do turista sobre a preservação do património natural e cultural na região dos Picos da Europa” optou-se por utilizar uma abordagem do Método de Custo Viagem Individual (ITCM), por ser o mais apropriado, já que tem em conta a variação inerente no conjunto dos dados e pode ser estimado usando um menor número de observações. Para além do mais o ITCM é mais flexível e pode ser aplicado num maior leque de lugares e ao mesmo tempo permite a extração de valiosas informações sobre as características, preferências e comportamentos dos visitantes (CHOWDBURY, 2014).

5.3 O modelo de análise

Para analisar os dados recolhidos nos inquéritos começou por fazer-se uma análise baseada em estatísticas descritivas, a qual foi posteriormente complementada com a estimação de um modelo de custo de viagem.

Para validar o conteúdo das estimativas do Método Custo de Viagem aplicado ao PNPE, este trabalho propôs-se a rever os pressupostos teóricos da metodologia e as principais recomendações da literatura (inclusive artigos científicos pertinentes), relacionando-os com os resultados da pesquisa.

Este modelo procura relacionar número de visitas (do último ano) à região dos Picos da Europa (V), com o custo de viagem (CV) e outras variáveis que ajudam a explicar a procura, conforme ilustra a Equação:

$$V = \alpha_0 + \alpha_1 CV + \alpha_2 CA + \alpha_3 REN + \alpha_4 ESC + \alpha_5 GEN + \alpha_6 IDA + \alpha_7 TV \\ + \alpha_8 AL + \alpha_9 TRA + \alpha_{10} Dia$$

Assim, considerando a variável dependente (V), podemos representar a procura como a frequência individual de visitas anuais aos Picos da Europa. Uma descrição mais detalhada das variáveis utilizadas é apresentada na tabela 3.

Tabela 3 - Variáveis e sua descrição

Nome da variável		Descrição	Tipo da variável
V	Visitas aos PdE	Número de visitas no último ano aos Picos da Europa	Dependente
CV	Custo de viagem	Soma do custo do alojamento com o custo de transporte (em euros)	Contínua
CA	Custo das alternativas	Custo de transporte para as alternativas: Pir = Pirenéus Nev= Serra Nevada Alp = Alpes	Contínua
REN	Rendimento familiar	RA- Rendimento baixo, menos de 1000€ RM- Rendimento médio, entre 1000€ e 2000€ RE- Rendimento elevado, mais que 2000€	Catagórica
ESC	Escolaridade	Nível de escolaridade Pri- Ensino primário Sec- Ensino Secundário Lic- Licenciatura Mes- Mestrado Dou- Doutoramento	Catagórica
GEN	Género	Indica o género do inquirido; assume o valor 0 ou 1 consoante o inquirido for, respetivamente, do género masculino ou feminino.	Dicotómica
IDA	Idade	Indica a idade do inquirido, medida em anos	Contínua
TV	Tipo de viagem	In – individual Pa – A par Fa – Familiar Gr – em grupo	Catagórica
AL	Tipologia do alojamento usado na estada	Par - Parador Hos - Hostel Alb - Albergue Cam - Campismo Ald - casa de aldeia Hot - Hotel Cas - Casa particular Caspro – Casa própria	Catagórica
TRA	Meio de transporte usado na deslocação	Car - carro Bus - autocarro Com - Comboio Avi - avião Aut - autocaravana	Catagórica
Dia	Número dias	Número de dias de estada na região dos PdE	Contínua

6. A percepção do turista sobre o valor patrimonial dos Picos da Europa

Os objetivos desta investigação pretendiam, através de inquérito, a caracterização do perfil do Turista (ponto 6.1), a determinação das motivações desse turista, o que os levou a procurar este destino (ponto 6.2) e, através do método de custo de viagem, estimar o valor patrimonial da região (ponto 6.3).

6.1 Os turistas que visitam a região

Para o tratamento dos dados são apresentadas várias tabelas com os resultados dos inquéritos e que permitem definir o perfil do visitante aos Picos da Europa: os respondentes foram maioritariamente do sexo masculino (69%), na faixa etária acima dos 24 anos (83,2%) e com idade média de 35 anos. Em termos académicos, os turistas inquiridos caracterizam-se por terem um elevado grau de instrução, uma vez que 73% dos visitantes têm habilitações de nível superior (39,5% são detentores de Mestrado e 30,5% de uma licenciatura) (Tabela 4).

Tabela 4 - Grau de Instrução dos Turistas

<i>Ensino primário</i>	1,5%
<i>Ensino secundário</i>	25,5%
<i>Licenciado</i>	30,5%
<i>Mestrado</i>	39,5%
<i>Doutorado</i>	3%

Os visitantes que possuem um rendimento entre 1000€ e 2000€ representam 49,2%. Não obstante, 19,5% possuem um rendimento do agregado familiar até 3000€ (Tabela 5).

Tabela 5 - Rendimento líquido mensal do agregado familiar

< 1000€	22,1%
≥ 1000€ a 2000€	49,2%
≥ 2000 € a 3000€	19,5%
≥ 3000€ a 4000€	5,1%
>4000€	4,1%

No que se refere à procedência, predomina o turismo nacional, com provenientes de várias regiões autónomas de Espanha. O principal emissor de turistas para a região dos Picos da Europa, é Madrid com 27,9%, seguida do País Basco e Astúrias, ambas com 11% e em terceiro lugar com 9,5%, Leão e Castela (Figura 13).

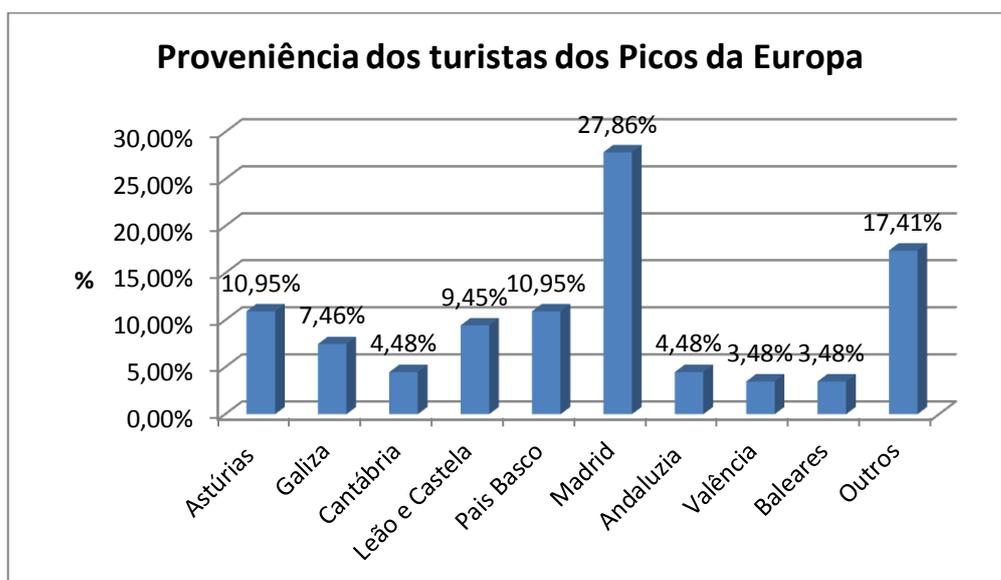


Fig. 13 - Proveniência dos Turistas

O visitante dos Picos da Europa viaja sobretudo na companhia do seu companheiro (53,7%), registando-se alguma preferência pela viagem em família (25,8%) ou com amigos (17,9%) e raramente sozinho (2,5%) (Figura 14).

Embora estes resultados sejam apenas respeitantes à zona oriental das Astúrias, comparando-os aos apresentados em estudos realizados a toda a região pela SITA, verificam-se várias semelhanças:

- A maioria dos visitantes viaja a pares (58,1%), em família (18,8%) e com amigos 11,3% (SITA, 2009).

- Na hora de realizar a viagem, a companhia mais habitual é o par, com 44,7%, em família (21,2%) e com amigos (11,3%) (SITA,2015).

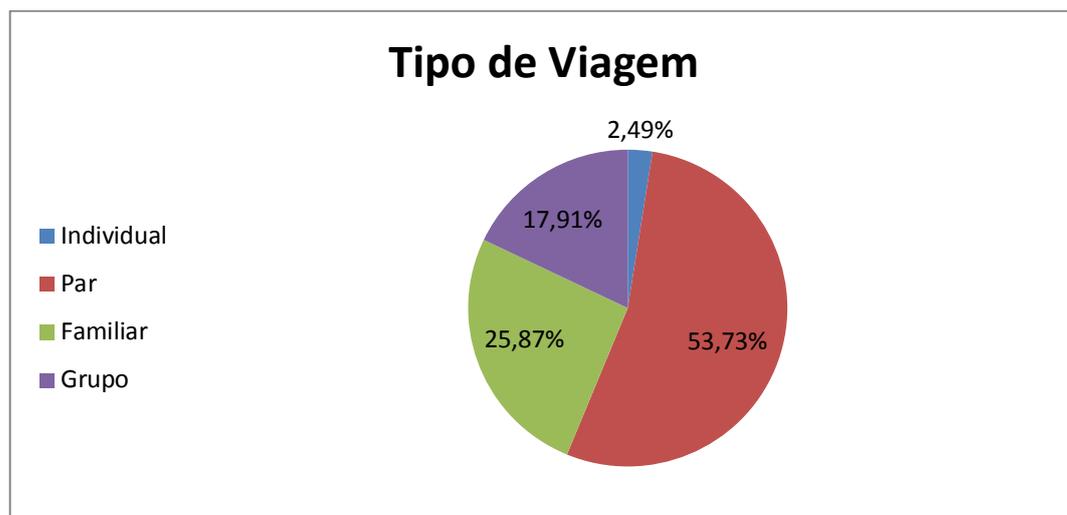


Fig. 14 - Tipo de Viagem

Na sua maioria, o automóvel particular é o meio mais utilizado pelos turistas para chegar aos Picos da Europa (87,4%) sendo o autocarro a segunda opção (6,8%), mas com uma significativa disparidade em relação à primeira (Figura 15). Comparando novamente os resultados com estudos realizados pela SITA em 2009 e 2015, verifica-se que o veículo particular é também o transporte mais utilizado para visitar as Astúrias.

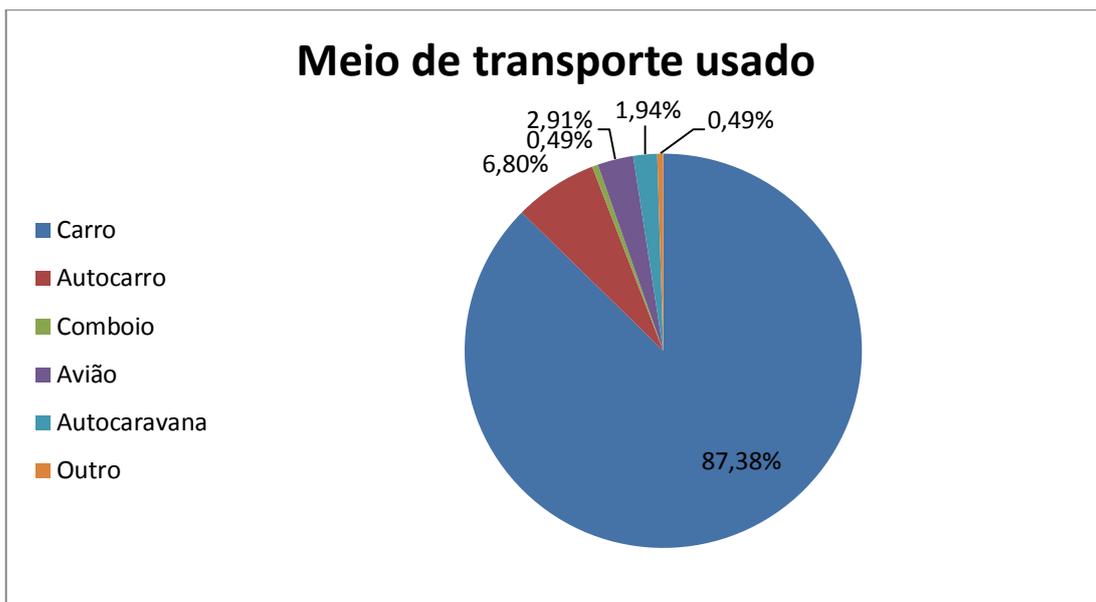


Fig. 15 - Meio de Transporte

Apurou-se que mais de metade dos turistas (60,7%), não vive nem nunca viveu no campo, verificando-se, no entanto, que a maioria (73,1%) tem, ou já teve, contactos regulares com o modo de vida das zonas rurais.

Os turistas permaneceram em média, 4 dias na região e na escolha do alojamento deram maioritariamente preferência ao hotel (41,8%), ficando a Casa da Aldeia em segundo lugar (19%) e em terceiro, a Casa Particular (18%) (Figura 16).

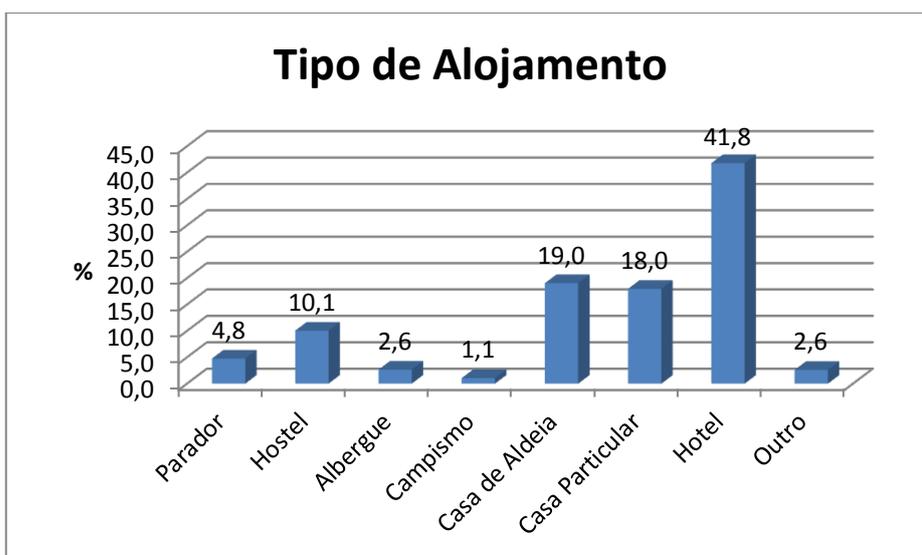


Fig. 16 - Tipo de Alojamento

Na hora de escolher o alojamento, os fatores que mais influenciam na escolha são o preço (31,8%), seguido da comodidade e qualidade (31,2%) distinguindo-se ainda a natureza e tranquilidade como outro fator de eleição (14,9%) (Figura 17).

O preço é também o fator mais referido no estudo do SITA (2009) com 26,3%, havendo no entanto a inversão dos fatores seguintes (Comodidade e Qualidade, com 4,7%, e a Tranquilidade e Natureza, com 27,8%).

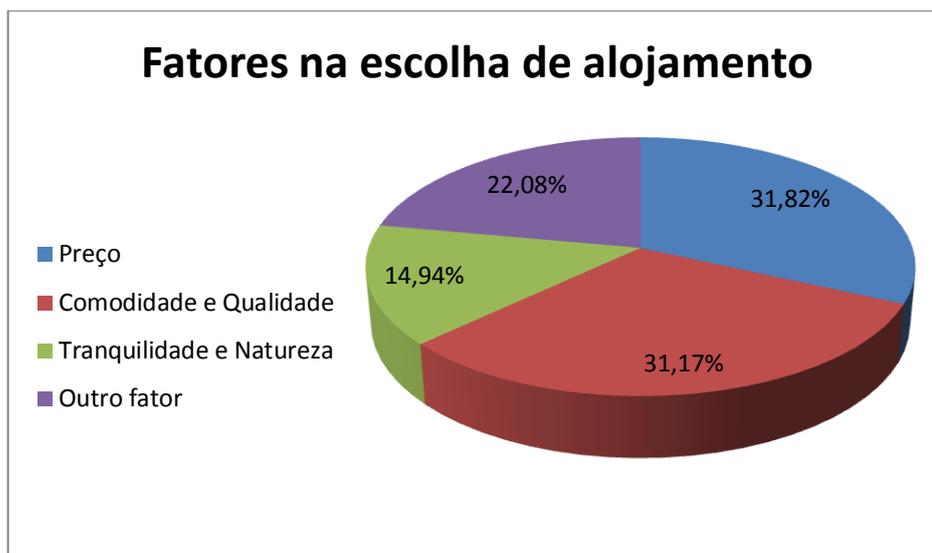


Fig. 17 - Fatores na escolha de Alojamento

Da análise destes resultados podemos inferir um perfil de turista caracterizado por um nível académico elevado, com um forte apelo pela natureza e pela procura de espaços para disfrutar e descansar com qualidade e tranquilidade.

Confirma-se também uma forte dependência do mercado doméstico (pelo menos neste período anual), pois os turistas são provenientes de uma grande diversidade de localidades de Espanha.

A maioria dos turistas inquiridos nunca viveu no campo. Isto poderá explicar a necessidade da procura por estes locais de natureza e ruralidade para usufruir das férias, com o qual muitos deles já tiveram contacto (73%).

Na Tabela 6 apresentam-se, em síntese, as principais características dos inquiridos.

Tabela 6 - Síntese do perfil dos turistas inquiridos

Sexo	Masculino (69%) Feminino (31%)
Faixas etárias	Adultos (83,2%), Jovens (8%), Crianças (8,8%)
Origem	Regiões autónomas, Madrid (27,9%), País Basco e Astúrias (11%) e Leão C. (9,5%)
Grau de instrução	Destacam-se os graus de Mestre (39,5%), Licenciado (30,5%) e Ensino secundário (25,5%)
Rendimento líquido mensal do agregado familiar	49,2% Possui entre 1001€ e 2000€; 22,1% menos de 1000€ e 19,5% entre 2001€ a 3000€
Com que viaja	Sobretudo com companheiro(a) 53,7%; e Família cerca de 26%
Meio de transporte usado	Destaca-se o carro com 87,4%; viaja de autocarro 6,8%
Vive/viveu no campo	60,7% nunca viveu no campo
Contacto zonas rurais	73,1% teve contactos regulares com o modo de vida das zonas rurais
Dias que permanecem na região	Média de 4 dias que permanecem na região
Tipo de alojamento	Maioritariamente hotel (41,8%) e em segundo Casa de Aldeia (19%) e Casa Particular (18%)
Fatores na escolha do alojamento	Existe um equilíbrio entre os fatores da escolha como o preço baixo (31,8%) e a comodidade e qualidade (31,2%)

6.2 O que procuram os turistas nos Picos da Europa

De acordo com a figura (Fig.18) as motivações que levaram os turistas a escolher a região dos Picos da Europa como destino, deveu-se principalmente à Natureza, nomeadamente visitar montanhas e espaços naturais (24%), admirar a paisagem (19%) e por ser um bom destino para descansar (18,8%). Nota-se que as pessoas para as quais o descanso é a principal motivação das suas férias escolheram um ambiente de natureza como sendo o mais adequado. São poucos os visitantes e turistas que procuram os Picos da Europa para conhecer tradições (4,9%) e visitar sítios históricos (4,5%).

A figura 18 representa percentualmente as primeiras 3 escolhas preferidas pelos inquiridos, num universo de 8 alternativas apresentadas.

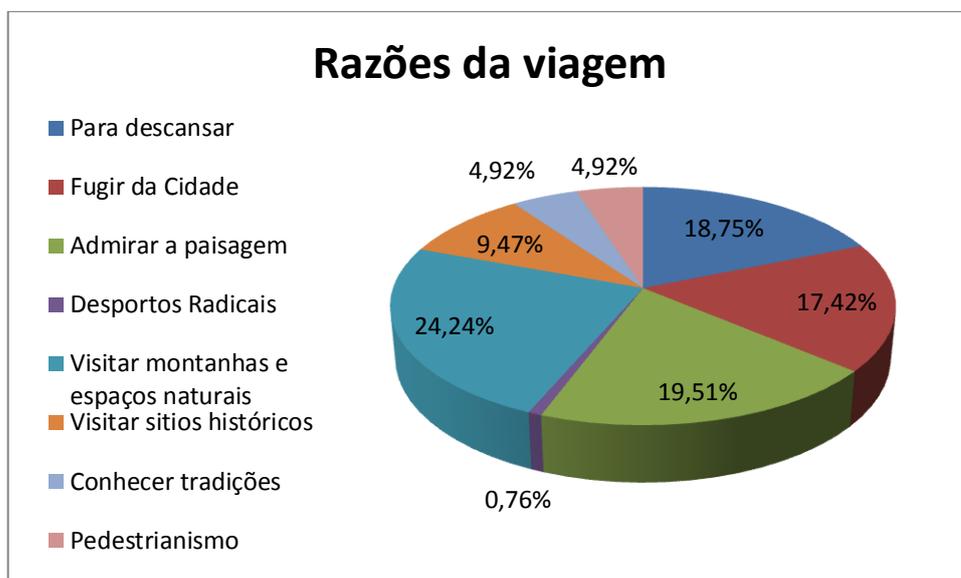


Fig. 18 - Razões da viagem

Na análise destes dados podemos destacar o baixo interesse dos turistas inquiridos no pedestrianismo e desportos radicais. Conhecendo-se inúmeras empresas da região a trabalhar nessas áreas, esta avaliação poderá ser reflexo da época de realização dos inquéritos (novembro/dezembro) e de se tratar de atividades muito sazonais. No pedestrianismo, outro fator para referências tão baixas pode dever-se à

localização dos inquiridos. Em outras entradas dos Picos da Europa (por exemplo na zona de Caín e Poncebos que é o local onde se inicia a famosa Ruta del Cares) certamente os resultados do pedestrianismo como “razão da viagem” seriam bem diferentes. O pedestrianismo tem um público-alvo um pouco diferente que procura outras passeios, excursões, percursos pedestres, observação da fauna, etc., que ligam o perfil dos turistas às experiências de “Natureza soft”⁹.

“Os consumidores de natureza soft, desde os que procuram ambientes naturais para relaxar até aos que manifestam um elevado grau de interesse pela natureza, constituem os segmentos com maior volume e com maiores taxas de crescimento futuras. Simultaneamente, e apesar de também apresentarem os maiores índices de sazonalidade, são os segmentos cujos consumidores não necessitam tanto da oferta de produtos e serviços complexos” (PENT,2006).

Os turistas foram também questionados sobre os recursos naturais e culturais com interesse na região dos Picos da Europa. Cada recurso foi avaliado numa escala de 1 a 10 (sendo 1 péssimo e 10 excelente). Para leitura geral dos dados foi feito a média e a moda das respostas para cada alínea, como se visualiza na tabela 7.

De modo geral, as avaliações são muito boas, desde a qualidade e conservação dos recursos naturais, das casas e monumentos, das instalações, da gastronomia, das atividades de turismo ativo, passando pela hospitalidade da população local, até à riqueza das tradições locais.

Ainda de destacar a satisfação total dos turistas com a viagem que é um excelente indicador do possível regresso ao local.

⁹ Experiências de atividades ao ar livre de baixa intensidade física.

Tabela 7 - Avaliação do turista sobre os recursos dos PdE

<i>Recursos</i>	<i>Média</i>	<i>Moda</i>
<i>Qualidade dos recursos naturais</i>	<i>8,9</i>	<i>10</i>
<i>A conservação dos recursos naturais</i>	<i>8,8</i>	<i>9</i>
<i>A qualidade das casas e dos monumentos</i>	<i>8,8</i>	<i>8</i>
<i>A conservação das casas e dos monumentos</i>	<i>8,7</i>	<i>8</i>
<i>A hospitalidade da população local</i>	<i>8,9</i>	<i>10</i>
<i>A riqueza das tradições locais</i>	<i>8,9</i>	<i>9</i>
<i>A qualidade da gastronomia</i>	<i>9,1</i>	<i>10</i>
<i>A qualidade das instalações</i>	<i>8,9</i>	<i>9</i>
<i>A qualidade das atividades de turismo ativo</i>	<i>8,8</i>	<i>9</i>
<i>O êxito total da sua viagem</i>	<i>9,2</i>	<i>9</i>

Em termos de análise de recursos (tabela 7) a avaliação média, mais baixa, foi atribuída à conservação das casas e dos monumentos. A perceção tida pelo turista denota a importância em preservar a qualidade e a variedade de monumentos existentes no local, desde grandes igrejas até pequenos “hórreos” (espigueiros).

De acordo com os dados obtidos na investigação, podemos referir que os turistas procuram os Picos da Europa pelo contacto com a natureza, pelas paisagens deslumbrantes, pela possibilidade de desfrutar de uma sensação de tranquilidade e bem-estar que a natureza proporciona.

Portanto, após a investigação do perfil de turista e as suas motivações, apontamos para que estejamos perante um turismo de natureza (tabela 8) e consequentemente um perfil de turista de natureza.

Tabela 8 - Características e objetivos do turismo de natureza (VERA, 1997)

Características	Objetivos
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolve-se em zonas rurais e naturais fora dos grandes centros urbanos; em muitos casos desenvolve-se em espaços naturais protegidos, como seja em parques nacionais e naturais, constituindo a manifestação mais emblemática do turismo de natureza; - Ajuda a desenvolver as precárias economias rurais, especialmente em zonas de montanha; - A oferta turística é de baixo impacto ambiental, muito cuidadosa com a natureza e com a população local; - A oferta turística tende para a dispersão, isto é, os equipamentos turísticos não se concentram todos no mesmo local; - O ecoturismo é um tipo de turismo ativo que procura descobrir a realidade envolvente, tanto a cultural como a natural; é comum a promoção de atividades lúdico-desportivas e educativo-culturais, sendo que as primeiras são as que mais se notam; - O ecoturismo é um segmento turístico relativamente recente e, em parte, é promovido e regulamentado pela política de parques nacionais e parques naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Facilitar o uso público do espaço natural, tendo-se em conta que as atividades recreativas realizadas devem ser compatíveis com a conservação dos valores naturais e culturais do espaço; em caso de conflito, deve prevalecer a conservação sobre o uso público; - Proporcionar o conhecimento dos recursos da área; a capacidade de satisfação e desfrute da visita aumenta consideravelmente quando se entende e valoriza o meio ambiente em que nos encontramos; - Gerar impactes positivos para a conservação e proteção do meio ambiente; <p>(Para além destes objetivos gerais, cada espaço natural, segundo as suas peculiaridades, tende a estabelecer os seus próprios objetivos específicos.)</p>

6.3 Estimação do valor patrimonial da região

Para determinar o valor atribuído pela sociedade ao PNPE, foi estimada uma curva da procura individual que relaciona o número de vezes que cada turista visita anualmente o local (V) com o seu custo de viagem (CV), conforme se mostra abaixo.

$$V = -0,0020884CV + 2,00809$$

Admitindo que a amostra utilizada é representativa, pode extrapolar-se esta procura individual para o conjunto dos visitantes dos Picos da Europa, o qual está estimado em 1845000 pessoas por ano (ESTEFANIA, 2016). Assim, obtemos:

$$V = 1845000 (-0,0020884 CV + 2,0089), \text{ ou seja}$$

$$V = -3853,1 CV + 3706420,5$$

Representando graficamente esta função (Figura 19) é possível determinar o Excedente do Consumidor, resultante do consumo deste bem patrimonial.

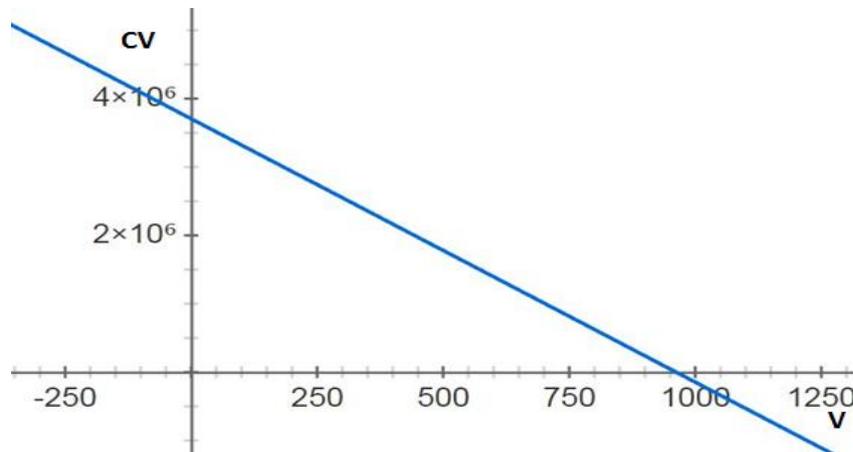


Fig. 19 - Curva da procura

Assim, tendo em conta que o preço pago pelos turistas para visitar o PNPE é zero, o valor do Excedente do Consumidor será dado pela área do triângulo formado pela curva da procura, pelo eixo CV e pelo eixo V, ou seja $\text{Valor} = \frac{3706420,5 \times 961,0}{2} = 1782662391,7\text{€}$. Este é o valor total que a sociedade atribui aos Picos da Europa. Sendo o PIB de Espanha em 2016 (PORDATA, 2017) de 1.113.851 milhões de euros, então os

Picos da Europa representam um valor de 0,16% do PIB de Espanha, o que é bastante significativo.

No entanto, tal como acontece com a procura de qualquer bem, o preço (neste caso representado pelo custo de viagem) não é o único determinante da quantidade procurada. Outros fatores, tais como o rendimento ou as preferências, podem levar ao deslocamento da curva da procura para cima ou para baixo. Para compreender quais os fatores que podem ter este efeito na curva da procura pelo PNPE, foi estimado o modelo apresentado em 5.3.

A tabela 9 mostra os resultados da estimação do modelo de custo de viagem, indicando-se o coeficiente relativo a cada variável explicativa, bem como a respetiva significância estatística ($P > |t|$).

Tabela 9 - Variáveis investigação

V	Visitas aos PdE	Coeficiente	P > t
CV	Custo de viagem	-.0020925	0.052
Pir	Pirenéus (Custo da alternativa)	.0064417	0.507
Nev	Serra Nevada (Custo da alternativa)	-.0013224	0.780
Alp	Alpes (Custo da alternativa)	-.0004438	0.919
RM	Rendimento Médio	-.271037	0.185
RE	Rendimento Elevado	-.0817443	0.754
Sec	Secundário (Escolaridade)	.3429528	0.562
Lic	Licenciatura (Escolaridade)	.312942	0.592
Mes	Mestrado (Escolaridade)	.0914953	0.874
Dou	Doutoramento (Escolaridade)	.1187458	0.875
GEN	Género	-.0730554	0.677
IDA	Idade	.0098933	0.253
Gr	Grupo (Tipo de Viagem)	.4763437	0.062
Caspro	Casa Própria (Alojamento)	.700974	0.022
Car	Carro (Meio de Transporte)	.2578446	0.323
Dia	Número de dias	.0153468	0.632

Os resultados do modelo estão de acordo com a teoria expectável do método custo de viagem pois para que o modelo seja válido deverá haver uma relação negativa entre o custo de viagem e o número de visitas.

Por outras palavras, à medida que os custos de viagem aumentam, o número de visitas anuais diminui, tal como acontece, por exemplo, no estudo de CAÑETE (2013). Para além do custo de viagem, revelaram significância estatística as variáveis relacionadas com os tipos de viagem e de alojamento usados durante a estada nos Picos da Europa. Os resultados sugerem que, mantendo-se tudo o resto constante, quem viaja em grupo (Gr) tem tendência a ir mais vezes por ano à região dos Picos da Europa (coeficiente positivo). O coeficiente positivo (0.701) da variável Caspro mostra que o facto de o visitante ter casa própria no local influencia também o número de vezes que se visita o local. Quem tem casa própria vai anualmente mais vezes à região dos Picos da Europa, concretamente 0,7 vezes mais.

Assim, o tipo de alojamento e o tipo de transporte utilizado, podem fazer deslocar a curva da procura para cima ou para baixo, afetando o Excedente do Consumidor atrás calculado. Também seria expectável que as restantes variáveis explicativas tivessem o mesmo efeito mas a falta de significância estatística que lhe está associada não nos permite tirar essa conclusão

7. Conclusões

O presente trabalho centrou-se em dois principais objetivos: no desenvolvimento das atividades do estágio no âmbito do Programa Erasmus e pretendia e na avaliação da perceção dos turistas que visitam a região dos Picos da Europa, quanto ao património natural e cultural dessa região. A pesquisa científica efetuada, com apresentação de questionários a uma amostragem de duzentos e um turistas, apuramento e análise dos resultados, permitiu chegar a várias conclusões que, adiante, se expõem.

Antes, porém, levando em consideração os aspetos relacionados com o estágio na empresa de acolhimento, é oportuno realçar que os objetivos propostos foram inteiramente alcançados, quer no que diz respeito à adaptação aos requisitos do mercado de trabalho noutra país (as atividades a desenvolver, as competências a adquirir e as tarefas a desempenhar), quer no desenvolvimento de aptidões, como a aprendizagem de outro idioma e a melhoria do conhecimento sobre a cultura económica e social do país de acolhimento.

Foi desenvolvido um conjunto de atividades consideradas relevantes para a experiência profissional e que beneficiaram igualmente a entidade de acolhimento. Em concreto, a integração do estagiário nas atividades gerais da entidade de acolhimento, com realização de tarefas em diversas áreas funcionais de interesse reconhecido pela entidade de acolhimento, resultou num aumento das aptidões individuais, bem como, na melhoria do desempenho da própria empresa.

Levando-se em conta as pesquisas efetuadas e ainda o que foi observado ao longo das 12 semanas de estágio, no que se refere aos aspetos relacionados com a investigação, pode perceber-se a grande importância que o Parque Nacional tem para o desenvolvimento económico da população local. Como espaço natural protegido, este caracteriza-se pelo seu elevado valor natural e cultural. Outro aspeto que não deve ser esquecido é a importância que o parque nacional tem na conservação dos ecossistemas mais representativos do património natural espanhol, bem como nos

aspectos relacionados com as práticas de certas atividades tradicionais, especialmente a pecuária, o que amplia o seu carácter turístico.

Por todos esses aspetos, o turismo nos Picos da Europa configura-se como uma atividade económica capaz de contribuir fortemente tanto no desenvolvimento económico como na conservação da natureza, através do turismo de natureza e de outras tipologias como o turismo rural e o ecoturismo, uma forma de atividade turística sustentável que também potencia a educação ambiental e melhora a consciência social para a conservação da natureza.

Acredita-se que este trabalho seja um contributo para um entendimento mais profundo da imagem percebida dos Picos da Europa, como destino turístico. Em primeiro lugar foi possível definir um perfil padrão dos turistas que procuram esta região: caracterizam-se por serem indivíduos de ambos os sexos, embora em número ligeiramente superior, os do sexo masculino, com uma média de idades de 35 anos, e apresentando um elevado grau académico - mais de metade são detentores de Mestrado e licenciatura. Verifica-se também uma forte dependência do mercado doméstico, já que praticamente a totalidade dos turistas são espanhóis, provenientes de diversas localidades de Espanha. Isso é um indicador de que os Picos da Europa possuem potencial, contudo, ainda não se encontram divulgados/explorados por todas as regiões do mundo (turismo externo). Segundo o que foi possível apurar, este facto deve-se sobretudo à distância do aeroporto mais próximo (das Astúrias) e dos poucos voos internacionais existentes, que obriga a mais gastos de tempo em ligações aéreas. Também a fraca rede de transportes terá grande influência já que obriga a um elevado gasto de tempo em deslocações para chegar ao destino. A generalidade dos visitantes opta por viajar em automóvel particular. Esta situação poderá também ser analisada como um ponto positivo, já que trava um excessivo fluxo turístico e permite a conservação, preservação e sustentabilidade deste espaço natural, características procuradas pelo turista que visita atualmente o parque.

Outra ilação a retirar prende-se com a escolha de alojamento. A maioria dos turistas inquiridos viajava aos pares, justificando-se assim a opção de quarto de hotel (boa relação qualidade/preço). As famílias procuram mais as Casas de Aldeia e as casas

particulares onde se podem alojar com um preço “interessante” (dado o maior número de pessoas a alojar) e também podem encontrar a tranquilidade característica desta tipologia de alojamento, que por norma é uma das modalidades que apresenta uma perfeita simbiose com a natureza. A maioria dos turistas inquiridos não vive nem nunca viveu no campo, o que poderá explicar a necessidade da procura destes locais de natureza e ruralidade para usufruir das férias.

Quanto ao tempo de permanência na região (quatro dias em média) terá uma forte correlação com a altura da investigação (novembro e dezembro), aproveitando muitas das vezes os feriados que proporcionam os chamados “fins-de-semana prolongados” ou “pontes” de feriados nacionais. Este diminuto tempo de permanência deve-se essencialmente à sazonalidade que existe na região dos Picos da Europa.

Neste estudo destaca-se a satisfação do êxito total da viagem do turista aos Picos da Europa com uma avaliação média de 9,2 numa escala de 10 (sendo 1 péssimo e 10 excelente) e ainda a qualidade da gastronomia com a média de 9,1.

Há que salientar que as motivações que impeliram os turistas a escolher os Picos da Europa como destino de férias prendem-se sobretudo com a Natureza, nomeadamente visitar montanhas e espaços naturais, admirar as paisagens e ainda por o considerarem o mais adequado para descansar. O contacto com a natureza, a observação de paisagens esplêndidas e o fruir de sensações de liberdade e bem-estar perfazem os predicados do parque natural que o turista mais valoriza e, portanto, os resultados do presente estudo permitem concluir que estejamos perante um turista/consumidor de natureza soft.

Depois de feita a análise usando o MCV verifica-se que o valor total que a sociedade atribui aos Picos da Europa corresponde a 0,16% do PIB de Espanha.

Tendo em conta que não é possível inquirir toda a população em estudo, mas apenas uma fração e que a pesquisa não é feita em cima de valores absolutos, mas sim em estimativas (estatísticas), apresenta sempre uma margem de erro. No entanto, é oportuno realçar que, pese embora apenas se refira a uma parte da zona oriental das Astúrias, este estudo apresenta, como vimos, alguns resultados e números muito

similares (comparativamente) a outros realizados pela SITA o que permite garantir a confiança nos resultados. Igualmente a maioria dos estudos consultados reflete resultados muito similares, com destaque para o estudo realizado por QUESADA (2014) sobre “el perfil de los visitantes a Parques Nacionales”, onde se salienta:

- “Ser un tipo de visitante adulto, pero no mayor de 65 años. De modo más concreto, el 50% de los visitantes de los Parques Nacionales tiene una edad comprendida entre 26 y 45 años, y que si tomamos como referencia el rango de edad de 26 a 55 años, el porcentaje aumenta hasta el 75%.

- Otros aspectos a destacar de estos visitantes serían el medio de locomoción, el tipo de acompañante, la duración de la visita o las actividades realizadas en el Parque, aspectos que siempre van a estar vinculados a las motivaciones concretas que llevan al visitante al Parque.”

É, no entanto, de salientar, que algumas limitações se impuseram a este trabalho e, por conseguinte, não se esgotaram todas as possibilidades do estudo. Ainda assim, o alcance dos objetivos oportunamente traçados são motivo de satisfação, bem como a importância deste (embora pequeno) contributo, para um melhor conhecimento ao nível turístico da região dos Picos da Europa.

Em jeito de conclusão, pretende-se que o estudo venha, de algum modo, contribuir para o crescimento da procura do destino Picos da Europa associado à prática do Ecoturismo, concretamente do pedestrianismo, observação de flora e fauna, e para a reflexão de todas as entidades competentes sobre a adoção de medidas e ações que convirjam com a conservação, preservação e sustentabilidade dos espaços naturais.

Tal como antes se referiu, existem algumas limitações que devem ser consideradas neste estudo, dado o tempo e as condições disponíveis para a investigação, ainda que se apresentem, contudo, como um relevante ponto de partida para investigações futuras. O estudo foi realizado exclusivamente na zona oriental das Astúrias, apenas numa das entradas do Parque Nacional dos Picos da Europa (Cangas de Onís – Covadonga): a aplicação dos questionários deveria idealmente ter sido

efetuada nas quatro entradas do PNPE. A aplicação dos questionários foi efetuada num timing ocasional: foram distribuídos essencialmente ao fim de semana e feriados ocorridos entre novembro e dezembro, o que não permitiu maior rentabilização dos esforços dispensados na obtenção de dados;

O tempo dedicado à investigação poderá ter sido uma limitação já que a inquirição apenas decorreu nos dias de descanso da empresa (maioritariamente aos domingos) o que poderá ter afetado o número de respostas obtidas, bem como com a forma da recolha de dados em momentos e locais específicos. A dimensão da amostra pode ter condicionado a significância estatística de alguns resultados obtidos. Uma amostra superior, recolhida em mais locais (distintos) durante um maior período de tempo, provavelmente, levaria a melhores resultados, especialmente do ponto-de-vista do modelo do método de custo de viagem. Salienta-se ainda o facto de alguns inquéritos terem sido entregues aos turistas para que os preenchessem autonomamente (na presença do autor) ocasionando o não preenchimento de algumas questões;

Alguns resultados estimados podem estar aquém da realidade (como nas atividades de turismo ativo, pedestrianismo e desportos radicais) pois é reconhecido que em algumas atividades existe uma flutuação (sazonalidade) em termos de visitas ao longo do ano. Também o número médio de dias de alojamento pode ter sido diminuto face a uma realidade anual, pois numa época baixa os períodos de estada são habitualmente mais curtos face aos compromissos profissionais dos visitantes (quer sejam alunos ou trabalhadores no ativo).

Outra limitação prende-se com metodologia de aplicação dos questionários. Sendo os turistas os inquiridos, normalmente associa-se a estes, uma falta de tempo para responder a inquéritos. Importa referir também a pouca receptividade de alguns turistas para o preenchimento dos questionários, tendo em conta a quantidade de vezes que são solicitados para sondagens semelhantes pelas mais variadas razões.

Face às limitações e de modo a aferir com maior rigor os aspetos em análise, será relevante elaborar um estudo semelhante, mas noutra época do ano. Sugere-se a aplicação dos questionários nos meses de elevado turismo na região dos Picos da

Europa, tais como julho e agosto ou em vários momentos, de forma a obter-se uma comprovação ou possível comparação dos dados.

Para além disso, pode ser repensada a forma como é feita a inquirição, nomeadamente, ponderar a possibilidade da entrega dos questionários em locais de alojamentos turísticos, para que o turista o preencha nos possíveis tempos “mortos” e não quando está a desfrutar o momento turístico.

Referências bibliográficas

ÁLVAREZ, B. (s.d.). El paisaje de los Picos de Europa. Waste Magazine. [Em linha] Consultado a 22 de Janeiro de 2017. Disponível em <http://waste.ideal.es/picosdeeuropa.htm>

ANETA (2014). Asociación Nacional de Empresas de Turismo Activo. Informe Turismo Activo [Em linha] Consultado a 22 Fevereiro de 2017 Disponível em <http://www.aneta.es/informe-turismo-activo-2014/>

ARAÚJO (2016). KÁSSIO MEDEIROS DE ARAÚJO - PATRIMONIO ARQUITETÔNICO DO DISTRITO PALMA – RN [Em linha] Consultado 17 Fevereiro de 2017. Disponível em https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2778/6/Patrimonio%20arquitet%C3%B4nico_monografia_Ara%C3%BAjo.pdf

ARCE, L (2010). Los Picos de Europa, piedra a piedra [Em linha] Consultado a 12 de Janeiro de 2017. Disponível em http://www.igme.es/salaprensa/medios/La_Nueva_Espa%C3%B1a_-_Ed._Oviedo_21-11-2010.pdf

Asturiasguide (s.d.). Cangas de Onís, Asturias [Em linha] Consultado a 18 de Janeiro de 2017 Disponível em <http://www.asturiasguide.com/Cangas-de-Onis.html>

Asturnatura (s.d.). Puente Romano de Cangas de Onís sobre el Sella [Em linha] Consultado a 19 de Janeiro de 2017 Disponível em <https://www.asturnatura.com/turismo/puente-romano-de-cangas-de-onis-sobre-el-sella/1817.html>

CAÑETE (2013). Valuation of the recreational use of the Calares del Mundo and Sima Natural Park through the travel cost method. Escuela Técnica Superior de Ingenieros Agrónomos. Universidad de Castilla-La Mancha.

CANTUR (s.d.). Teleférico de Fuente Dé [Em linha] Consultado a 11 de Fevereiro de 2017 Disponível em <https://cantur.com/instalaciones/webcams-i/5-teleferico-de-fuente-de/categoria-2>

CARTA DE CRACÓVIA (2000). Princípios Para A Conservação E O Restauro Do Património Construído. Polónia [Em linha] Consultado a 9 Março de 2017 Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

CASTRO (2011). TURISMO SUSTENTÁVEL EM ESPAÇOS NATURAIS PROTEGIDOS: Os Parques Naturais de Montesinho e Douro Internacional [Em linha] Consultado a 10 Março de 2017 Disponível em

<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/10785/1/Artigo-revista-rosados%20ventos.pdf>

CHOWDBURY, Mahmudul (2014). Estimating Recreational Benefits of Dhaka Zoo: Na Individual Travel Cost Approach. ISBN-13:978-1503079786

Comissão Europeia (2011). Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões. [Em linha] Consultado a 2 Março de 2017 Disponível em http://ec.europa.eu/environment/nature/biodiversity/comm2006/pdf/2020/comm_2011_244/1_PT_ACT_part1_v2.pdf

COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO (s.d.) Rede Portuguesa de Reservas da Biosfera [Em linha] Consultado a 28 de Fevereiro de 2017. Disponível em www.unescoportugal.mne.pt/pt/redes-unesco/rede-portuguesa-de-reservas-da-biosfera

CONVENÇÃO DE FARO (2005) - 4 Apontamentos à Convenção de Faro: Convenção-Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Patrimônio Cultural para a Sociedade [Em linha] Consultado a 10 Março de 2017 Disponível em <https://conteudojuridico.com.br/artigo,apontamentos-a-convencao-de-faro-2005-convencao-quadro-do-conselho-da-europa-relativa-ao-valor-do-patrimonio-c,55245.html>

CNSA (2005). A Internet na Promoção Turística a Nível da Empresa e das Regiões. Companhia Nacional de Serviços Aveiro Lda. [Em linha] Consultado a 18 de Fevereiro de 2017 Disponível em <http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.aspx?key=&doc=71423&img=1164>

Cunha, Licínio. (2009) “Introdução ao turismo”, 4ª edição. Editorial Verbo. Lisboa

CUNHA, Lúcio (2003) - “A Montanha do Centro Português: Espaço de Refúgio, Território Marginal e Recurso para o Desenvolvimento Local”. Território, Ambiente e Trajetórias de Desenvolvimento. Centro de Estudos Geográficos. Coimbra

Decreto Lei n.º 142/2008 - Decreto-Lei n.º 142/2008, de 24 de Julho, Artigo 3.º - Definições. [Em linha] Consultado a 10 Março de 2017 Disponível em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1369&tabela=leis

Decreto 20/2002, de 29 de enero, de Turismo en el Medio Rural y Turismo Activo [Em linha] Consultado a 25 de março de 2017. Disponível em http://noticias.juridicas.com/base_datos/CCAA/an-d20-2002.t1.html#a4

Descensodelsella (2016). Historia Descenso del Sella [Em linha] Consultado a 19 de Janeiro de 2017 Disponível em <http://www.descensodelsella.com/descenso-del-sella/historia>

Desdeasturias (2016). Sotres, el pueblo más alto [Em linha] Consultado a 14 de Janeiro de 2017 Disponível em <https://www.desdeasturias.com/sotres-el-pueblo-mas-alto/>

Desnivel (2002). Bulnes, un pueblo de Picos de Europa [Em linha] Consultado a 24 de Janeiro de 2017 Disponível em <http://desnivel.com/excursionismo/rutas/bulnes-un-pueblo-de-picos-de-europa>

DGPC (s.d.). Património Mundial em Portugal [Em linha] Consultado a 7 Março de 2017 Disponível <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/>

DRCN (s.d.). Património cultural [Em linha] Consultado a 16 Março de 2017 Disponível em <http://www.culturante.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

EFE (2016). NATURALEZA QUEBRANTAHUESOS. [Em linha] Consultado a 22 de Janeiro de 2017. Disponível em <http://www.efc.com/efe/espana/sociedad/el-quebrantahuesos-vuelve-poco-a-picos-de-europa-despues-80-anos/10004-2993931>

Elcomercio (2016). Los Picos de Europa [Em linha] Consultado a 13 de Janeiro de 2017 Disponível em <http://www.elcomercio.es/asturias/oriente/201612/20/picos-europa-registran-incremento-20161220003530-v.html>

EMA (s.d.). Economia do Meio Ambiente [Em linha] Consultado 20 Janeiro de 2017. Disponível em <http://www.economiadomeioambiente.com.br/servi%C3%A7os/valora%C3%A7%C3%A3o-economica-do-meio-ambiente/metodo-do-custo-de-viagem>

ESCALADA, Ana (2012). El Sector de la Sidra: Analisis Economico Y Financiero [Em linha] Consultado a 16 de Fevereiro de 2017 . Disponível em http://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/10651/4220/6/TFM_Ana%20Rubio%20escalada.pdf

ESTEFANIA (2016). Picos de Europa registra un aumento de visitantes. [Em linha] Consultado a 7 de Fevereiro de 2017. Disponível em <http://www.lanuevacronica.com/picos-de-europa-registra-un-aumento-de-visitantes-del-1457-entre-2010-y-2015>

FERNÁNDEZ J. (2002). Recursos didácticos en Geografía Física. Universidade Oviedo [Em linha] Consultado a 7 de Janeiro de 2017. Disponível em <http://digibuo.uniovi.es/dspace/bitstream/10651/22885/1/Recursos%20didacticos.pdf>

- FERNANDEZ, P. (s.d.). Liébana Picos de Europa [Em linha] Consultado a 10 de Janeiro de 2017. Disponível em <http://www.liebanaypicosdeeuropa.com/visita/07-1.html>
- FREIRE, F. (2012). Fátima de Souza Freire et al - Aplicação do Método do Custo de Viagem na valoração de bens ambientais: Um estudo de caso na cidade de Cavalcante-GO [Em linha] Consultado a 2 Março de 2017 Disponível em <https://www.occ.pt/news/PENCUSTOS/pdf/033.pdf>
- GOV. ES. (s.d.) Picos de Europa: Ficha técnica, Historia, Valores naturales, Valores culturales, Área de influencia socioeconómica, Conservación de la biodiversidade, Usos compatibles [Em linha] Consultado a 14 Fevereiro de 2017 Disponível em <http://www.mapama.gob.es/es/red-parques-nacionales/nuestros-parques/picos-europa/>
- HENRIQUES, Pedro Castro (2002) – a, b, c, das Áreas Protegidas de Portugal. ICN. Lisboa.
- HOZ, M. (1999). Guia de visita del Parque Nacional de los Picos de Europa. Parques Nacionales. ISBN:84-8014-270-7
- ICNF (2016). Rede Natura 2000 [Em linha] Consultado a 18 Março de 2017 Disponível em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000>
- ICNF (s.d). Parque Natural [Em linha] Consultado a 1 Março de 2017 Disponível em <http://www.icnf.pt/portal/ap/nac/parq-natur>
- ICOMOS (1999) CARTA INTERNACIONAL SOBRE O TURISMO CULTURAL. Cidade do México [Em linha] Consultado a 7 de Junho de 2017. Disponível em http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoeinovacao1/Documents/Doc10_CartaInternacionalTurismoCultural.pdf
- Lagoscovadonga (2013). Lagos de Covadonga [Em linha] Consultado a 3 de Fevereiro de 2017 Disponível em <http://www.lagoscovadonga.com/>
- Lei 107/2001 - de 8 de Setembro, Artigo 2.º. [Em linha] Consultado a 10 Março de 2017 Disponível em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis
- Lei n.º 107/2001, de 08 de Setembro - LEI DE BASES DO PATRIMÓNIO CULTURAL [Em linha] Consultado a 13 Março de 2017 Disponível em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis
- LÓPEZ, A (s.d.) – El uso público en el Parque Nacional de los Picos de Europa, Introduccion al uso público en el P.N. de los Picos de Europa

MACAU (s.d.) - Governo Macau .Património Mundial [Em linha] Consultado a 2 de Fevereiro de 2017. Disponível em <http://edocs.icm.gov.mo/Heritage/MWHP2.pdf>

MAPAMA (2016). LA RED DE PARQUES NACIONALES. MINISTERIO DE AGRICULTURA, ALIMENTACIÓN Y MEDIO AMBIENTE [Em linha] Consultado a 28 de Fevereiro de 2017. Disponível em http://www.mapama.gob.es/es/red-parques-nacionales/divulgacion/red-parques-2016_tcm7-401104.pdf

MIN.AMBIENTE (1998). Convenção sobre a diversidade biológica. Primeiro Relatório de Portugal. [Em linha] Consultado a 20 de Maio de 2017. Disponível em <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ei/resource/doc/cdb/1Rel-COP-PT>

MONTAÑAS (s.d.) - Entre Montañas. El Cable, Espinama y Fuente Dé [Em linha] Consultado a 11 de Fevereiro de 2017. Disponível em <http://www.entremontanas.com/pdf/252-el-cable-espinama-y-fuente-de.pdf>

MORANCHO (2009). Planificación del uso turístico de los Parques Nacionales españoles. XII Congreso Internacional de Turismo Universidad y Empresa. Universidad Jaume.

MUÑOZ, Juan (2015). Valoração Econômica Do Parque Nacional De Brasília - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA [Em linha] Consultado a 12 Março de 2017 Disponível em http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18963/1/2015_JuanPabloMu%C3%B1ozMu%C3%B1oz.pdf

NACIONAL GEOGRAPHIC (2017). Picos da Europa, um dos parques naturais mais emblemáticos da Europa [Em linha] Consultado a 7 Março de 2017 Disponível em <https://nationalgeographic.sapo.pt/natureza/grandes-reportagens/1174-edicao-especial-viagens-1-picos-europa>

OLIVEIRA, C. (2013). Caracterização do mercado de actividades de Turismo de Natureza em Portugal [Em linha] Consultado a 24 de março de 2017. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/10063/1/Oliveira_2013.pdf

OMT (1999) O CÓDIGO MUNDIAL DE ÉTICA DO TURISMO. [Em linha] Consultado a 17 de Junho de 2017. Disponível em <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/portugal.pdf>

ONU (1992). Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. [Em linha] Consultado a 26 de Junho de 2017. Disponível em onu.org.br/rio20/img/2012/01/rio92.pdf

ONU (2012).Managing Natural World Heritage [Em linha] Consultado a 24 de Junho de 2017. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002449/244902por.pdf>

ORTIZ, Ramon A.; SEROA DA MOTTA, Ronaldo; FERRAZ, Claudio. (2000). - A estimação do valor ambiental do Parque Nacional do Iguazu através do método de custo de viagem. Pesquisa e Planejamento Econômico [Em linha] Consultado a 18 Fevereiro de 2017 Disponível em http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5947/1/PPE_v30_n03_Estimacao.pdf

PENT (2006). 10 PRODUTOS ESTRATÉGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM PORTUGAL [Em linha] Consultado a 20 Março de 2017 Disponível em <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/Turismo%20de%20Natureza%202006.pdf>

PENT (2013). Revisão do plano de desenvolvimento do turismo no horizonte de 2015 [Em linha] Consultado a 15 de Fevereiro de 2017 Disponível em <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202012.pdf>

PNPE (2010). Información y turismo en los Picos de Europa [Em linha] Consultado a 15 de Fevereiro de 2017. Disponível em <http://www.infopicosdeeuropa.com/picos-de-europa.htm>

PNPE (2012). MEMORIA ANUAL DEL PARQUE NACIONAL DE LOS PICOS DE EUROPA [Em linha] Consultado a 25 de Fevereiro de 2017. Disponível em http://www.mapama.gob.es/es/red-parques-nacionales/nuestros-parques/picos-europa/Memoria_Picos_2012_tcm7-291878.pdf

PNPEU (s.d.) - Parque Nacional Picos de Europa. El Medio Natural [Em linha] Consultado a 3 de Fevereiro de 2017. Disponível em <http://parquenacionalpicoseuropa.es/el-parque/el-medio-natural/>

PORDATA (2017). Produto Interno Bruto (Euro) – Europa. [Em linha] Consultado a 3 de Junho de 2017. Disponível em [http://www.pordata.pt/Europa/Produto+Interno+Bruto+\(Euro\)-1786](http://www.pordata.pt/Europa/Produto+Interno+Bruto+(Euro)-1786)

PRADA, D (2013). Gastronomía Asturias. Gobierno Del Principado de Asturias. Sociedad Regional de Turismo, S.A.

Programa de Turismo Sustentável (2016). Principado Asturias 2020. [Em linha] Consultado a 24 de março de 2017. Disponível em <http://movil.asturias.es/portal/site/webasturias/menuitem.4b280f8214549ead3e2d6f77f2300030/?vgnnextoid=f58f1d4ff8c71210VgnVCM10000098030a0aRCRD&vgnnextchannel=6ad2d22a18b6e210VgnVCM1000002f030003RCRD&i18n.http.lang=es>

PUGAS, M.A.R. (2006). Valoração contingente de unidades de conservação: Avaliando a DAP espontânea e Induzida da População de Rondonópolis (MT) pelo Horto Florestal.

Brasília, Universidade de Brasília. [Em linha] Consultado a 22 Fevereiro de 2017
Disponível em
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5738/1/2007_MauricioAlvesRodriguesPugas.pdf

QUEBEC (1980). Association for the Interpretation of the National Heritage - Committee on Terminology - DEFINITION OF HERITAGE AND PRESERVATION [Em linha] Consultado a 12 Março de 2017 Disponível em <https://www.icomos.org/en/support-us/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/192-the-deschambault-charter>

QUESADA, C (2014). Los parques nacionales españoles, catalizadores del turismo sostenible [Em linha] Consultado a 19 de Janeiro de 2017 Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4639934.pdf>

Quesocabrales (s.d.). Consejo Regulador D.O.P. Cabrales [Em linha] Consultado a 13 de Fevereiro de 2017 Disponível em <http://www.quesocabrales.org/>

SEABRA, A (2012). Turismo, Espaço E Estratégias De Desenvolvimento Local [Em linha] Consultado a 22 de março de 2017. Disponível em <http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/Documentos/Divulgacao/livros/livroGEPT EEDL.pdf>

SITA (2009). ANÁLISIS DEL TURISMO DE ALOJAMIENTO COLECTIVO SEGÚN EL MEDIO DE TRANSPORTE PARA VENIR A ASTURIAS. [Em linha] Consultado a 1 de Maio de 2017 Disponível em [http://www.sita.org/documentos_pdf/I-M\(Trans\)-09_web.pdf](http://www.sita.org/documentos_pdf/I-M(Trans)-09_web.pdf)

SITA (2015). EL TURISMO EN ASTURIAS. Sistema de informacion turística de Asturias [Em linha] Consultado a 22 de Fevereiro de 2017. Disponível em https://www.asturias.es/Asturias/descargas/PDF_TEMAS/Turismo/coyuntura/memoria_2015.pdf

THR (2006). 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal. TURISMO DE NATUREZA [Em linha] Consultado a 20 de Janeiro de 2017. Disponível em <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/Turismo%20de%20Natureza%202006.pdf>

TIEMPO (2005). La Climatología en Picos de Europa [Em linha] Consultado a 20 de Fevereiro de 2017. Disponível em <https://foro.tiempo.com/la-climatologia-en-picos-de-europa-t21537.0.html>

TP (2016) Turismo de Portugal. Abordagem ao setor do turismo na revisão de PDM. . [Em linha] Consultado a 20 de Junho de 2017. Disponível em

http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/dvo/ordenamento-turistico/Documents/GuiaOrientadorPDM_Set2016_final.pdf

TRUEBA, J. (2006). El Macizo Central De Los Picos De Europa: Geomorfología Y Sus Implicaciones Geocológicas En La Alta Montaña Cantábrica. Universidad de Cantabria [Em linha] Consultado a 22 de Fevereiro de 2017. Disponível em http://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/10653/2de9.JJGT_cap2.pdf?sequence=3

Turismo Cantabria (s.d.). Teleférico de Fuente Dé [Em linha] Consultado a 11 de Fevereiro de 2017 Disponível em <https://www.turismocantabria.es/es/que-ver-en-teleferico-de-fuente-de/42>

Turismodecantabria (s.d.). ELIGE DESTINO POTES [Em linha] Consultado a 27 de Janeiro de 2017 Disponível em <https://www.turismodecantabria.com/descubrela/municipios/45-potes>

Two birds one Stone (s.d.). Experiencias Ecoturísticas de Naturaleza. [Em linha] Consultado a 17 de Fevereiro de 2017 Disponível em <http://twobirdsonestone.es/sites/default/files/Downloads/Picos%20de%20Europa%20a%20traves%20de%20sus%20quesos%20-%20Two%20Birds%20One%20Stone%20-%20ES.pdf>

UNESCO (s.d.). O Patrimônio: legado do passado ao futuro [Em linha] Consultado a 16 Março de 2017 Disponível em <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future>

UNESCO (1954). Convenção sobre a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural. [Em linha] Consultado a 22 de Junho de 2017. Disponível em http://www.unesco.org/culture/natlaws/media/pdf/brazil/brazil_decreto_44851_11_11_1958_por_orof.pdf

UNESCO (1972). Convenção Para A Protecção Do Património Mundial, Cultural E Natural [Em linha] Consultado a 11 Março de 2017 Disponível em <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>

UNESCO (1989). “Draft Medium Term Plan 1990-1995” cit. por J. Jokilehto. Definition of Cultural Heritage. References to Documents in History. [Em linha] Consultado a 10 Março de 2017 Disponível em http://cif.icomos.org/pdf_docs/Documents%20on%20line/Heritage%20definitions.pdf

UNESCO (2002). Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, Artigo 7.º. [Em linha] Consultado a 9 Março de 2017 Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>

UNESCO (2004). Património Mundial em Portugal [Em linha] Consultado a 10 Março de 2017 Disponível em <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal>

UNESCO (2013). Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial. Comité Intergovernamental Para A Proteção Do Património Mundial, Cultural E Natural [Em linha] Consultado a 12 Março de 2017 Disponível em <http://whc.unesco.org/archive/opguide13-pt.pdf>

UNESCO (2014). VALOR ECONÓMICO DA LIGAÇÃO ÀS REDES DA UNESCO EM PORTUGAL. Sítios do Património Mundial, Reservas da Biosfera, Geoparques e Cátedras [Em linha] Consultado a 22 Março de 2017 Disponível em https://www.unescoportugal.mne.pt/images/Comunica%C3%A7%C3%A3o/relatorio_cnu_final_04.pdf

VALLE (2017). Posada del Valle . Asturias y los Picos de Europa - Pueblos Y Aldeas [Em linha] Consultado a 20 de Fevereiro de 2017. Disponível em <https://www.asturiaspicosdeeuropa.com>

VERA, J. F.; PALOMEQUE, F. L.; MARCHENA, M. J.; ANTON, S. (1997). Análisis territorial del turismo. Ariel Geografía, Barcelona, 443 p.

Verdenorte (s.d.). Funicular de Bulnes [Em linha] Consultado a 17 de Janeiro de 2017 Disponível em <http://www.verdenorte.com/funicular-de-bulnes>

Vivaleon (2011). CAÍN LEÓN [Em linha] Consultado a 21 de Janeiro de 2017 Disponível em http://www.vivaleon.com/cain_leon.htm

Ward, F. (2000). Valuing Nature with Travel Cost Models. New Horizons in Environmental Economics.

WORLD CHEESE (2015). Results Awards [Em linha] Consultado a 27 de Fevereiro de 2017 .Disponível em https://gff.co.uk/wp-content/uploads/2015/11/WCA2015-RESULTS-27_11-1330.pdf

ZANIRATOL (2006). Silvia Helena ZaniratoI; Wagner Costa RibeiroII - Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável [Em linha] Consultado a 7 de Fevereiro de 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v26n51/12.pdf>

Anexos

- Artigos elaborados para a empresa de acolhimento (1-12)
- Inquérito original (13)
- Inquérito traduzido (14)
- Tabela Excel com os dados dos inquéritos (15)

1 - Canoagem no Rio Sella

A descida do Rio em canoa, não é uma actividade completamente nova para mim! Já pratiquei canoagem por diversas vezes e em locais diferentes, mas como cada local tem o seu mosaico paisagístico e cada rio o seu leito próprio, estou sempre pronto para desfrutar de novas experiências.

Em Arriondas, o Rio Sella era para mim, sem dúvida, uma zona por explorar. Já tinha lido algo sobre o evento anual “descida internacional do rio Sella” que me deixou com alguma curiosidade. Mas, para se ficar a conhecer, nada melhor, que passar por essa experiência!

Chegada à Frontera Verde

O ponto de partida foi mais uma vez as instalações da Frontera Verde, onde nos foi fornecido o material necessário para a actividade (fato e casaco neopreme e ainda um colete salva-vidas).

Para além do equipamento de segurança, foi ainda entregue a cada participante um saco com alimentos, que foi colocado dentro de um bidon impermeável. Depois de equipados fomos para a carrinha que nos transportou até ao rio (cerca de 200 metros) onde nos esperavam as canoas e os remos.

O local de partida é sob a ponte de Arriondas, o mesmo sítio onde também se inicia o evento “descida internacional do rio Sella”. Aí, são dadas algumas informações gerais e de segurança aos participantes e também explicações de como se deve remar e os tipos de remada que são utilizados.

Percurso

Os participantes podem definir quantos quilómetros querem percorrer pois existem 3 tipos de percursos; Curto, longo e extralongo. Têm a opção de interromper a descida a meio, (em Toraño) ou continuar até Llovio.

Percurso 1: Arriondas – Toraño, 8 km. (2 horas) O percurso curto tem a extensão de 8Km (passagem sob 3 pontes do rio Sella) e leva cerca de 2h a percorrer até à localidade de Toraño.

Percurso 2: Arriondas-Omedina, 14 km. (4 horas) O percurso longo é de 14km (passagem sob 4 pontes do rio Sella) e demora cerca de 4h até à localidade de Omédina.

Percurso 3: Arriondas-Llovio, 16 km. (5 horas) E por fim, o percurso extralongo que são 16km (passagem sob 6 pontes) e cerca de 5h até à localidade de Llovio.

Não há nada como experimentar! O percurso é sem dúvida muito bonito, tem algumas passagens em rápidos (o que torna ainda mais divertido) e com o incrível cenário das montanhas. Deslizamos ao longo de 14km podendo observar zonas com flora e fauna características das zonas ribeirinhas e um silêncio que permite ouvir algumas espécies, nomeadamente de pato bravo. Além disso, devido à água translúcida do rio Sella, conseguimos ver cardumes e peixes constantemente ao nosso lado.

Durante o percurso podemos parar as vezes que entendermos; ou para comer algo, ou esticar as pernas e descansar um pouco, pois são cerca de 4horas a remar.

Sugestões

Recomendo que levem para a descida protector solar, telemóvel e alguma comida extra (para além da fornecida pela empresa).

Aconselho vivamente a descida do rio Sella em canoa, pois para além de ser um sítio bonito e emblemático é um local muito tranquilo. É uma excelente actividade para se fazer em família ou com amigos!

2 - Espeleologia

Grande aventura de espeleologia!

Cheguei logo de manhã às instalações da Frontera Verde, (perto de Arriondas) onde foi fornecida toda a informação necessária; desde a localização, ao material que ia ser usado na actividade.

Estava expectante, pois já tinha estado algumas vezes em grutas “humanizadas” e preparadas para receber pessoas, no entanto, a actividade de espeleologia nunca tinha feito. Estava com uma enorme curiosidade para entrar numa gruta natural, sem intervenção humana!

Cueva da la Huelga

A gruta que visitei, é a “Cueva da la Huelga” nas Astúrias numa localidade perto dos Picos da Europa (Cangas de Onís).

Na espeleologia existem vários níveis de dificuldade de uma gruta (do grau I ao III). Neste caso, a gruta “de la Huelga” tem dificuldade II/III, um nível já bastante avançado para iniciantes!

Material

Depois de equipados (com os fatos próprios) e já munidos do material necessário para esta aventura, (luvas e capacetes com luzes) iniciamos a viagem até ao local. A paisagem que nos rodeia até chegar à gruta é maravilhosa! Uns constantes bonitos rendilhados de montanhas que fazem com que a viagem se torne mais rápida.

Chegados ao local, colocamos o resto do equipamento e fizemos uma pequena caminhada até á entrada da gruta.

Antes de entrarmos na gruta, foram-nos dadas algumas regras de segurança, instruções essenciais, para que tudo corresse de forma impecável!

Logo que entramos na gruta, temos a sensação de estarmos num mundo à parte! Aí o calcário e a água têm uma grande influência físico-química na criação das grutas e no aparecimento de estalactites e estalagmites.

A gruta tem imensas salas/galerias que são percorridas/visitadas a rastejar ou a trepar, conforme a indicação do guia. Estes canais subterrâneos têm locais onde ainda tem a presença da água, pelo que, em épocas com bastante chuva é impossível entrar nelas.

Embora seja comum, não tivemos a oportunidade de ver morcegos, mas vimos uma rã e alguns insetos que estavam tranquilamente instalados.

Recomendações:

Deixo aqui algumas recomendações que serão certamente úteis para quem pretender fazer esta actividade;

- O calçado deve ser confortável e apropriado para poder sujar-se e de preferência ser antiderrapante;
- Levar calçado extra para trocar depois da actividade;
- O vestuário deve ser leve e confortável;
- Pode levar-se câmara de acção, no entanto, terá que ir numa mochila e apenas a irão usar quando estão nas salas a descansar.

Sem dúvida uma experiencia fantástica nas mais de 4horas que tivemos na gruta da Huelga... com momentos de aprendizagem, aventura e até de adrenalina. Vou certamente repetir e anseio conhecer outras grutas diferentes, recomendo!

3- Ruta del Cares

A “Ruta del Cares” é um dos mais procurados e também um dos mais bonitos percursos pedestres dos Picos da Europa.

O percurso está situado num impressionante desfiladeiro que divide e separa os Picos da Europa. É o rio que divide os maciços, o ocidental e o central, ambos 2.000 metros acima do fundo do desfiladeiro, através do qual fluem as águas cristalinas do rio Cares.

O percurso é de 12km no sentido de Caín- Poncebos. Para regressar, é necessário contactar uma das empresas que fazem esse serviço. Neste caso, optamos pelos serviços da Frontera Verde.

A viagem de Arriondas até Caín (para darmos início ao percurso) foi feita num todo-o-terreno 4X4. Durante a viagem, parámos em vários sítios importantes (zonas de interesse geológico, a nascente do rio Sella, alguns locais emblemáticos e miradouros escondidos na floresta) onde o acesso só é possível, em veículos todo-o-terreno. O guia (motorista) foi-nos respondendo às nossas curiosidades e explicando o que há de mais importante para saber, sobre os Picos da Europa e a “Ruta del Cares”.

Quando chegamos a Caín, já eram boas horas para almoçar! Optamos por almoçar num restaurante com pratos típicos, que pratica preços especiais para grupos organizados por empresas turísticas. Boa escolha! Muito agradável, boa comida, bem servido (2 pratos, 1 bebida e 1 sobremesa) por apenas 9 euros.

Após o almoço e antes de darmos início à nossa caminhada (que se estimava ter a duração de 3 a 4 horas) fomos dar uma volta pela localidade de Caín.

A parte inicial da rota é sem dúvida das mais bonitas que vi, em percursos que tenho feito! Dá a sensação de que estamos a entrar numa enorme garganta, (a Garganta Divina) onde ao meio, corre o rio Cares como um fio de água.

Na maior parte do percurso caminha-se entre uma parede de pedra rija de um lado e encostas escarpadas abertas sobre o abismo do outro. Mas também passamos por algumas pontes, miradouros naturais e túneis escavados nas pedras.

Na presença de tão imponentes escarpas de calcário, escavadas pela água e pelo gelo ao longo de milhões de anos, sentimos a nossa pequenez, perante tamanha grandeza natural!

4- Canyoning nos Picos da Europa

Os Picos da Europa estão rodeados por vários rios que se revelam de grande importância para as diversas actividades de turismo activo praticadas nessa zona. Uma das actividades disponíveis é o canyoning.

O Canyoning é um desporto que consiste na exploração progressiva de um rio, ultrapassando os diversos obstáculos quer em terra quer na água, sempre com o auxílio de técnicas e equipamentos próprios.

O canyoning ou descida de cascatas ou em espanhol “barranquismo” é uma actividade que normalmente é praticada entre o início da primavera e o final do outono. A possibilidade de fazer esta actividade está dependente da quantidade de água (caudal) que o rio leva, daí esse ser o período mais exequível.

Material

Para a actividade é disponibilizado pela empresa (link FV) todo o material necessário (fato neopreme, casaco neopreme, meias neopreme, calçado próprio para caminhar na água e capacete) o cliente tem que levar apenas, fato de banho e toalha.

Depois de devidamente equipados, somos transportados na carrinha da empresa até a um dos rios existentes na zona, previamente seleccionado pelo monitor da descida, mediante as várias condicionantes do grupo; nº de participantes, idade, condição física e experiência na actividade.

A actividade

Quando chegamos ao local acabamos de nos equipar colocando uma cinta com material para possibilitar a descida com cordas (arenes) e o capacete (com encaixe para o uso de câmara de acção) e fazemos uma pequena caminhada (5-10min) até à parte do rio onde vai começar a actividade. Aí, são dadas pelo monitor da actividade mais algumas indicações e regras para que a segurança esteja sempre presente.

Durante a descida do rio existem várias zonas distintas; umas onde podemos de forma livre nadar ou andar junto às rochas e outras, mais técnicas, onde o monitor está sempre presente pois envolvem trabalhar com cordas ou mergulhos e/ou saltos mais controlados.

Depois de saltar, rebolar, fazer rapel, fazer tobogã...emoção e adrenalina, chegamos ao final!

O tempo da actividade varia consoante o local e o grupo, mas normalmente leva entre uma e meia a duas horas para ser concluída.

No final à que fazer também outra pequena caminhada até à carrinha para fazermos a viagem no sentido inverso, ou seja, para voltarmos à empresa. Aqui, espera-nos um bom banho quente e trocar de roupa. E assim termina a nossa aventura emocionante.

No total, incluindo viagens de ida e volta, a actividade durou cerca de 4 horas. As saídas dos grupos da empresa são feitas, preferencialmente da parte da manhã.

O canyoning é uma actividade boa para quem procura o contacto com a natureza e adrenalina! Recomendo a todos, não apenas pela aventura mas também pela envolvência e contacto permanente com a natureza.

5- Mercados dos Picos da Europa

Os mercados dos Picos da Europa são algo que caracteriza muito as tradições e os costumes locais pois de forma geral as pessoas que vendem nestas feiras são elas próprias as produtoras. Devido a isso existe uma essência nestes locais que só com uma visita é que se perceberá melhor toda a envolvência.

Mercado de Cangas de Onis – Astúrias

O mercado tradicional de Cangas de Onís é o mais importante dos Picos de Europa. Para além de ser uma localidade muito bonita, Cangas de Onís é um dos melhores locais para se comprar produtos directamente das hortas asturianas e ainda outros produtos locais, pois todos os domingos entre as 9h e as 14h reúnem-se no centro da cidade os produtores locais, para venderem os seus produtos.

O mercado realiza-se no centro da cidade, na praça junto da igreja da Assunção. Lá podemos encontrar, para além de vestuário, artesanato e até artigos de decoração, uma vasta gama de produtos alimentares desde enchidos a vários tipos de frutas e legumes, diversos tipos de feijão, favas e grão, além de pão, compotas, mel, ovos e muitos outros produtos artesanais, tais como a sidra asturiana e os mais emblemáticos e autênticos queijos das Astúrias; o Cabrales, o Gamoneo e o Beyos, de leite de cabra, de vaca e de ovelha e queijos com mistura dos três leites. O mercado é o sítio ideal para se comprar os produtos típicos da zona a preços mais moderados e quase todas as bancas têm degustações.

Para visitar o mercado, terá que estacionar a viatura num dos parques de estacionamento nas proximidades (existe um grande junto à estação de camionagem) e deslocar-se a pé.

Mercado de Potes – Cantábria

O mercado semanal de Potes é uma tradição que se mantém desde a idade Média. Realiza-se todas as segundas-feiras, entre as 9h e as 14h em torno da praça Jesús de

Monasterio e é um lugar de encontro e de venda dos produtos mais emblemáticos da comarca de lebaniega.

No mercado existem todos os tipos de produtos alimentares tradicionais; Queijos, enchidos, presunto, mel e a famosa aguardente “Orujo”, destacando-se os produtos utilizados no cozido tradicional de Cantábria, tais como o grão, as couves, as carnes e os enchidos. Além de produtos de gastronomia encontram-se muitas bancas de roupas, utensílios e antiguidades, calçados, artigos em couro, sinos, guizos e outros objectos que são usados nos animais.

Para visitar o mercado terá que estacionar a viatura em algum local nas proximidades e deslocar-se a pé até à zona mais antiga.

Mercado de Posada de Valdéon - Castela e Leão

Contrariamente a Cangas de Onís e a Potes, em Posada de Valdéon, não se efectua nenhum mercado semanal. No entanto, turistas e visitantes podem adquirir os produtos tradicionais da região em várias lojas existentes, como por exemplo na “Quesaria Picos da Europa” conhecida por vender o famoso queijo de Valdéon.

Durante o ano existem algumas feiras importantes:

- Feira da truta – celebra a abertura da temporada de pesca (finais de Abril, princípios de Maio)
- Feira de artesanato e gado – celebra-se no primeiro fim-de-semana de Outubro.
- Feira da matança – Matança dos porcos – Celebra no segundo fim-de-semana de Dezembro

6- Festa da Castanha nos Picos da Europa

Todos os anos se realiza em Arriondas, um “Certamen de la Castaña y los Productos de la Huerta” que é organizado pelo “Ayuntamiento de Parres”.

Este certame que decorre durante um fim-de-semana no início de Novembro, pretende promover a divulgação da castanha e dos produtos hortícolas, assim como outros produtos e serviços ligados ao sector agrícola e à indústria agro-alimentar. Nesse dia em Arriondas, podemos encontrar em exposição as melhores castanhas das Astúrias, que estão a concurso. O preço da castanha varia de ano para ano, mas ronda os 2,50 euros/quilo, podendo atingir os 5 euros/quilo, dependendo da sua qualidade e tamanho.

Mais de 100 expositores mostram os seus melhores produtos nesse dia; encontramos todo tipo de produtos da horta asturiana, bem como produtos ecológicos, artesanato e

doçaria. Além da castanha, podemos também saborear, queijos, enchidos, doces, sidra, etc..

Para além de diversas actividades de carácter folclórico, gastronómico e lúdico os participantes e produtores de produtos hortícolas, agrícolas ecológicos, os artesãos, os profissionais e amadores de pastelaria são avaliados por um júri, que atribui um prémio entre as diferentes secções, incluindo o concurso de escanciadores de sidra que se celebra no domingo à tarde.

No domingo, para além um festival de música asturiana (bandas típicas da região dos Picos da Europa) é feito um magusto popular com oferta de castanhas aos visitantes da feira, bem como a sidra doce que é a bebida que nesta região, acompanhada as castanhas.

Também os bares e restaurantes de Arriondas se associam à festa, oferecendo, nesses dias aos clientes, degustação de tapas e elaborando pratos onde a castanha está presente.

Antigamente, nos Picos da Europa a castanha era um dos motores económicos desta região e uma forma de sobrevivência para muitos, dessa forma, esta festa tem imenso sentido existir.

7-Descida internacional do rio Sella

A descida internacional do Rio Sella em canoa é uma competição que nasceu nos anos 30 e é tão espectacular como bonita. Trata-se de uma descida de 20 km, desde Arriondas até Ribadesella, ao longo do Rio Sella, na qual participam mais de 1500 embarcações e tem lugar todos os anos no primeiro sábado de Agosto (excepto quando o primeiro sábado é dia 1 ou 2). A descida Internacional do rio Sella é também conhecida nas Astúrias como "La Fiesta de Les Piragües". Nesta prova asturiana participam atletas de todo o mundo, é uma das provas de canoagem que mais gente atrai a Espanha.

O crescente interesse que este evento vem suscitando de ano para ano, fez com que esta fosse a primeira festa espanhola de carácter festivo-desportivo a ser declarada oficialmente como Festa de Interesse Turístico Internacional.

A competição é organizada pela Federação Espanhola de Canoagem, pela delegação do Comité Organizador da Descida do Sella, e pela Federação de Canoagem do principado de Astúrias.

A descida do Rio Sella não é apenas para os atletas profissionais, os visitantes também podem fazer a descida em canoa no mesmo dia da famosa prova desportiva "Descenso Internacional del Sella". E são muitos os que participam nesta descida para desfrutar

da Natureza, apreciar paisagens naturais e o encanto desta região, alugando a canoa e o restante material numa das várias empresas de turismo activo existentes no local.

Nesse dia, logo pelas primeiras horas da manhã chega a Arriondas um comboio vindo de Oviedo e de Ribadesella, repleto de pessoas que querem assistir à partida dos milhares de atletas. Enquanto os atletas se preparam, as ruas de Arriondas vão se transformando num colorido desfile de multidão que se dirige para presenciar o início da prova. Por volta das 12h são lidos vários versos tradicionais que assinalam a partida e de forma oficial inicia a competição com o entusiasmante apoio dos espectadores.

No final da prova a festa continua nos “Campos de Ova”, onde são entregues os troféus aos vencedores de cada categoria e celebra-se com comida campestre. A bebida mais destacada é a Sidra Asturiana. Quando chega a noite tanto em Arriondas como em Ribadesella a diversão continua até de madrugada nos bares e tabernas populares.

8- Caça e pesca nas Astúrias - Picos da Europa

Na região das Astúrias existe um grande respeito pela natureza e uma enorme preocupação em promover um equilíbrio do ecossistema e dos locais naturais, para que estes continuem a funcionar em ecossistemas harmoniosos. Esses valores têm passado de geração em geração e a forma como têm sabido proteger e preservar esse património, fez com que a região das Astúrias e dos Picos da Europa, se tornasse num destino ideal para o lazer e para prática de desportos de natureza.

Esta riqueza natural, onde a flora e fauna coexistem em harmonia de cores, formas e aromas que encantam os nossos sentidos, é um paraíso para os amantes da caça, pesca e natureza.

Existem algumas zonas livres, onde apenas é necessário a licença para caçar ou pescar, no entanto, há restrições e muitas zonas são protegidas. Para que a prática da caça ou pesca se faça em segurança, é indispensável obterem-se as licenças necessárias e saber-se quais as épocas e locais recomendados para cada actividade. O ideal é procurar informação nas entidades responsáveis, como por exemplo, nas Federações de Caça e de Pesca do Principado das Astúrias, que, para além de terem um papel regulador, são também quem fiscaliza essas actividades.

Caça nas Astúrias

A caça nas Astúrias é muito conhecida por ser rica em variedade de espécies, pelas diferentes modalidades de caça existentes e pelo extenso território disponível para essa prática (mais de 900.000 hectares). De acordo com as normas legais nas Astúrias, independentemente de ser propriedade pública ou privada, qualquer terreno pode ser classificado como zona de caça de uso comum, ou como zona de caça de regime

especial. Nos terrenos de caça de uso comum, o exercício da caça é livre, apenas se tem que obter a licença de caça e o seguro de responsabilidade civil obrigatório; nos terrenos de uso de regime especial de caça, para além da licença de caça é necessário uma autorização especial, cujas condições variam em função do tipo e das características do terreno em questão. Existem ainda áreas criadas para garantir a preservação de determinadas espécies de animais selvagens (“refúgios”) onde o exercício da caça é permanentemente proibido.

Um dos grandes atractivos na caça nas Astúrias é o facto de se poderem encontrar nos cumes mais altos da cordilheira cantábrica, cabras, veados, sem esquecer o javali, em torno do qual gira grande parte da caça nas Astúrias.

Todos os anos durante a época de caça são capturados centenas de animais das diversas espécies que habitam a região; veados, cabras de montanha, gamos, javalis, coelhos, lebres, perdizes, codornizes, etc.

Evidentemente que existem também espécies protegidas e que são proibidas de caçar, como por exemplo (entre outras) o urso cantábrico e o urogallo.

Pesca nas Astúrias

Para os amantes de pesca, as Astúrias revela os seus segredos mais íntimos; cascatas de prata, rios repletos de salmões e trutas e um curso de água puro! Um verdadeiro deleite para o pescador, em cada lançamento.

Uma região que tem vindo a preservar a natureza, para que até hoje se possa desfrutar em toda a extensão geográfica, (desde a nascente do rio Eo, até Cares) de 63 zonas de pesca de salmão e 44 de trutas. Anualmente pescam-se entre todos os rios, aproximadamente 2.000 salmões e 1.000.000 trutas. Existem zonas de regime especial e zonas livres. Geralmente, a licença de pesca do salmão limita-se aos rios: Eo, Porcía, Navia, Narcea, Nalón, Sella, Cares, Deva e Esva. Em Março dá-se início à época da pesca, terminando a sua temporada a meados ou finais de Julho.

Não é de estranhar que a pesca destas espécies seja um acontecimento anual de grande importância no Principado das Astúrias, em especial a pesca ao salmão, já que está ligada a um evento popular, aguardado todos os anos com grande expectativa: a caça para o “Campanu”.

Pesca do “Campanu” – O Primeiro Salmão

No início da temporada da pesca ao salmão nos rios asturianos e cantábricos, existe uma tradição: a caça para o “Campanu” popular. Denomina-se de “Campanu”, ao primeiro salmão que se pesca nos rios asturianos e cantábricos, assim que começa a campanha. Em geral, usa-se essa denominação para o primeiro salmão de cada um dos

rios, no entanto, o que recebe maior protagonismo é o primeiro da época/ano a ser pescado, seja de que rio for. O pescador do primeiro salmão tem o direito de o leiloar a qualquer pessoa ou restaurante, o que dado à excepcionalidade do “campanu” faz com que a sua venda em hasta pública alcance preços muito elevados; pode variar entre 2 mil a 18 mil euros.

Conhece-se por este peculiar nome, “campanu”, dado que antigamente, quando se pescava o primeiro salmão, todas as igrejas faziam tocar os seus sinos (campanas em Espanha) para dar a conhecer o acontecimento a todos.

9 – Os Melhores miradouros dos Picos da Europa

O Parque Natural dos Picos da Europa estende-se pelo Principado das Astúrias e pelas Comunidades Autónomas de Cantábria e Castela e Leão, abrangendo a totalidade do maciço dos Picos da Europa e parte da Cordilheira Cantábrica. Divide-se em três zonas distintas: o Maciço Ocidental, o Maciço Central, e o Maciço Oriental. Por toda a região, a possibilidade de descobrir a sua extraordinária beleza e desfrutar de uma paisagem de suaves colinas verdejantes e de respeitáveis montanhas é constante nos diversos miradouros existentes.

Sabendo que cada pessoa terá a sua percepção, o objectivo deste artigo é indicar alguns locais com uma vista impressionante, num roteiro de miradouros de uma das mais belas regiões de Espanha – Os Picos da Europa:

- Miradouro de “ Pedro Udaondo” em Asiego, Cabrales, Astúrias. Vistas para o Pico de Urriellu (Naranjo de Bulnes) - Maciço Central;
- Miradouro del “Pozo de la Oración” en Poo de Cabrales- Vista para o Pico de Urriellu (Naranjo de Bulnes);
- Miradouro de “Camarmeña”-Vista para o Pico de Urriellu (Naranjo de Bulnes) - PuentePoncebos, Cares;
- Miradouro de Llesba - na estrada que liga Potes com Riaño e Valdeón;
- Miradouro del Puerto de Panderruedas – Na estrada que vai desde Riaño ou desde o PuertodelPontón e que nos leva para a Posada de Valdeón – Vistas para o Maciço Central dos Picos da Europa;
- Puerto de Pandetrave - Na estrada que vai desde San Glorio ou Riaño e que nos leva a Santa Marina de Valdeón e Posada de Valdeón – Vistas para a Torre Bermeja do Maciço Ocidental dos Picos da Europa;
- Ermita de San Miguel - Junto ao Mosteiro de Santo Toribio de Liebana, Cantabria. - Vistas para o Maciço Oriental dos Picos da Europa;

- Miradouro de Cordiñanes, situado na estrada que une Posada de Valdeón com Cordiñanes e Cain - Amplas panorâmicas para um espectacular bosque;
- Miradouro Entre Lagos en los Lagos de Covadonga - Belas perspectivas de ambos os lagos(Enol e o Ercina) e das montanhas circundantes;
- Miradouro de Sajambre, León – Na estrada que une Cangas com Oseja de Sajambre e Riaño, - Vista das montanhas que nos rodeiam e sobretudo dos bosques, que no outono é absolutamente espectacular;
- Miradouro de Canales- Na estrada que vai de Cangas de Onis a Arenas de Cabrales - Magnífica vista dos vales circundantes e da própria estrada que serpenteia por entre a montanha e as profundidades do ríoCasaño.
- Miradouro del Teleférico de Fuente Dé, Cantabria.

10- O que fazer nos Picos da Europa (Astúrias) quando chove?

Os Picos da Europa são uma formação montanhosa no norte de Espanha, que se estende pelas províncias das Astúrias, de Cantábria e de Castela e Leão. Os seus cumes ultrapassam os 2000 metros e os ventos dominantes na região, são de origem oceânica.

Dado a sua condição geográfica, é frequente que independentemente da altura do ano ocorra alguma precipitação nos Picos da Europa, nomeadamente nos meses de Primavera e Verão.

Actividades de Turismo Activo nas Astúrias quando chove:

No entanto, independentemente da estação do ano e das condições climatéricas, nos Picos da Europa não faltam atractivos e há sempre o que fazer e visitar, mesmo quando chove;

Actividades de Turismo Activo quando chove:

Existe uma grande oferta de actividades e empresas na zona, que, tal como a Frontera Verde Aventura, se dedicam à prática de diversas actividades, dispondo para isso de material e equipamentos próprios, para cada modalidade.

- Actividades que são afectadas: Pequenas chuvadas ou aguaceiros esporádicos em nada afecta, no entanto, se chover durante alguns dias consecutivos e com alguma abundância, pode comprometer actividades tais como; descida do rio Sella, Canyoning e Rafting.

- Actividades que se fazem com chuva: A actividade de Ruta del Cares, Lagos de Covadonga, Passeios a Cavalo e moto-4, são actividades que se fazem mesmo com chuva, aconselha-se apenas o uso de um impermeável.

- Actividades que a chuva não afecta nada: Destaque para a espeleologia que sendo uma modalidade dentro de grutas a chuva não influencia essa actividade.

Outras coisas que fazer nos Picos da Europa quando chove:

- Prove a Gastronomia dos Picos da Europa – Quer seja nas Astúrias, Cantábria ou Castela e Leão, existem diversos locais onde pode saborear os pratos típicos e a gastronomia desta região. Prove também a famosa Sidra e os licores tradicionais. Existem sítios fantásticos para degustar Sidra e a acompanhar, uns petiscos típicos!

- Se o tempo estiver verdadeiramente mau e o mar ficar muito agitado, poderá aproveitar para apreciar os “Bufones” que se formam nessa altura nalguns locais da costa, como por exemplo na zona de Llanes.

- Visitar museus temáticos ou alguma queijaria de Cabrales, onde poderá aprender e saber algo mais sobre a história e cultura dos Picos da Europa.

- Passear no Comboio FEVE - Tem um percurso tranquilo e relaxado entre Arriondas e Ribadesella e daí, até Llanes. Desfrute de uma paisagem excepcional ao longo do rio Sella e junto à costa.

- Visitar “La Santina” de Covadonga –Conhecida popularmente como La Santina, a Virgem de Covadonga, é uma imagem da Virgem Maria que se encontra numa gruta em Covadonga. É possível fazer uma visita à Santa Cueva e ainda conhecer a Basílica de Santa Maria la Real de Covadonga, um edifício de estilo neo-românico.

- Percursos de carro – Pode também passear de carro e observar a natureza, planear paragens nos diversos miradouros existentes nos Picos da Europa, e daí apreciar as belas paisagens.

11- Actividades com crianças nos Picos da Europa

Os Picos da Europa é um excelente destino para viajar com as crianças, pois oferece muitas possibilidades para descobrir os aspectos naturais (geologia, fauna, flora) e também apreciar as suas magníficas paisagens.

Embora o Parque Nacional esteja dividido entre 3 regiões (Astúrias, Cantábria e Leão), a mais extensa e melhor para realizar percursos pedestres com as crianças, é as Astúrias.

As actividades dos Picos da Europa mais recomendadas para fazer com as crianças são:

- Actividades de Turismo Activo – Existem algumas empresas, que, tal como a Frontera Verde Aventura, proporcionam diversas actividades e material adequado para crianças, como por exemplo para a descida do rio Sella, espeleologia, passeios a cavalo e em todo-o-terreno (4x4) e actividades em parque aventura.
- Percurso pedestre dos lagos de Covadonga: permite levar carrinhos de bebés e podemos ter uma vista maravilhosa entre os lagos. O início do percurso é na zona do Santuário de Covadonga e termina num miradouro entre os lagos.
- Teleférico de Fuente Dé: É uma forma de todas as pessoas (independentemente da idade e condição física) conseguirem chegar ao miradouro “El Cable”. Lá no alto, consegue-se ver todo o esplendor dos Picos da Europa e da zona pertencente á Cantábria.
- Centro de interpretação dos Picos da Europa: Em Sotama, podemos visitar uma exposição gratuita e desfrutar da paisagem do seu miradouro.
- A Ruta del Cares – Apesar de ser um dos percursos mais visitados dos Picos da Europa, A Ruta del Cares não é recomendável para crianças, pois tem zonas de precipícios e algumas pedras soltas no caminho.

12 – O que é a Sidra das Astúrias

A sidra provém da maçã, um dos frutos mais característicos das Astúrias. Trata-se duma bebida de baixo teor alcoólico, entre 4, 5 e 6 graus, obtida a partir da fermentação do mosto natural e fresco de distintas variedades de maçãs (ácidas, doces e amargas), tendo em comum a sua textura e o facto de serem rijas, mesmo quando estão maduras. Os pomares asturianos ocupam uma área superior a sete mil hectares e existem nesta região, mais de 500 variedades de maçã. Nas Astúrias são produzidos por ano, cerca de 50 milhões de litros de sidra, repartidos entre os 80 lagares da região, localizados sobretudo em Gijón, Villaviciosa, Nava e Siero. De toda a sua produção, 95% são consumidos nas Astúrias, que por sua vez é responsável por 80% da Sidra produzida em toda a Espanha.

Nas Astúrias a sidra tem uma tradição muito enraizada e distinta de qualquer outro local onde se produz esta bebida; a sidra é a bebida de referência para convívios e festas.

A sidra é servida como acompanhamento de vários pratos típicos da zona, sem esquecer o famoso queijo “Cabrales”. Bebe-se em pequenos goles ("culinos") escanceados em copos típicos. É consumida durante todo o ano, no entanto, como é uma bebida refrescante, tem maior procura durante os meses de verão e outono.

Como se faz a Sidra nas Astúrias

A elaboração da Sidra começa desde logo na época da colheita da maçã, que geralmente se efectua na segunda quinzena de Outubro, mas pode variar, entre finais de Setembro e finais de Dezembro, dependendo da variedade da maçã e das condições meteorológicas de cada ano. Devido à inclinação dos terrenos apanha é feita, quase na sua totalidade, por um processo manual “pañarmanzana”, método utilizado até aos dias de hoje.

Depois de colhida, a maçã é transportada para os lagares onde se realiza uma primeira análise visual, sendo retiradas as que apresentam alguma anomalia (rachadas ou estragadas). Posteriormente, as maçãs são submetidas a uma lavagem com vários pontos de água à pressão, para que seja eliminada toda a sujidade agarrada. Depois passam para um escorredor onde se faz uma última selecção retirando-se as que não estão em óptimas condições e finalmente são cortadas numa espécie de moinho triturador. Do triturador, a maçã passa directamente para as prensas do lagar. A partir desse momento e como é comprimida, a maçã vai começar a libertar um líquido que é chamado de Sidra Doce e que não é mais que sumo de maçã. A sidra doce tem que ser consumida nos primeiros dias, pois após isso, entra em fermentação e o sumo vai perdendo o doce. A Sidra Doce só se encontra disponível na altura em que é produzida e durante um curto período de tempo, sendo tradição nas Astúrias, beber sidra doce juntamente com as castanhas, nos magustos em Novembro.

O processo de elaboração da sidra é uma fermentação controlada (fermentação do mosto por acção de leveduras; fermentação alcoólica) em ambiente com uma temperatura de 14-15º e por um período de cerca de 6 meses. Até meados de Janeiro e Fevereiro, procede-se à trasfega (“trasiegos” rotativos), que consiste no processo de separação e remoção de impurezas, movendo o líquido (sidra) de um recipiente para outro. Cada lagar decide a melhor altura para esta etapa, no entanto, segundo a tradição, a melhor altura é durante o quarto mingunte de Janeiro, altura em que o gás carbónico está mais “adormecido” e não se perde no transbordo. Depois, o líquido fica em repouso por mais 2 a 3 meses, sendo periodicamente controlada a concentração de açúcares para verificar a evolução da fermentação.

Após este processo e quando o “llagarero” (dono do lagar) achar que a sidra está no “ponto”, é engarrafada em garrafas de 0,750l ou de 1litro.

Em geral, as primeiras sidras do ano surgem entre Março e Abril.

Para que não altere o sabor nem as suas qualidades, a sidra deve ser consumida até um ano após ser engarrafada e conservada em locais húmidos e com temperatura constante entre o 13-14 graus.

Os tipos de sidra asturianas

Nas Astúrias, existem 6 tipos de Sidra registadas:

Sidra Doce: é a resultante do primeiro sumo da maçã prensada e antes de se dar a fermentação. É tradição beber a sidra doce com castanhas assadas, em Novembro, na época dos magustos.

Sidra Gelo: é artesanal e feita em pequenas quantidades. É obtida a partir da fermentação do sumo de maçã congeladas naturalmente, pelo que, com a eliminação da água do gelo, fica com uma maior concentração de açúcares e no final, com mais graus.

A “tradicional” Sidra Natural: é o sumo de maçã fermentado, sem adição de açúcar, contém apenas carbono. É a tradicional sidra, tomada escanceada e que normalmente é apresentada em garrafa verde.

Sidra natural Ecológica: é uma variante da sidra tradicional, elaborada a partir de maçã ecológica, de plantações controladas por “el Consejo de la Producción Agraria Ecológica” do Principado de Astúrias (COPAE). O mesmo conselho também supervisiona a elaboração do produto.

Sidra natural D.O.P. Sidra de Astúrias: A sua produção está sujeita a vários procedimentos, nomeadamente, o uso exclusivamente de maçã asturiana. Desde o início até ao fim, o processo produtivo está sujeito a vários testes e a rigorosos controlos, por parte do Conselho (COPAE).

Sidra das Astúrias: A sidra das Astúrias é registada num conselho Regulador, submetida aos seus controlos e elaborada a partir de variedades de maçãs reconhecidas pelo conselho e inscritas no registo de produtores. Para além disso, as empresas são obrigadas a cumprir com as regras e rigorosos procedimentos impostos pelo conselho, relativamente às instalações, às práticas utilizadas e à rotulagem.

Onde e como se bebe a sidra asturiana tradicional

A cultura que gira em torno da sidra nas Astúrias é algo que não passa despercebido aos visitantes. Aqui é o único sítio do mundo onde se escança a sidra.

A forma artesanal como é produzida, faz dela o produto típico mais desejado pelos turistas, nas Astúrias. O melhor lugar para degustar uma sidra é numa das muitas Sidrarias, que abundam pela região. Até porque beber sidra, requer um ritual próprio; o escancear, uma técnica muito particular que requer uma notável habilidade e precisão.

Os escanções conseguiram com a sua técnica, levar a sidra tradicional ao ponto máximo de qualidade, melhorando notavelmente o sabor e aroma deste tipo de sidra.

O processo de escançar a sidra consiste em servir a bebida da garrafa para o copo a uma altura considerável, para que esta, ao embater “nas bordas” do copo produza

umas pequenas borbulhas (gás carbónico) que arrastam o aroma da sidra dando-lhe um sabor inesquecível.

Uma vez no copo, deve beber-se imediatamente (“culete”), de forma continuada, para se desfrutar do sabor e das borbulhas provocadas pelo escanceio. Os copos têm um formato amplo para que quando se bebe, se introduza o nariz no seu interior e se possa apreciar o aroma da bebida. Uma garrafa dá para dividir por seis doses (seis “culetes”) de sidra.

13 - Encuesta a los visitantes Picos de Europa

Este cuestionario es parte de un estudio sobre el interés y conocimiento de los turistas sobre el patrimonio natural y cultural de los Picos de Europa. Su participación es una contribución clave para este estudio y así conocer el interés de los turistas por esta región.

Escriba su opinión o coloque una “X” en su elección.

1-¿Cuál es su lugar de **residencia**? (Estado, provincia y ciudad): _____

5.1- ¿**Vive o ha vivido** en el campo? S N

5.2 – ¿Tiene o ha tenido **contactos regulares** con el modo de vida en las zonas rurales? S N

2 - ¿Qué **tipo de viaje** que está haciendo? Individual Pareja En familia En grupo

6.1 - ¿**Cuántas personas** viajan con usted?

6.2 – **Adultos** **Nº niños (0-14)** **Nº. Joven (15-24)**

3- ¿Que **medio transporte** a usado para llegar a los Picos de Europa?

Coche	<input type="checkbox"/>	Autobús	<input type="checkbox"/>	Tren	<input type="checkbox"/>	Avión	<input type="checkbox"/>	Autocaravana	<input type="checkbox"/>	Otro	<input type="checkbox"/>
-------	--------------------------	---------	--------------------------	------	--------------------------	-------	--------------------------	--------------	--------------------------	------	--------------------------

4 - ¿**Es la primera vez** que visita los Picos de Europa? S N .. Nº de veces en el último año

5 - ¿Cuánto tiempo van a **permanecer** en esta región? (días)

6 - ¿Cuáles son las razones que le llevaron a pensar en hacer este viaje? (opciones de orden del 1ª al 8ª, siendo 1ª su primera opción):

Para descansar		Escapar de la ciudad		Admirar el paisaje		Los deportes extremos	
Visitar montañas y espacios naturales		Visitar sitios históricos		Conocer tradiciones		Senderismo	

7- Aproximadamente, ¿que cantidad de dinero tiene **pensado gastar o a gastado** en cada una de las siguientes secciones?

Transporte	€	Alimentación	€
Alojamiento	€	Actividades de ocio	€
Otros	€		

8- ¿En que tipo de **alojamiento** está alojado?

Parador	Hostal	Albergue	Hotel	Nº estrellas _____
Camping	Casa de aldea	Casa particular	Otro	¿Cuál? _____

8.1 ¿**Por qué ha elegido** este tipo de alojamiento?

9-Aparte de los Picos de Europa, ¿que otros lugares **visitaron o visitarán en este viaje**?
¿Cuánto tiempo cree estar en cada lugar?

Lugar	Tiempo (días)

10- Indique **otros lugares** de España o del mundo, **similares** a los Picos de Europa:

11- Según su criterio, indique en una escala del 1 al 10 los siguientes recursos de los Picos de Europa: (sabiendo que **1 es muy malo** y **10 es excelente y no sabe (N/S)**)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	N/S
<i>La calidad de los recursos naturales (montañas, ríos, lagos...)</i>											
<i>La conservación de los recursos naturales</i>											

<i>El calidad de las casas y monumentos</i>																				
<i>La conservación de casas y monumentos</i>																				
<i>La hospitalidad de la población local</i>																				
<i>La riqueza de las tradiciones locales</i>																				
<i>La calidad de la gastronomía</i>																				
<i>La calidad de las instalaciones</i>																				
<i>La calidad de actividades de turismo activo</i>																				
<i>El éxito total de su viaje</i>																				

12- Sexo M F

13- Edad

14- Nivel academico:

15- ingresos mensuales netos del hogar

<i>Escuela primaria</i>	
<i>Enseñanza secundaria</i>	
<i>Diplomado</i>	
<i>Licenciado</i>	
<i>Doctorado</i>	

<i>< 1000€</i>	
<i>1001€ a 2000€</i>	
<i>a 2001€ a 3000€</i>	
<i>3001€ a 4000€</i>	
<i>>4001€</i>	

14 - Inquérito aos visitantes dos Picos da Europa

Este questionário enquadra-se num estudo sobre o interesse e conhecimento dos turistas sobre o património natural e cultural dos Picos da Europa. A sua participação é um contributo fundamental para este estudo e para se conhecer o interesse dos turistas sobre esta região. Escreva a sua opinião ou coloque um "X" na sua escolha.

1- Qual a sua zona de **residência**? (Estado, província e cidade): _____

5.1- **Vive ou viveu** no campo? S N

5.2 – Tem ou teve **contactos regulares** com o modo de vida nas zonas rurais? S N

2 - Que **tipo de viagem** está fazer? Individual Par Em familia Em grupo

6.1 - **Quantas pessoas** viajam consigo?

6.2 – Adultos Crianças (0-14) Jovens (15-24)

3– Que **meio de transporte** usou para chegar aos Picos da Europa?

Carro	Autocarro	Comboio	Avião	Autocaravana	Outro
-------	-----------	---------	-------	--------------	-------

4 - **É a primeira vez** que visita os Picos da Europa? S N .. Nº de vezes no último ano

5 - Quanto tempo pensa **permanecer** nesta região? (dias)

6 - Quais as razões que o levaram a fazer esta viagem? (opções de 1 até 8, **sendo 1 a sua primeira opção**):

Para descansar	Fugir da cidade	Admirar a paisagem	Desportos radicais
Visitar montanhas e espaços naturais	Visitar sítios históricos	Conhecer tradições	Pedestrianismo

7- Aproximadamente, que quantia **gastou** ou pensa **gastar** em cada uma das seguintes secções?

Transporte	€	Alimentação	€
Alojamento	€	Atividades de lazer	€
Outros	€		

8- Em que tipo de **alojamento** ficou hospedado?

Parador	Hostel	Albergue	Hotel	Nº estrelas _____
Camping	Casa de aldeia	Casa particular	Outro	Qual? _____

8.1 **Porque escolheu** esse tipo de alojamento?

9- Para além dos Picos da Europa, que outros **locais visitou** ou **vai visitar** nesta viagem? Quanto tempo pensa ficar em cada um deles?

Lugar	Tempo (dias)

Indique outros locais de Espanha ou no mundo, que ache **semelhantes aos Picos da Europa**: _____

11- Seguindo a sua perceção dos Picos da Europa classifique numa escala de 1 a 10 (sabendo que **1 é péssimo, 10 é excelente e N/S é não sabe**)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	N/S
Qualidade dos recursos naturais (montanhas, rios, lagos...)											
A conservação dos recursos naturais											
A qualidade das casas e dos monumentos											
A conservação das casas e dos monumentos											
A hospitalidade da população local											
A riqueza das tradições locais											
A qualidade da gastronomia											
A qualidade das instalações											
A qualidade das atividades de turismo ativo											
O êxito total da sua viagem											

12- Sexo M F

13- Idade

14- **Nível académico:**
familiar

Ensino primário	
Ensino secundário	
Licenciado	
Mestrado	
Doutorado	

15- **Rendimento líquido mensal do agregado**

< 1000€	
1001€ a 2000€	
a 2001€ a 3000€	
3001€ a 4000€	
>4001€	

